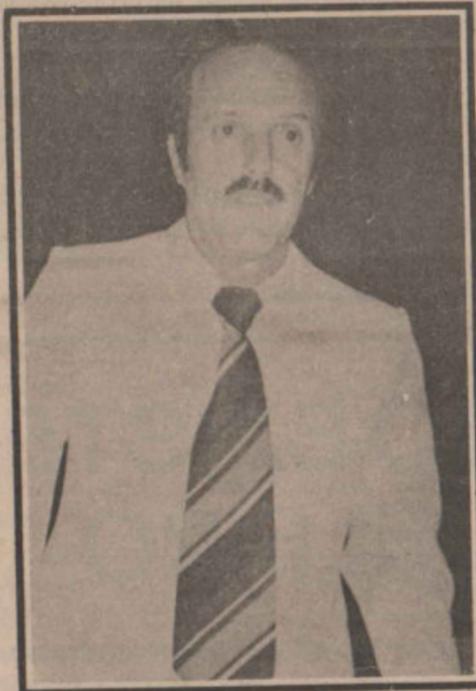




COOPERATIVISMO NOS DESTAQUES DA RBS



Os destaques da Rede Brasil Sul de Comunicações em sua 10ª edição, correspondente ao ano de 1976, incluiu mais uma categoria empresarial à lista dos homenageados. É o cooperativismo. A láurea foi conquistada pela COTRIJUI (Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda.), através de seu diretor-presidente, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva. A relação de Destaques inclui o presidente Ernesto Geisel como a Personalidade do Ano. A festa de entrega dos troféus aconteceu nos salões de festa da Associação Leopoldina Juvenil, em Porto Alegre, na noite de 12 de abril, com a presença das altas autoridades do Estado, direção da RBS, personalidades do jornalismo e convidados especiais. Em Ijuí, na noite de 25 de abril, também houve homenagem ao cooperativismo. Nas fotos aparecem da esquerda para a direita o prefeito municipal, Wilson Maximino Mânica e o sr. Reinholdo Luiz Kommers, falando em homenagem a Ruben Ilgenfritz da Silva e ao cooperativismo como sistema econômico reconhecidamente válido. Nas páginas 10 e 11, detalhes das homenagens.



**GETÚLIO VARGAS
O NAPOLEÃO QUE
NÃO GUERREOU**

— Página de História —

**PESQUISA NO MAR
ENTRE RUSSOS E
AMERICANOS**

— Página de Mundiais —

**DEDICAR ATENÇÃO
À ECOLOGIA É UM
DEVER DE TODOS**

— Página de Ambiente —

**REGIÃO AGUARDA
RECURSOS PARA
A RS-155**

— Página de Municípios —

**PIETRO MASCAGNI
E A “CAVALLERIA
RUSTICANA”**

— Página de Música —

**CIGARRO: UM MAL
QUE PRECISA SER
CONTROLADO!**

— Página de Saúde —

**PERSPECTIVAS DA
AGRICULTURA EM
DOM PEDRITO**

— Página de Técnicos —

**ANÁLISE SOBRE O
COOPERATIVISMO
NA FRANÇA**

— Página de Economia —

**COMO SE CORRE A
CARREIRADA EM
CANCHA-RETA**

— Página de Folclore —



Rua das Chácaras, esquina
Av. Porto Alegre,
Caixa Postal, 111
IJUI - RS.

CGC ICM - 065/0007700
Inscr. INCRA Nº 248/73
CGC MF - 90726506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO
Diretoria Executiva

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva
- Eng. Agr.

Vice-presidente: Arnaldo Oscar
Drews.

Superintendente: Clóvis Adriano Fa-
rina.

Diretores Contratados:

Alceu Carlos Hickembick, Euclides
Casagrande, Léo Miron, Nedy Rodri-
gues Borges, Neley Rospide Nunes,
Oswaldo Olmiro Meotti e Werner Er-
win Wagner.

Conselheiros (Efetivos)

Alberto Sabo, Alfredo Driemeyer,
Hugo Lino Costa Beber, Pedro Bi-
zarello, Flávio Sperotto e Reinhol-
do Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Antonio Primo, Itavino Sperotto,
Herbert Hintz, Carlos Krüger, Ama-
ry Marcks e Renaleto Fontana.

Conselho Fiscal (Efetivos)

José Cláudio Kohler, Emilio Uhde e
Zeno Foletto.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Mário Euzires de Moura Guterres,
Harry Reisdorfer e Olderige Antonio
Bertol.

Capacidade em Armazenagem

IJUI (Sede)	164.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	60.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Vila Jóia	60.000 T.
Tenente Portela	60.800 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuricaba	30.000 T.
Rio Grande	220.000 T.



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigido ao qua-
dro social, autoridades, universida-
des e técnicos do setor, no país e ex-
terior. Nossa tiragem, 15.000 exem-
plares.

Associado
da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

EXPEDIENTE

Redação e Administração

Rua das Chácaras, esq. Av. Porto Ale-
gre, Caixa Postal, 111
98.700 - IJUI - RS

Registrado no Cartório de Títulos e
Documentos do município de Ijuí,
sob n. 9. Certificado de marca de pro-
priedade industrial M/C11 n. 022.775
de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n.
022.776, de 13.11.1973.

Redator Responsável

- RAUL QUEVEDO -

Registro profissional no MTPS 1176,
matricula no SJPPA n. 550, sócio da
Associação Riograndense de Impren-
sa sob n. 1571.

Composto no JORNAL DA MANHÃ
Ijuí, e impresso em rotativa off-set
no DIÁRIO SERRANO - Cruz Alta.

EDITORIAIS

RISCO DA COMERCIALIZAÇÃO PARA QUEM GERA PRODUÇÃO

Falando há pouco em São Paulo, num Seminário sobre Promoção das Exportações de Produtos Agroindustriais, o diretor-presidente da COTRIJUI, Ruben Ilgenfritz da Silva, disse que a tendência do próprio processo comercial, através das cooperativas, é o produtor comandar as duas portas: produzir e comercializar.

Posteriormente, em mesa-redonda a que participou junto à editoria econômica do jornal "Zero Hora", na companhia do presidente da COTRISA (Santo Ângelo), Jandir Araújo - edição de 17.4.77 - Ruben Ilgenfritz da Silva enfatizou a prioridade para uma agilização de mercado a nível internacional, com a conseqüente necessidade de "correr certos riscos", inclusive, se for o caso, submetendo-se a alguns prejuízos momentâneos, para ganhar no futuro.

Sem dúvida, o risco parece-nos ser inerente à própria possibilidade do lucro. Quem investe o faz tendo como objetivo fundamental, o lucro. É evidente que nem sempre esse fim é alcançado. Mas é um preço que o investidor tem de pagar. No caso do produtor agrícola, bem mais do que as demais atividades, este sujeita-se a deixar de ganhar e, não raro, até a perder. Quantas safras frustradas, principalmente de trigo, tem sido choradas pelo produtor gaúcho? E no entanto, a cada novo ano agrícola, lá está ele mourejando de sol-a-sol na sua propriedade.

Pois bem, quando colhe uma safra que pode ser considerada boa, não chega a se livrar do intermediário que lhe paga preços apenas regulares pelo produto. Quando

colhe mal ou simplesmente não colhe, então não tem a quem reivindicar, pois o intermediário jamais virá em seu auxílio para minimizar prejuízos.

Nos parece haver uma profunda significação social na declaração feita no seminário paulista, pelo presidente da COTRIJUI: "a tendência do processo comercial pelas cooperativas".

Aliás, essa premissa já foi levantada em editorial pelo COTRIJORNAL (janeiro de 1977). É justo que aquele que corre o risco da produção receba um maior quinhão quando da distribuição dessa produção. Mas para que se alcance esse objetivo, faz-se necessária uma reformulação na sistemática de mercado, que seria uma maior participação do produtor no processo de comercialização.

As cooperativas compete essa função, que pode alcançar efeitos sociais, perante as massas consumidoras. As cooperativas de produção, graças a boa política em prol do setor, vem respondendo os apelos da produtividade. Mas essa produtividade, forçoso é reconhecer, não tem chegado à mesa do consumidor a preços razoáveis, pois a chamada "parte do leão" tem ficado com os intermediários. Não será o caso do Governo passar a prestigiar mais as cooperativas de consumo?

Foi essa a tônica do pronunciamento da COTRIJUI em São Paulo, bem como seu apelo à "agilização do mercado a nível de produtor.

O CAMINHO DO DIABO EXISTE: FICA NA "REGIÃO CELEIRO"

Durante muitos anos a expressão "estrada do inferno" encheu os espaços de jornais e revistas para identificar a BR-471, Quinta-Chuí, precisamente no seu ponto de maior concentração de produção, a região orizicola do Taim. Agora, outra rodovia, localizada igualmente em zona de elevada concentração de produção, começa a aparecer sob o cognome maldito. Trata-se da RS-155 (Ijuí-Três Passos), já caracterizada pela revista "Agricultura & Cooperativismo", em sua edição de abril, como o "caminho do diabo".

A revista, editada pela FECOTRIGO, fazendo eco a "Carta Aberta ao Senhor Governador" publicada na edição de março do COTRIJORNAL, qualificou a rodovia como o "verdadeiro caminho do diabo".

Eis o comentário da revista "Agricultura & Cooperativismo": Ao mesmo tempo em que os jornais de todo o país noticiam os resultados das primeiras experiências com soja na Bahia, e quando mais se fala na grande safra deste ano - com exportação, economia de divisas, abastecimento do mercado interno - 16 municípios integrantes da maior zona produtora do Rio Grande do Sul sofrem os mesmos problemas de há vinte anos: 124 quilômetros de barro e buracos.

Em janeiro de 1975, quando o governador Sinal Guazzelli era ainda apenas um forte candidato, o Cotrijornal lhe dedicou uma carta aberta em sua primeira página, reivindicando o melhoramento da RS-155, que liga Ijuí a Três Passos. No exemplar do mês passado, o Co-

trijornal volta, no mesmo local e com o mesmo espaço, a falar na estrada. "Consideramos perfeitamente dispensável lembrar a V. Excelência a importância sócio-econômica dessa estrada para os municípios de Ajuricaba, Catuïpe, Chiapetta, Coronel Bicaco, Campo Novo, Santo Augusto, São Martinho, Redentora, Braga, Humaitá, Miraguaí, Boa Vista do Buricá, Criciumal, Tenente Portela, Três Passos e Ijuí, todos estes em ordem direta", diz o Cotrijornal.

E acrescenta: "Mas achamos conveniente lembrá-lo que nesses dois anos em que a rodovia vem recebendo obras, muito pouco se fez além da definição do traçado e da respectiva abertura dos cortes, apesar da topografia local praticamente não exigir obras de arte. De asfalto, no trecho Ijuí-Santo Augusto, apenas 10 quilômetros estão concluídos".

O Cotrijornal fala ainda em temor, na dificuldade de ter que voltar a enfrentar, a cada inverno, o mesmo obstáculo para escoar o produto que é o principal responsável pela economia de divisas do país nos dias de hoje, e chega inclusive a ironizar: "Tememos mais um inverno (um)", diz o Cotrijornal, "de barro e cerração, com safras (principalmente soja e trigo) que chegam a um milhão de toneladas para transportar em tempo limitado".

Parece, infelizmente, que nem os avisos, nem os temores e nem a ironia surtiram efeito. A região inicia mais um inverno escoando safras através de barro e buracos.

O MULTINACIONAL BANCO DO BRASIL

Importante comentário foi publicado sobre o Banco do Brasil pelo jornal "O Estado de S. Paulo", seção Atualidade Econômica, em edição recente, no qual o influente jornal paulista analisa as vantagens para o País da atuação do banco, a nível internacional. O artigo, intitulado a multinacional BB e sua atuação em favor do País, tem a seguinte redação:

O Banco do Brasil, com sua rede de agências no Exterior e suas participações em outras empresas financeiras, tornou-se realmente uma empresa multinacional. Suas operações ativas (somente através das suas agências) alcançaram, no ano passado, o saldo de US\$ 7.423 milhões. Mas convém notar que essas atividades são essencialmente orientadas em favor do Brasil. Pelo menos é o que se pode concluir da análise do relatório anual do banco.

A rede internacional do Banco do Brasil conta agora com 36 dependências, sendo 20 agências, 14 escritórios e 2 subagências. Três novas agências, dois escritórios e sete outras dependências estão em fase de instalação. Acrescente-se que o Banco do Brasil está associado a seis empresas financeiras implantadas no Exterior e controla duas outras subsidiárias. Esta simples enumeração mostra a importância da distribuição geográfica, que lhe permite colocar-se entre as grandes instituições financeiras do mundo. Nas suas atividades internacionais, o Banco do Brasil conseguiu obter recursos importantes, o que nunca poderia ter alcançado com suas atividades restritas ao Brasil. O saldo dos depósitos interbancários atingiam 300 milhões de dólares no final do ano passado. Os recursos levantados no mercado de "banker's acceptance" passaram em um ano de 324 milhões de dólares para 863. Trata-se, incontestavelmente, de uma atividade que nos permite, indiretamente, aumentar nossas reservas.

As operações de que o Banco do Brasil participou com outros bancos cresceram de 2,2 bilhões de dólares em 1975 para 4,4 bilhões no ano passado. Desses empréstimos, dados por sindicatos de banco dos quais participou o Banco do Brasil, 1.711 milhões foram destinados a empresas estatais ou privadas brasileiras. Podemos ter certeza de que, em muitos casos, a participação do Banco do Brasil nos sindicatos facilitou a realização de operações em favor de empresas brasileiras. Cumpre notar que o Banco do Brasil, graças, em parte, aos recursos que conseguiu obter no Exterior, pôde realizar empréstimos no quadro dos mecanismos da Lei 4.131 e da Resolução 63, cujo saldo se elevou em 1976 a 1.699 milhões de dólares. Somente no ano passado, foram contratadas operações num montante de quase 400 milhões de dólares, o que mostra bem a importante participação do Banco do Brasil no aumento das reservas cambiais.

O Banco do Brasil tornou-se grande financiador dos importadores de produtos brasileiros. O saldo dos seus financiamentos (créditos e fornecedores) elevou-se a 1,5 bilhão de dólares em 1976.

Observe-se, finalmente, que o Banco do Brasil se encarrega de aplicar parte das reservas cambiais brasileiras, podendo, assim, obter reciprocidade de outras instituições financeiras. Seu papel externo é importante e leva-nos a refletir sobre nossa atitude em relação às multinacionais, neste momento em que temos também empresas de porte internacional atuando no Exterior.

GOVERNO AMERICANO AUMENTA O INCENTIVO À AGRICULTURA

WASHINGTON - O Governo do presidente Jimmy Carter propôs uma nova legislação agrícola, que incrementaria, ligeiramente, os subsídios ao milho, trigo e outros artigos importantes, mas deixaria ainda a agricultura do País orientada em grande parte para o mercado.

Os preços de mercado para o trigo, por exemplo, mantiveram-se acima do atual nível de apoio, nestes últimos anos. O novo subsídio proposto - 2,60 dólares por bushell (35,23 litros) - estaria ligeiramente abaixo do preço que atualmente rege o mercado.

O secretário de Agricultura, Robert Bergland, que apresentou as propostas do Governo

a uma comissão do Congresso, assinalou que o novo subsídio do trigo seria quase cinco por cento mais alto do que o subsídio atual. Propôs que se aumente em cerca de três por cento o subsídio do milho - de 1,70 para 1,75 dólar, o bushell. Um novo programa de reservas de alimentos conteria um máximo de 8.160.000 toneladas métricas de trigo norte-americano, pendente de um acordo internacional sobre os estoques.

Os agricultores norte-americanos reteriam seu próprio trigo e, provavelmente, reservas de arroz em suas próprias fazendas.

Subscrever-se-ia um contrato de três anos com os agricultores, pelo qual estes manteriam

o trigo e o arroz de sua gigantesca colheita de 1976 fora do mercado, até que os preços subissem 40 por cento acima do nível de empréstimo. Seriam estimulados a vender quando os preços aumentassem 75 por cento acima do nível do empréstimo.

"Não propomos que o trigo e o arroz sejam vendidos a preços de galinha morta" - disse o sr. Bergland à Comissão de Agricultores e Assuntos Florestais do Senado. "O plano é fixar preços tentadores para 1978, a fim de proporcionar subsídios aos produtores de trigo, de forragem para o gado, de arroz e de algodão, baseados nos calculados custos de produção, inclusive 1,5 por cento do valor da terra.

AMERICANOS E RUSSOS DÃO-SE AS MÃOS NA PESQUISA SUBMARINA

Os mares e os oceanos ocupam 71% da superfície da Terra. Mas apesar dessa extensão, a humanidade colhe só 1% de sua alimentação. Esse rendimento, insignificante, principalmente em se atentando para as necessidades crescentes da humanidade, precisa aumentar em benefício de todos os homens.

Consentizados disso, norte-americanos e russos dão-se as mãos no sentido de pesquisar os mares e deles retirar maiores benefícios.

Artigo técnico distribuído pela Agência de Imprensa Novoski, de autoria do doutor em biologia soviético P. Moiseev, comenta a forma em que se processa a cooperação russo-norte americana no "desvendar dos mistérios dos oceanos, na busca do melhor aproveitamento das riquezas do mar". Damos, a seguir, um resumo do referido artigo.

Num futuro mais próximo, os mares e oceanos se nos afiguram circundados por uma ampla faixa de plantações e granjas submarinas litorâneas em que serão cultivados valiosos produtos alimentícios. De acordo com cálculos preliminares, eles poderão proporcionar 50 e mais milhões de toneladas de produtos. A transplantação de valiosos peixes antárticos para as águas do Hemisfério Norte, de peixes do Oceano Pacífico para as águas do Atlântico e vice-versa, poderá elevar sensivelmente o rendimento destas bacias em matéria de peixe. O amplo aproveitamento dos pequenos crustáceos e, antes de mais nada, dos moluscos antárticos, também fará aumentar a safra das "searas azuis". Finalmente é imprescindível dotar a pesca moderna dum seguro fundamento científico, transformando-a em ramo perfeitamente racional que não prejudique as reservas biológicas do oceano. Para se aproveitar de um modo tão ativo os biorecursos do oceano

e, paralelamente, em vez de esgotá-los, multiplicá-los ainda mais, naturalmente é preciso impulsionar com a mesma atividade as investigações no campo da biologia e ecologia dos habitantes do oceano, da sua estrutura populacional e genética, bem como elaborar e modernizar a técnica de seu cultivo, determinando as possibilidades de sua transplantação para novas regiões, etc. Em outras palavras, impõe-se uma nova atitude para a exploração das reservas vivas do oceano, impõem-se fundamentos científicos duma economia pesqueira altamente eficaz.

Esta tarefa gigantesca não poderá ser solucionada e, menos ainda, num prazo relativamente curto, sem a consolidação dos esforços de vários países. Para tanto serve, entre outros, o acordo soviético-americano de cooperação nas investigações dos mares e oceanos, concluído em 1974.

Técnicos soviéticos e americanos elaboraram um plano quinquenal de esforços coordenados de cientistas de ambos os países na investigação de sistemas ecológicos marítimos e do rendimento biológico, de processos bioprodutivos na zona litorânea, da bioquímica e da fisiologia dos organismos marítimos, biologia da crosta marítima e finalmente, na investigação da ação exercida pela atividade do homem sobre a bioprodutividade dos mares e oceanos. Na realização deste importante programa científico tomam parte 17 estabelecimentos de pesquisa científica da URSS e 22 dos EUA. A cooperação engloba conferências e simpósios, estágios de cientistas de parte a parte, investigações conjuntas coordenadas, expedições, experiências, publicações de obras e monografias científicas.

Nos dois anos desde então decorridos, os cientistas de ambos os países realizaram diferentes investigações de acordo com o plano de

cooperação que fora traçado. No noroeste e na parte central do Atlântico, a bordo de navios-laboratórios soviéticos, cientistas da URSS e dos EUA aplicaram diferentes métodos hidroacústicos para avaliar as reservas de peixe e obter uma característica da composição dos seus cardumes.

Foi iniciado o estudo expedicionário de turbulências (meandros) do Gulf-Stream, dentro das quais se observa uma bioprodutividade acima da média. Servindo-se de aparelhos submarinos habitáveis, técnicos americanos e soviéticos observaram, debaixo da água, a conduta de peixes nas imediações do litoral dos EUA. Por intermédio de 10 barcos-laboratórios soviéticos e do sputnik americano da Terra "Landsat", foram obtidas características oceanológicas conjugadas das camadas superficiais de várias regiões do Atlântico, as quais permitem aperfeiçoar os métodos de revelação desde o cosmo das regiões oceânicas mais bioprodutivas. Nos EUA foi realizado um simpósio conjunto de biologia das comunidades submarinas.

Como vemos, a cooperação soviético-americana no estudo da bioprodutividade dos mares e oceanos progride, contando com um amplo apoio por parte da opinião pública científica de ambos os países. Foram feitas propostas de que esta cooperação fosse ampliada e de que no plano de investigações fossem concluídos novos programas. Tudo isto, como não podia deixar de ser, além de ajudar a aprofundar ainda mais a compreensão entre os povos da URSS e dos EUA, há de acelerar a elaboração de princípios cientificamente fundamentados numa economia pesqueira oceânica racional e altamente rendosa, obra em que estão interessados todos os homens da Terra.

**COMA VEGETAIS E FRUTAS
PARA VIVER 100 ANOS**



Um médico norte-americano, David Reuben, lançou o livro "The Save-Your-Life Diet", que traduzido ao pé da letra quer dizer: salve sua vida pela dieta. Segundo o autor, as mais terríveis doenças do mundo ocidental, responsáveis pela morte ou vida infeliz de milhões de pessoas, deve-se à maneira errada de alimentar-se. Ele diz que nessa questão de alimentos, tribos africanas primitivas de várias partes do continente negro, têm muito a ensinar-nos.

Eis a dieta recomendada pelo dr. David Reuben: alimentos vegetais, de preferência comidos cru ou pouco cozidos, mesmo ingeridos com casca. O médico garante que as fibras vegetais naturais são excelentes e mesmo indispensáveis ao organismo das pessoas.

As pessoas que seguem essa dieta praticamente não sofrerão de ataques cardíacos, flebite, apendicite, hemorróidas, varizes, obesidades e até mesmo o câncer, segundo o dr. Reuben.

No Brasil não é difícil seguir a dieta recomendada pelo médico norte-americano. Vegetais, frutas e produtos de laticínios são encontrados facilmente. De outro modo, é fácil o seu cultivo por qualquer pessoa que possua um pedaço de terra. Uma pequena horta caseira é suficiente para alimentar uma grande família.

**PERIGO! A MORTE PODE
ESTAR NO CINZEIRO**

Os alemães, sempre tão preocupados pela saúde de seus filhos, foram despertados para um alerta publicado há pouco no "Frankfurt Rundschau", o qual, seguindo orientação do Serviço Berlinense de Informações e Combate às Intoxicações, chamava a atenção aos pais para o grande perigo dos cinzeiros com baganas ou carteiros de cigarro, que devem ficar afastados das crianças.

Dizia o anúncio que se uma "criança engole uma bagana de cigarro, resultará em grave envenenamento. Os 20 miligramas de nicotina que um maço de cigarro contém, pode matar uma criança". Esses acidentes são comuns na Alemanha, onde

as mães, quase que sem exceção, trabalham fora, ficando as crianças fechadas nos apartamentos.

O "Frankfurt-Rundschau" deu orientação de como proceder no caso de se constatar acidentes desse gênero: levar a criança ao hospital mais próximo para lhe ser adicionada lavagem estomacal e demais tratamento que cada caso requeira em particular. Mesmo com o atendimento clínico conveniente, salientou o Serviço Berlinense de Saúde Pública, as crianças vitimadas pelo mal do cigarro ficam com fraqueza cardíaca, má circulação e geralmente ficam sofrendo de espasmos e até paralisias respiratórias.

**O CIGARRO DO NÚNCIO E
OS INDIOS XAVANTES**

O núncio apostólico no Brasil, Dom Carmine Rocco, passou o último Natal com os índios xavantes, na região do Grande Araguaia. Viciado que é no veneno-lento da nicotina, andou baforando seu cigarrinho nas narinas dos índios, como se a fumaça tivesse o mesmo valor medicinal que a tradição atribui aos "santos óleos" da Eucaristia.

Os índigenas, apesar de selvagens, tiveram suficiente educação e senso diplomático para não reclamar de sua excelência reverendíssima. Como o hábito de fumar é ato proscrito pela tribo, o cacique xavante, em resposta a um conselheiro, limitou-se a concordar que "o ato de fumar é um mal e ainda fica pior quando praticado por um representante de Deus".

CIGARRO É O PROPRIO BELZEBÚ



A ilustração que estampamos saiu em recente edição do "New York Times", encimando um artigo sobre os perigos do cigarro. Aliás, como pode-se ver do traço de Pat Warner, o cigarro simboliza o demônio, acorrentando os viciados e impondo-lhes todo um caudal de misérias. O artigo do famoso jornal norte-americano terminava conclamando os fumantes: "não seja um escravo de Belzebú. Liberte-se! Ainda é tempo".

O MAMÃO E A BOA DIGESTÃO



Uma porção de mamão antes do café matinal ou após às principais refeições, é um excelente estimulante e regulador das funções digestivas. É fonte de vitaminas A, B e C e rico em papaína, elemento que ajuda os organismos a diluir os alimentos. As pessoas habituadas ao seu consumo geralmente tem o organismo bastante regulado sem necessidade de usar estimulantes químicos.

AJOCOOP LANÇOU O SEU LOGOTIPO

O Departamento de Arte da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre — COOJORNAL — criou logotipo padrão para a Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas — AJOCOOP — cujo clichê estampamos nesta nota. Conforme pode-se observar no desenho, o logotipo representa, através de estudo da sigla AJOCOOP, a idéia de rotativa com o movimento do papel unindo as letras a partir do símbolo universal do cooperativismo. A intenção gráfica do logotipo é expressar dinamismo e união. A comunicação se completa com o nome da associação, por extenso, abaixo da figura gráfica.

A AJOCOOP, fundada em Porto Alegre a 20 de janeiro deste ano, congrega jornais e jornalistas de cooperativas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. É dirigida por José Vieira da Cunha, da COOJORNAL; Valdir A. Heck, "O Interior"; Raul Quevedo, "Cotrijornal" e Francisco Terra Júnior, revista "Agricultura & Cooperativismo".



COLEÇÃO DO COTRIJORNAL

A redação recebeu, a título de doação, uma coleção completa do COTRIJORNAL. O doador foi o sr. Assis Brasil da Rosa, funcionário da Aero Agrícola Cotrijui. Desde o incêndio de outubro de 1975, que destruiu o terceiro pavimento da antiga sede da COTRIJUI, na rua José Hickembick, onde localizava-se a redação do jornal, que os leitores da região ficaram preocupados devido a queima do arquivo e do acervo de várias coleções. Em vista disso, já recebemos várias coleções, pelo que reiteramos nossos agradecimentos.

TOSCANO BARBOSA É EDITOR EM BRASÍLIA

Na época áurea do jornal "A Platéia", de Santana do Livramento, um nome destacou-se no cenário do jornalismo de todo o Rio Grande do Sul, como uma espécie de "papa" do jornalismo do interior. Seu nome, M. Toscano Barbosa, um pelotense audacioso que revolucionou a fronteira sudoeste distribuindo jornais a domicílio, por avião, o que deve-se constituir em fato inédito, no mundo.

Toscano e sua mulher (Angélica) encontram-se em Brasília num confortável apartamento da Super Quadra Sul, onde recebem os amigos, principalmente os gaúchos, com a fidalguia típica da hospitalidade campeira, onde tanto pode-se tomar um legítimo uisque adquirido na Embaixada da Escócia, como uma caipirinha autêntica.

Ele edita o "Jornal dos Transportes", um órgão do Centro de Informática do CEDIN, Ministério dos Transportes. Outro gaúcho que está em Brasília é Adão Carrazzoni, no quadro de redatores do Senado da República.

Durante estada recente em Brasília o redator do COTRIJORNAL foi recepcionado por Toscano Barbosa e Angélica, oportunidade em que o simpático casal demonstrou a admiração que tem pela COTRIJUI e manifestaram a saudade dos pagos, principalmente pela fronteirista Santana do Livramento, onde diz ter vivido seus melhores anos de jornalismo.

NO PARANÁ OUTRA COOPERATIVA DE JORNALISTAS

Segundo notícia veiculada na edição de abril do COOJORNAL, órgão editado pela Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre, foi fundada em Londrina, no Paraná, a segunda cooperativa de jornalistas do Brasil.

A entidade que congrega os jornalistas da importante cidade paranaense foi registrada já com 24 fundadores, mas com possibilida-

des de chegar a 40 na semana seguinte, o que já deve ter acontecido, dada a repercussão favorável do acontecimento. A exemplo de sua congênera de Porto Alegre — e pioneira — a COPJORNAL se propõe a organizar e editar a produção jornalística de seus associados e executar serviços de imprensa e propaganda, entre outros objetivos.

A primeira diretoria da

COPJORNAL é formada pelos jornalistas Leonardo Henrique dos Santos (chefe de reportagem do jornal "Folha de Londrina"), presidente; Maria Cristina Siqueira de Toledo, vice-presidente e Hiran Medeiros Holanda Júnior, secretário. Tem um conselho de administração e um conselho fiscal, formados por cinco titulares e cinco suplentes, respectivamente.

O LEITOR BRASILEIRO E A INDÚSTRIA JORNALÍSTICA

Segundo estatísticas recentes, a indústria jornalística no Brasil coloca nas bancas (ou remete via-postal), 250 jornais diários, 700 semanários e mensários e mais uns 400 títulos de revistas e periódicos. Mas o brasileiro continua lendo pouco, conforme já havíamos analisado no COTRI-

JORNAL que circulou em outubro de 1976.

O "consumo" de jornais no País é da ordem de 37 exemplares diários para cada 1.000 habitantes, enquanto a Argentina consome 154 e o Japão, 519.

Toda a imprensa brasileira atinge a um potencial de leitores

que não vai além dos 20% da nossa população. Isso significa que mais de 80 milhões de brasileiros não tomam conhecimento de nada, vivendo completamente à margem de qualquer informação jornalística. Sem dúvida, essa indiferença nacional para a informação é um mal.

SJPPA COM NOVA DIRETORIA

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre tem nova diretoria desde o dia 25 de abril. A presidência é representada pelo jornalista Antonio Manuel de Oliveira, que substituiu João Borges de Souza.

A solenidade de posse da nova diretoria ocorreu na sede social do Sindicato, à rua dos Andradas, 1270, 13º andar, em ato que contou com a presença de autoridades, convidados especiais e grande número de jornalistas.

É a seguinte a nominata da atual diretoria: Antonio Manuel de Oliveira, presidente; Ruy Carlos Ostermann, 1º vice-presidente; Luiz Claudio Fontoura da Cunha, 2º vice-presidente; Jorge Olavo de Carvalho Leite, 1º secretário; Rosvita Saueressig, 2º secretário e tesoureiros, Carlos Fernando Karnas e Maria Iara Rech Kasper.

Os suplentes são: Jair Cu-

nha Filho, Tomas Irineu da Luz Pereira, Mário Marcos de Souza, Floriano Hengist Corrêa, Ricardo de Leoni Chaves, Alberto Serano e Renato Pinto da Silva.

No conselho fiscal, como efetivos, foram empossados: João Batista de Melo Filho, Luis José Biernfeld Figueiredo e Vilmo Medeiros. E como suplentes:

Antonio Carlos Holfeldt, Darci Silva Dias e Valdir Barbosa Paz.

Como delegados junto à Federação Nacional dos Jornalistas, na qualidade de efetivos, ficam os jornalistas João Borges de Souza e Antonio Firmo de Oliveira Gonzalez e como suplentes, Lucídio Castelo Branco e Antonio Carlos Porto.



O QUE PODERIA TER SIDO...

Luis Fernando VERISSIMO

Alguém já disse que as palavras mais tristes em qualquer língua são "o que poderia ter sido...". Mas elas não precisam ser sempre tristes. Você pode se distrair durante horas imaginando como seria o mundo, ou a sua própria vida, se certas coisas tivessem acontecido, ou não acontecido, ou acontecido de uma maneira um pouco diferente. O que poderia ter sido?

Se Cristóvão Colombo tivesse, afinal, descoberto um caminho para as Índias, como queria, nem você nem eu estaríamos aqui. Em compensação haveria uma Confeitaria Colombo em Nova Delhi, o que não nos ajudaria muito.

Se os holandeses tivessem conquistado o Brasil aí sim é que ninguém ia entender o nosso espanhol em Buenos Aires, mas hoje o Cruyff podia estar jogando de centro-avante do Botafogo — que se chamaria Hovenhooffen de Futebol e Regatas, ou coisa parecida. Mas é claro que todo mundo seria Flamengo. Você que às vezes lamenta as construções gramaticais enroladas a que nossa língua nos obriga lamentá-las-ia (olha aí) muito mais se tivesse que falar holandês, que é uma mistura de sueco gaguejando com alemão limpando a garganta, e ainda por cima com este calor. O que não seria de complicado o dicionário do Aurélio Buarque do Brasil!

E se em vez de Portugal descobrir o Brasil, o Brasil tivesse descoberto Portugal? Uma flotilha de pirogas cheias de índios poderia ter se afastado das nossas costas para evitar o reboliço nas praias, atravessando o oceano e, um dia, avistado no horizonte uma edificação a que dariam o nome de Torre de Belém. No seu relato do desembarque da expedição em Lisboa o índio Peri Vai e Caminha assim descreveria o lugar, que os descobridores chamariam de Santa Terrinha:

"Nativos tapam corpo com vestimentas e não se envergonham. Chão coberto com pedras, não dá para plantar nada. Nativos muito espantados com nossa primeira cerimônia religiosa em terra quando matamos e comemos sacerdote. Nos seus rituais bárbaros nativos locais não comem ninguém. Abraços. Segue carta."

Portugal seria dividido em tabas hereditárias, cada uma com um pajé com poderes absolutos, inclusive para escravizar portugueses, mandar para o Brasil todos os espelinhos e contas de vidro encontrados nas colônias em troca de nada e ir, pouco a pouco, substituindo o "habitat" natural dos nativos — casas, cidades e ruas — pela selva trazida da metrópole. Os portugueses se vingariam inventando a piada do índio.

O que poderia ter sido...

Romeu e Julieta poderiam ter se casado e tido muitos filhos e vivido felizes para sempre, ou até Romeu ser preso, certa noite, ao cair da sacada da casa de sua namoradina num suburbio de Verona, visivelmente embriagado. Ao chegar em casa Romeu ouviria o diabo da gorda e lamurieta Julieta, cujos gritos acordariam todas as crianças, que gritariam também.

— Cretino! Um homem da sua idade pulando de sacadas como um... Como um...

— Diga. Como um Romeu...

— Como um ladrão decadente! Velho desfrutável! Aliás, eu não poderia esperar outra coisa de um Capuleto. Meu pai tinha razão!

— Eu sabia. Na verdade você nunca aceitou minha família. Uma vez Montequio, sempre Montequio...

— Eu me mato! Eu me mato!

— Promessas, promessas...

A derrota do Brasil para a Suécia, de 1 a 0, no último jogo da Copa do Mundo de 1958, frustrando mais uma vez as esperanças de milhões de brasileiros, seria traumática. Todos os dirigentes e jogadores envolvidos no fracasso cairiam em desgraça, suas carreiras interrompidas para sempre. Nem o pretinho de 17 anos aquele — Pepê? Lelé? — se salvaria. E Garrincha nem voltaria da Europa.

John F. Kennedy, depois de escapar das balas assassinas em Dallas, seria reeleito em 1964, cederia seu lugar para Bob Kennedy em 68 e voltaria a Casa Branca, por aclamação, em 72. E então estouraria o escândalo. O jornal "Washington Post" revelaria a existência de um colchão de água sob a mesa de reuniões do Conselho de Segurança e transcreveria trechos das gravações feitas quando Kennedy, supostamente, estaria trancado na sala tomando graves decisões sobre os destinos do mundo com duas secretárias. Exemplos:

— Mmmm. Oh, yes...

— Ahn. Hmm. Ahn, Oh, Jack...

— Por favor, querida. Aperte o botão azul para chamar o mordomo com os drinques.

— Você pensa em tudo, querido. Pronto. Já apertei.

— Essa não! Eu disse azul. Você apertou o vermelho!

— Azul, vermelho... Qual é a diferença?

— Você acaba de disparar dezessete foguetes nucleares na direção da Rússia! Vou ter que destruí-los no ar!

— Agora você ficou brabinho...

O escândalo Waterbed derrubaria Kennedy em 74.

E se o eixo Japão-Alemanha tivesse vencido a Segunda Grande Guerra? Nem é bom pensar. A democracia teria sido derrotada pelas forças do autoritarismo obscurantista. Os governos de direita proliferariam em todo o mundo. Coisas como eleições diretas, liberdade de expressão, respeito aos direitos humanos seriam cada vez mais raras. As idéias totalitárias do estado forte com sacrifício das garantias individuais seriam dominantes. E mais: as nações democráticas, derrotadas no grande conflito, sofreriam as consequências da derrota com sucessivas crises econômicas enquanto o Japão e a Alemanha, potências vencedoras, estariam cada vez mais prósperos e ricos.

Ainda bem que a democracia triunfou e nada disto aconteceu...

COOPERATIVISMO E JUSTIÇA SOCIAL

Sérgio da Costa FRANCO

Na paisagem das áreas coloniais rio-grandenses, havia uma constante: a casa do bodegueiro era a mais alterosa, a maior e a mais sólida. Às vezes, numa picada pobre, onde o baixo padrão do povo se refletia na modéstia de suas casotas, nos desmantelos dos chiqueiros e das cercas, no ventre bojudo dos piás verminóticos ou no bôcio endêmico a deformar os pescoços, lá estava, à boca da estrada, o sobradão topetudo do negociante, com galpões e paióis numerosos, chiqueiro de alvenaria, moenda, alambique... E, não raro, a capela próxima, ajudando a polarizar e disciplinar a freguesia miúda.

Foi um processo natural de sucção econômica. Impondo preços ao agricultor no momento da safra e da liquidação dos débitos da entressafra, o comerciante obtinha uma acumulação gritantemente unilateral e injusta. Daí decorriam outros fenômenos: no âmbito da zona colonial, eram os filhos dos negociantes quem estudava, quem subia socialmente e quem afinal alcançava influência e afirmação política.

O cooperativismo rural foi a réplica adequada a esse quadro de injustiça. Réplica que, depois de avanços e recuos, tergiversações, distorções, malogros, afir-

mou-se hoje na realidade esplêndida de algumas das maiores empresas rio-grandenses, estruturadas em base cooperativa. É claro que o sistema não é angélico, envolve erros, enseja locupletamentos indevidos, talvez não distribua aos cooperativados todas as vantagens que teoricamente poderia repartir. Mas representa, fora de qualquer dúvida, um notável avanço em termos de solidarismo social e de distribuição da renda comunitária. Cooperativismo é um dos alicerces da social-democracia, e sua proteção não deve ser subestimada por nenhum governo democrático.

Por isso, não foi sem algum espanto que vimos líderes do comércio, em recente reunião com o ministro da Fazenda, nesta capital, hostilizarem o sistema cooperativo do Rio Grande do Sul, buscando apoio superior para cortar-lhe as asas. Ninguém nega aos comerciantes o direito de espernearem. Contudo, quando se pensa no acervo de benefícios que as cooperativas têm prestado aos agricultores e pecuaristas do Rio Grande do Sul, não há dúvida alguma quanto à posição de trincheira mais simpática e mais conveniente aos interesses nacionais. (Transcrito do Correio do Povo, edição de 10 de março de 1977).

ESTÂNCIA EM PIRATINI



Vende-se uma estância localizada no 4º distrito do município de Piratini, com 930 hectares, casa, galpão e demais instalações. Campo de serra com 50% de área agrícola e 50% próprios para reflorestamento e pecuária.

Preço: 3.000,00 o hectare. Parte do pagamento facilitado.

Tatar em Rio Grande com sr. Antônio Carlos, fones: 0536 — 21514 e 21580.

UM MAJESTOSO ANIMAL



A baleia não só é o maior animal que existe na atualidade como é o mais bonito. Quando no mar, livre de perigo iminente, seu nadar largo e rítmico só é comparável ao gesto de um maestro regendo uma sinfonia. No entanto, a espécie está ameaçada de extinção. A caça indiscriminada do belo mamífero, sem maior controle o que acarreta até a extinção de filhotes e baleias cobertas, o levará a total destruição, caso não se estabeleçam controles rígidos de preservação da espécie.

OS ARQUITETOS DA NATUREZA

Os seres vivos, sem exceção, na sua eterna luta pela sobrevivência, oferecem-nos exemplos dignos de análises aprofundadas. Basta que saibamos tirar proveito daqueles exemplos. Desde a simples e voraz formiga, terror dos agricultores, que sabe construir fortificações dignas dos melhores estrategistas para proteger o "pão" e defender-se dos elementos nocivos e de seus inimigos naturais até o ardiloso esquilo, capaz de edificar barragens impressionante-

mente sólidas, desviando cursos de riachos, todos eles podem ser usados pelo homem para um perfeito aprendizado.

Que dom natural fantástico nasce com o joão-de-barro, ou "fomeirinho", como é conhecido em algumas regiões do Brasil? Usando o bico e as patas, distribui o material com tal mestria e perfeição que o homem (animal superior da criação) jamais conseguirá imitá-lo.



ENERGIA NUCLEAR DIVIDE ALEMÃES

Enquanto o Acordo Nuclear Brasil-Alemanha é discutido no campo político, inclusive com o público descontentamento dos norte-americanos, o governo alemão enfrenta problemas cada vez mais acirrados com seus próprios cidadãos, que se rebelam cada vez em maior número contra a proliferação atômica dentro do País. Com 11 usinas em operação e mais 10 em construção, a República Federal da Alemanha marcha para se transformar na maior potência atômica (pacífica) do Ocidente.

Essa realidade desgosta os defensores do meio ambiente, que não se conformam com a transformação do País no que qualificam de a "maior lixeira atômica do mundo". E realmente, se se considerar o território físico da Alemanha Federal e somar-se suas 21 usinas nucleares instaladas ou potencialmente concluídas, constatar-se-á que seus índices são os maiores do mundo, sem qualquer dúvida. Gráfico reproduzido de "Seddeutsche Zeitung".



A ADVERTÊNCIA DO ÍNDIO SEATTLE E OS TRÁGICOS DIAS DE POEIRA

Jornais e revistas de todo o País tem divulgado a carta do índio Seattle, com uma regularidade que entusiasma todo aquele que tenha consciência dos problemas do meio ambiente. O COTRIJORNAL foi dos primeiros a focalizar as sábias palavras do cacique, o que fez em sua edição que circulou em abril de 1975, precisamente há dois anos.

O que os jornais não dizem, talvez por ignorarem, é que exatamente 80 anos depois das palavras de advertência do chefe Seattle, elas se confirmaram.

Atentemos para este trecho da carta (tradução de Irina O. Bunning): "É possível que sejamos irmãos, apesar de tudo. Veremos. De uma coisa estamos certos — e o homem branco virá a descobrir um dia: nosso Deus é o mesmo Deus. Vocês podem pensar que O possuem, como desejam possuir nossa terra; mas não é possível. Ele é o Deus do homem e Sua compaixão é igual para o homem vermelho e para o homem branco. A terra lhe é preciosa, e ferí-la é desprezar seu criador. Os brancos também passarão; talvez mais cedo que todas as outras tribos. Contaminem suas mesas e poluam suas camas, e uma noite acordarão sufocados pelos próprios dejetos".

Mas esse grito de advertência foi ignorado pelo homem branco, que continuou na América dos pioneiros a matar búfalos, a derrubar matas e queimá-las, deixando atrás de si um deserto calcinado, até que veio o Grande Aviso.

E a advertência veio com características de tragédia 80 anos depois das palavras proféticas do cacique Seattle, no dia 11 de maio de 1934. A tragédia abalou a consciência americana desde os Grandes Lagos, no norte, até o Golfo do México, no sul. A população das cidades de Boston a Nova Orleans e de Memphis a Minneapolis parou nas ruas para contemplar o céu toldado por uma névoa amarelada.

Através do continente, numa extensão de 3.000 quilômetros, uma densa camada de poeira ocultava o sol. Milhões de toneladas de areia fina estavam sendo levadas para o oceano pelos ventos incessantes vindos das Grandes Planícies. Era o começo da grande estiagem que arruinou a sexta parte do solo norte-americano.

Secaram poços e rios. A poeira invadiu as casas. As colheitas ficaram totalmente perdidas, os animais morreram de sede e dezenas de milhares de pessoas abandonaram suas casas e foram embora das planícies.

Qual a razão dessa tragédia?

Menos de um século depois de a terra ter sido arada pela primeira vez, o solo estava devastado. Pois era a camada superior desse solo que o vento arrastava para o mar, formando núvens sinistras.

Até fins do século XIX o povoador norte-americano limitava-se a trocar de terra quando a antiga deixava de ser produtiva. Exatamente conforme advertia o cacique Seattle, na famosa carta ao presidente Franklin Pierce, em 1854, o povo dos Estados Unidos por bem pouco não foi extinto sufocado pelos seus próprios dejetos. Sem dúvida, caso os americanos tivessem dado ouvidos à sábia advertência do cacique, não tinham sofrido os horrores dos dias de poeira.

CARREIRADA EM CANCHA-RETA

Segundo JOAO DO SUL

O povaréu reunido, campo a perder de vista; a barraca das bebidas, os gaiteiros, os apostadores, as prendas...

Num repente, duma das extremidades do campo ouve-se um OIGA-ÁH-ÁH. E o povo corre em busca dos melhores locais para ter ampla visão do espetáculo.

É a carreira em cancha-reta.

Os parelheiros martelam o chão com poderosos manotaços, transformando a calma bucólica da tarde ensolarada num tropel ensurdecedor, dando a impressão que o mundo vem abaixo...

A gauchada entusiasma-se. Todos gritam, poucos se entendem. Um arrisca: "ganha o tordilho". Outro contesta: "ganha o picaço", enquanto os profissionais da jogatina tentam, ainda, algum lance de apostador retardatário.

Um pede luz; outro quer luz e "doble".

E os pingos, cabeça com cabeça, resfolegam forte, lançando urros reprimidos enquanto vencem, metro a metro, quadra a quadra, a longa extensão da cancha.

Os jóqueis mal respiram. Vão colados ao lombo dos pingos. Rebenques no alto, estalando de quando em vez nas ancas gordas dos fogosos animais, que soltam golfadas de espuma branca pelas bocas arfantes que mordem os freios; não se sabe se de raiva ou vontade de correr mais ainda.

E a multidão delira no espasmo do prazer. Uns gritam: "essa é do picaço". Outros contestam: "essa é do tordilho, com luz e doble"...

E o martelar dos cascos no chão ressequido parece levantar chispas de fogo, que o vendaval provocado pela velocidade dos parelheiros, consegue apagar em seguida...

Passa o tempo. Não mais do que frações de segundos. A parelha cruza, num último arranco gigantesco, a metade da reta, e ganha o ponto da chegada, onde os "julgadores", atentos, "bombeiam" a passagem do vencedor...



O largador

O TABULEIRO DA BAIANA TEM...



A Bahia é rica de tradições genuinamente brasileiras. Pudera, o Brasil nasceu na Bahia. Do antigo Porto Seguro a Salvador dos nossos dias, transcorreram 476 anos de muita capoeira, umbigada, berimbau, passa-pé, xeridó e desafio.

Mas é na cosinha que a Bahia é mais brasileira. A muqueca, a caldeirada, o vatapá, os quindins, enfim, tudo o que é bom e picante ao sabor da malagueta, está na Bahia.

E se você não é de luxo, nem precisa frequentar restaurante. Em qualquer esquina ou praça pública você encontra um tabuleiro cheio de variadas iguarias. No tabuleiro da baiana tem, como diz a letra de conhecido samba.

MILONGA DE PAJADOR

Desde os primórdios do Rio Grande, talvez inspirado pela lira do minuano que soprava varrendo as planícies desde a Patagônia até o Atlântico, o homem gaúcho encontrou no verso rimado a maneira mais agradável ou pitoresca para contar um "causo"; relatar um acontecimento verídico ou até mesmo, na base da "balaca", para se auto promover. O trovador, repentista do pampa, tanto declama seus versos como os canta. Neste caso, porém, lhe casa melhor o termo "pajador".

Um exemplo de trovador repentista ou cantador pajador, nos foi dado por Pedro Darci de Oliveira. Escolhe-se uma palavra, que é lançada como "mote" ao cantor. Esta deve encerrar a estrofe, porém rimando com mais outras duas. Vejamos um exemplo tendo como "mote" a palavra Gaudério.:

*Quantas vezes pelo pago
Quase fui pro cemitério
Peleando e rasgando o vento
Desde o tempo do Império.
Por isso é que tenho orgulho
De ter nascido Gaudério!*

Jaime Caetano Braun é um de nossos bons poetas xucros. Pode-se dizer que sobressaiu entre os melhores poetas regionalistas do Rio

Grande do Sul, sendo cantado e declamado por grandes intérpretes regionalistas do nosso Estado e mesmo do País. O poema a seguir, de sua autoria, é intitulado Milonga de Pajador.

*Venho do fundo da história,
Que foi escrita por mim.
Do repicar do Clarim,
Da luta emancipatória,
Repisando a trajetória,
Dos velhos pebas guerreiros,
De romances galponeiros
Com legenda e amarguras.
De dia bebo lonjuras,
De noite apago luzeiros.*

*Sem nunca ter pouso certo,
Parada, patrão, nem lona,
Me estendo sobre a carona,
E o pingo pastando perto.
Que a atração do campo aberto
Não há ninguém que resista
Sou pajador nativista
Que se inspira e se acalma,
A querência dentro d'alma,
E o pago a perder de vista.*

*É a própria luzeira
Que me guia e me desperta.
E quando a saudade aperta,
A guitarra companheira
Faz da milonga campeira
O mundo ficar pequeno
E como contra veneno
Da mágoa que me acompanha,
Bebo graxa de picanha
Com salmoura de sereno.*

*As vezes o que nada tem,
É aquele que melhor vive.
Quantas fortunas eu tive,
Sem nunca ter um vintém,
Amando e querendo bem
Sempre no maior empenho.
De nada me abstenho
Quando a incerteza me assalta
E até mesmo o que me falta,
Faço de conta que tenho.*

*Pajador que traz da infância
Essa bárbara tendência
De ir de querência em querência,
Andar de estância em estância.
Sempre olfatenado à distância,
Os mil sonhos que extravieei
Por onde anda não sei,
Nos sem fins do céu do pasto,
Mas hei de encontrar o rasto,
Dos versos que não cantei.*

*Um dia quando eu me for,
Rondeando a querência eterna,
Onde bolearei a perna
Diante do meu criador;
Não chorem ao pajador
Do velho pago florido
Que há de cantar comovido,
Até o último repuxo
Por que só em nascer gaúcho,
Vale a pena ter nascido.*

A DEUSA DA GUERRA HINDU

A FLEUGMA BRITÂNICA É FORÇA DE TRADIÇÃO



Para o ocidental, é muito difícil a compreensão da cultura e pensamento hindus. Sua filosofia de vida, hábitos e costumes que redundaram no hinduísmo, como religião, tem origem no ano 1500 a.C. quando os arianos começaram a chegar ao vale do Indo trazendo consigo a língua e culturas novas. A fonte histórica existente para o estudo desse período e desse povo são os Vedas, que quer dizer "Conhecimento", um conjunto de textos considerados sagrados e que a tradição hindu tem como divinamente revelados. Os Vedas compreendem quatro coleções de hinos: o Rig-Veda, o Yajur-Veda, o Sama-Veda e o Atarva-Veda. Compostos, provavelmente, entre os anos 1500 e 1000 a.C., os Vedas constitui-se na mais antiga fonte de informações sobre as invasões arianas nos vales do Indo e do Ganges. Dentre as divindades do hinduísmo, a deusa Durga tem posição destacada. Ela é a deusa da guerra. Possui dez braços que se encontram manchados com o sangue dos inimigos abatidos. Nas mãos, também sujas de sangue, carrega suas armas de batalha. O olho na testa tem o poder de lançar raios mortais.



Nesta época de orgia automobilística, qual o brasileiro que se orgulharia de trafegar em sua cidade num carro de tração animal?

Pois o europeu tem o maior prazer de usar esse tipo de transportes.

Nos parques públicos e avenidas das grandes cidades européias e norte-americanas é um fato comum o ploc, ploc, ploc de pares de cavalos trotando garbosamente sobre o asfalto.

E é tal o gosto do povo por essa espécie de "volta às origens", de relembração dos antepassados, que estão voltando as

companhias de carruagens como existiram até mais ou menos 1920.

A foto que ilustra este comentário foi tomada em Amsterdã, mas poderia, igualmente, ser tirada em Hamburgo, Paris, Londres, Nova Iorque ou Nova Orleans. Onde há realmente cultura e civilização, o povo orgulha-se do seu passado e procura revivê-lo através de imagens, símbolos e na própria vivência do cotidiano.

Na foto com que ilustramos este breve comentário, pode ver-se a tradicional fleugma holandesa na sua real força histórica.

O BAILE, UMA DIVERSÃO DE TODOS OS POVOS DO MUNDO

Dos hábitos arraigados na tradição popular, o baile é por certo o mais característico. Em qualquer terra e qualquer povo, o costume de bailar é caqueto entrosado no consenso social de toda a gente. Seja nos clubes frequentados pela chamada "alta sociedade", seja nos bailes populares de subúrbio de cidade ou na

sala de chão-batido do mais remoto rancho de campanha, mudam as pessoas, os trajos, o ambiente, a música, mas o objetivo final é o mesmo: dançar. Na ilustração de Frederico Reilly (do livro *Pilchas Criollas* de Fernando Assunção), um baile de campanha no interior uruguaio.



PERSONALIDADES RBS DO ANO



Em solenidade realizada na noite de 12 de abril nos salões de festa da Associação Leopoldina Juvenil, a Rede Brasil Sul de Comunicações promoveu a entrega dos Troféus Destaques/1976 que homenageia personalidades e entidades gaúchas que se destacaram pelo seu trabalho e liderança em vários campos de atividade,

em prol do desenvolvimento do Estado e do País.

Foi a décima edição da promoção da RBS. Seu diretor-presidente, jornalista Maurício Sirotsky Sobrinho, falando ao dar-se início à solenidade, disse que "esta é mais uma noite de gala da Rede Brasil Sul de Comunicações. Pois a cerimônia anual da RBS exalta e afir-

ma a cultura, o talento, o sucesso dos homens que constróem o futuro do Rio Grande".

Referindo-se ao sistema adotado para a escolha dos Destaques, disse o jornalista: "Estamos diante dos eleitos pelo voto de um colégio de jurados da mais límpida inspiração. E dele, des-

se colégio, a RBS é mera escrutinadora. Recebemos as indicações, as computamos e as escolhemos como a expressão autêntica do fluxo ideal de avaliações e juízos.

Ei-nos, senhoras e senhores, em presença dos Destaques de 1976, expoentes da gama de valores que compõem o quadro das lideranças rio-grandenses. Aqueles que, pela soma de méritos que acumularam, pela ação individual ou grupal, mais contribuíram no ano que passou a nobre cruzada em que todos estamos envolvidos pela projeção do Brasil na comunhão ecumênica dos povos mais bem aventurados.

Após ressaltar o elevado significado da inteligência humana na razão do seu próprio desenvolvimento e do solidarismo que a essência do prêmio Destaques procura tipificar, o jornalista Maurício Sirotsky Sobrinho finalizou seu discurso dizendo que "A noite de hoje a RBS consagra à beleza.

Porque a beleza é o símbolo dos símbolos. É amor, é força, é consciência, é vontade criadora. É autoconfiança, entusiasmo e fé. Eis que na fé criamos e pela fé construímos. Colher a be-

leza das coisas, com o coração e com o espírito, será, pois, o ponto supremo a que pode a criatura humana chegar.

É o que faz nesta noite de esplendor e como vem fazendo ao longo de dez anos consecutivos a Rede Brasil Sul de Comunicações. Dignificando, nos senhores Destaques de 1976, a maturidade social, política, econômica e intelectual das nossas gerações. E colhendo a beleza imortal da sua participação no salto ciclópico deste mundo maravilhoso, em que milhões já estão vivendo o futuro sonhado por George Orwell.

Um futuro mais próspero, mais educado, mais atraente, desligado da canga incômoda de um passado dramático ainda vivo na memória da nossa civilização. Recolhamos essa mensagem dos santos, dos profetas, dos pensadores e dos poetas. Conscientizemo-nos da nossa responsabilidade comum. Aceitemos o apelo do solidarismo atuante nesta cruzada cívica em que todos estamos empenhados. Façamos do Brasil, não apenas uma potência de grandeza mundial, mas acima de tudo uma terra de gente feliz".

QUEM FOI DESTACADO

O presidente da República, general Ernesto Geisel, foi a Personalidade do Ano na promoção da RBS. Impossibilitado de comparecer à solenidade, realizada na noite de 12 de abril nos sa-

lões de festa da Associação Leopoldina Juvenil, sua excelência receberá o troféu em solenidade especial a ser marcada, em Brasília.

Receberam os respectivos

troféus as seguintes personalidades: Mário Quintana, Literatura; professora Graciema Pacheco, Educação; Roberto Maisonnave, Atividade Empresarial; Ruben Ilgenfritz da Silva, Cooperativis-

mo; Esporte Clube Internacional Esportes; Jair de Oliveira Soares, Saúde Pública; Conselho Municipal do Mobral, Julio de Castilhos em Trabalho Comunitário; Mário Bernardino Ramos, Turismo;

Forjasul, Indústria; Guilherme Socias Villela, Administração Pública e sra. Ecléa Guazzelli, Bem-Estar Social.

Na foto, ladeados por diretores da RBS, os Destaques 76.



COOPERATIVISMO NO CONCERTO SÓCIO-ECONÔMICO GLOBAL



"O homem só é integralmente homem quando acrescenta humanidade àquilo que faz. Não há nada a fazer no mundo senão reinventar o homem; e se nos cumpre reinventá-lo em nós, cumpre-nos reinventá-lo mais humano".

Com essa frase proferida na fase introdutória de seu discurso, em nome dos Destaques/1976 da Rede Brasil Sul de Comunicações, a primeira dama do Estado, dona Ecléa Guazzelli, pretendeu identificar o homem no seu sentido global. Isto é: físico, espiritual e moral. E em assim sendo, parece-nos que de todos os Destaques indicados pela grande empresa jornalística, ne-

nhum dos destacados aproxima-se mais da figura simbólica ressaltada no discurso da primeira dama do que aquele que, como empresário, representa o cooperativismo.

Atentamos, pois, para este outro trecho do citado discurso: "O que se destaca entre os Destaques é o que os destaca: não o que eles foram, mas o que eles fizeram. Aquilo que eles acrescentaram de humanidade à humanidade".

Aqui também o aceno característico de quem pensa com humanidade, ao humanismo do cooperativismo. Sem dúvida, essa feliz conceituação tipifica o somatório dos bens criados pela ação do homem no plural, tendo em vista o homem no seu conjunto social. E isso é cooperativismo.

E o terceiro parágrafo do discurso de dona Ecléa: "Não me destaco em destacar-me, mas ao ser destacada compreendo que sou compreendida. Minha esperança é como todas as esperanças; uma esperança de ser compreendida. Mas na mesma medida, sem concessões, minha paixão é compreender, prender dentro de mim todos os sentidos, compadecer, padecer junto. Se possível, ser o outro, e sobretudo, sê-lo por inteiro. Se ele ainda é infância é a necessidade de inventar um futuro e inventando futuro na infância o adulto se reinventa mais humano".

Aqui também parece-nos flagrante um apelo ao humanismo do cooperativismo. Esta sociedade que se digladiava há séculos na privatização de seus lucros, necessita sem dúvida da adoção de critérios mais solidarizantes na fase de produção e distribuição de seus bens. E nada mais viável para a conquista desse ob-

jetivo solidário do que o cooperativismo. Pois cooperativismo bem coordenado e sabiamente dirigido, é, em essência, a própria solidariedade.

E neste outro trecho de seu discurso, a presença de uma voz que manifesta preocupação social: "Na medida em que o mundo é carência, ser gente é clamar pela fartura; na medida em que o mundo é injustiça, ser gente é clamar por justiça. Clamar, ainda que silenciosamente, como sal nas águas. Creio que é para isso que somos destacáveis. Para destacar o injusto e suprir a falta. Ao mesmo tempo, somos destacáveis porque cremos na possibilidade de partilha. Partilhar é o caminho".

Eis a tônica do cooperativismo. A primeira dama do Estado, na simplicidade de seu gesto afetivo, como é comum ocorrer na sensibilidade feminina, expressou o seu pesar e manifestou o seu repúdio àqueles que, insensíveis ao clamor das maiorias, acumulam lucros sem a preocupação do social, do humano. Como antítese, temos o cooperativismo, o maior fator e exemplo de solidariedade social e econômica dos tempos modernos.

O DISCURSO, NA ÍNTEGRA

Publicamos a seguir, o discurso de dona Ecléa Guazzelli: O homem só é homem quando acrescenta humanidade àquilo que ele faz. Não há nada a fazer no mundo senão reinventar incansavelmente o homem, e, se nos cumpre reinventá-lo em nós, cumpre-nos reinventá-lo mais humano.

Todas as tarefas do homem não são senão uma só tarefa: ser gente.

Senhoras e Senhores: O que se destaca entre os destaques é o que os destaca: não o que eles foram, mas o que eles fizeram, aquilo que eles acrescentaram de humanidade à humanidade.

Não me destaco em destacar-me, mas ao ser destacada compreendo que sou compreendida.

Minha esperança é como todas as esperanças, uma esperança de ser compreendida, mas na mesma medida, sem concessões, minha paixão é compreender, prender dentro de mim todos os sentidos, compadecer, padecer junto, se possível ser o outro, e sobretudo sê-lo por inteiro. Se ele ainda é infância é a necessidade de inventar um futuro e inventando futuro na infância o adulto se reinventa mais humano.

Sinto que é importante pensar nos outros. Quero pensar nos outros, ser presença, ainda que tenha de ser presença como sal nas águas, porque não se pode passar pelo mundo sem clamar. Na medida em que o mundo é carência, ser gente é clamar pela fartura; na medida em que o mundo é injustiça, ser gente é clamar por justiça. Clamar, ainda que silenciosamente como sal nas águas. Creio que é para isto que somos destacáveis, para destacar o injusto e suprir a falta. Ao mesmo tempo, somos destacáveis porque cremos na possibilidade de partilha.

Partilhar é o caminho. Partilhamos o joio, porque não haveremos de partilhar o trigo? Partilhamos o trabalho, porque não haveremos de partilhar o fruto? Partilhamos necessariamente a morte, porque não haveremos de partilhar a vida?

Creio no homem. Na sua capacidade de inventar o comunitário. Em virtude disso é que

estamos no mundo para falar e ouvir, dar e receber, estimar e ser estimado.

Bem-Estar Social, um bem estar com os outros. Se há que querer o amor, queiramos o amor inteiro. Não que o amor que se tenha por realizado nunca se sabe. Nosso desejo de amor é que deve ser o desejo de amor infinito. Então, assim como disse o poeta: "Por obra da imaginação o homem sacia o seu infinito desejo e converte-se ele mesmo em um ser infinito". Só a imaginação converte o impossível no possível.

Não estou fazendo apologia do sonho enquanto sonho. Estou sim, fazendo apologia do sonho enquanto antecipação da realidade. Nenhuma grandeza foi real antes de ser sonhada.

Há mais de 2 mil anos o homem é essencialmente um sonho de humanidade.

O homem é um ser que significa. Estar humanamente no mundo é ter significações. Agir é pôr significação no mundo. Humanizar significa imprimir sentido, adicionar valores. A proposição básica desta festa é prestigiar o trabalho pelo bem da comunidade. Se nosso trabalho assim se qualificar é porque sua significação ultrapassou as dimensões da realização pessoal. Teve sua significação partilhada. O trabalho, enquanto modo de ser sentido e valor na natureza, é por definição, comunitário.

Em nome de todos agraciados com tão importante laurel e em meu próprio nome manifestamos nossa gratidão à Rede Brasil Sul de Comunicações.

Distinguindo-nos, ela nos faz sentir que significamos.

Senhoras e Senhores: Não há nada a fazer no mundo senão reinventar o homem.

HOMENAGEM DO CONSELHO

Em encontro festivo promovido na noite de 25 de abril, tendo por local o salão principal da Sociedade Ginástica de Ijuí, o Conselho de Administração da COTRIJUI homenageou o Destaque em Cooperativismo de 1976 da Rede Brasil Sul de Comunicações, seu presidente, Ruben Ilgenfritz da Silva.

A mesa principal sentaram o prefeito municipal, sr Wilson Maximino Mânica; o comandante do 27º GAC, coronel Abdias da Costa Ramos e esposa; sr. Rubens Kessler da Silva e esposa;

juiz diretor do Foro, dr. Moacir Adiers; diretor-vice-presidente Arnaldo Oscar Drews e esposa e diretor Clóvis Adriano Farina; dona Lais Fogliatto; dr. Solon Gonçalves da Silva, representando os associados antigos; o sr. Ubirajara Mendes Serrão, gerente do Banco do Brasil e esposa; o sr. Reinholdo Luiz Kommers, em nome do Conselho de Administração, além do homenageado e sua esposa, dona Marilda Silva.

Falaram, na ocasião, ressaltando as qualidades do homenageado e o prêmio

conquistado, o sr. Rui Michel, em nome da Associação dos Funcionários (AFUCOTRI); o sr. Reinholdo Luiz Kommers, pelo Conselho de Administração; o sr. Arnaldo Drews, vice-presidente e Wilson Mânica, prefeito municipal. Homenagens especiais foram prestadas pelo elenco artístico da COTRIJUI, dirigido pelo poeta Pedro Darci de Oliveira (danças folclóricas e declamações); a sra. Nadja Machado Milan, que cantou um número especial dedicado a dona Marilda e Carlos Karlinski, presidente do Sin-

dicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, que ofereceu ao homenageado um pergaminho com as assinaturas dos presidentes dos sindicatos dos trabalhadores rurais da região.

Ao agradecer a homenagem de que fora alvo, o presidente da COTRIJUI estende-se em considerações e análises sócio-econômicas, destacando que a significação que se pode tirar do prêmio conquistado é que o cooperativismo passou a figurar nos Destaques Anuais da Rede Brasil Sul de Comunicações.



SEMINÁRIO FORTALECEU O SISTEMA

"Se num barco colocássemos um remador com dois remos. Um, representando o campo social e outro representando o campo econômico. E se o remador movimentasse apenas o remo que representa o campo social ele ficaria dando voltas em um único sentido sem sair do lugar. Se ele movimentasse o remo do campo econômico, ficaria dando giros igualmente no sentido inverso do primeiro, e igualmente, sem ir em frente, sem avançar. No entanto, se ele soubesse manejar os dois remos (o econômico e o social), conjugado e harmonicamente, o barco avançará. Essa imagem representa o cooperativismo".

Com esse exemplo, citado pelo presidente do INCRA, sr. Lourenço Vieira da Silva, durante o IV Seminário Gaúcho de Cooperativismo realizado de 16 a 18 de março em Gramado, o Informativo OCERGS de abril fez um balanço do referido conclave, e faz amplas referências sobre o documento elaborado na oportunidade, que foi chamado "Carta de Gramado".

Publicamos a filosofia do sistema, tal como o mesmo foi visto pela OCERGS e publicado na citada edição do Informativo:

"A carta de Gramado" esclarece que mais de quatrocentas cooperativas, em atividades no Estado, agregam 380 mil associados, representando uma dependência direta de dois milhões de pessoas, o que significa dois terços da população rural gaúcha. Segundo a carta, "o crescimento das cooperativas do Rio Grande do Sul é uma decorrência do engenho criativo de seus participantes, elevando o volume de suas operações; racionalizando o uso dos recursos humanos, financeiros e materiais; implantando modernas técnicas de administração e de gerência de negócios; beneficiando-se dos ganhos de economia de escala, tão salutares ao fortalecimento de qualquer empresa moderna". A "carta" também acentua que "na batalha contra a inflação, as cooperativas se lançaram em programas de modernização de seus produtos, fornecendo bens de produção a seus associados a preços acessíveis, transferindo tecnologia ao setor produtivo através de assistência técnica ao produtor, racionalizando os serviços de transporte, aumentando a produtividade e consequentemente a maior oferta de melhores produtos no mercado". A "carta" conclui: "Não temem as cooperativas, nem o debate, nem a fiscalização, nem as críticas conscientes que são de sua estrutura democrática, de sua participação no regime de livre competição do mercado, em que per-

manecem os que evoluem, crescem e se antecipam na solução dos problemas próprios às organizações empresariais. Ao manter e apoiar as condições de desenvolvimento do cooperativismo, sem paternalismo nem concessões, o Governo estará apoiando o produtor e defendendo o consumidor, propiciando uma atmosfera de paz e tranquilidade social, necessários ao trabalho produtivo e a criatividade do setor.

Conscientes de que a excelência do sistema cooperativo está perfeitamente integrada nos ideais de desenvolvimento e bem estar da Nação e do povo brasileiro, as cooperativas do Rio Grande do Sul repudiam toda e qualquer tentativa de obstaculizar ou denegrir sua benéfica ação em prol da solução dos problemas nacionais".

Já na abertura do Seminário, o presidente da OCERGS, Seno Dreyer, afirmava a força que possui o cooperativismo para promover a distribuição da riqueza nacional e uma consequente melhoria das condições sócio-econômicas da população brasileira. Quando disse que "a filosofia cooperativista é interesseiramente deturpada por aqueles que não aceitam a prevalência do bem comum sobre a ganância de uns poucos", recebeu aplausos de todos os participantes. Mais adiante afirmou que o "cooperativismo tem um fim único: integrar produtores e consumidores prestadores de serviços e usuários, dentro de um sistema próprio de empresa comunitária, com vistas a propiciar melhores condições de vida ao homem e melhor distribuição da riqueza nacional".

O diretor da Organização das Cooperativas Brasileiras, José de Campos Melo, partindo de dados que apontam que 5% da população do Brasil, detém mais de 50% da riqueza nacional, disse ser necessário uma melhor distribuição, para que as camadas mais pobres do País tenham uma parte da fatia. Em sua palestra, fez um alerta: "Um país que não gera poupança, que não poupa, não tem condições de aumentar a sua riqueza econômica". E lançou uma pergunta: "Se o país se dispuser a dar a uma pequena parte da nossa população esse direito de gerar a poupança, de controlar a poupança, será daqui uns vinte anos, este pequeno grupo que está controlando a riqueza nacional, quererá abrir mão do que já alcançou, para deixar que a riqueza se distribua melhor?" Na mesma palestra afirmou que "ninguém melhor distribui a renda do que o cooperativismo".

Com base numa das teses do comércio que prevê a limita-

ção da cooperativa no seu município sede, José de Campos Melo lançou as perguntas: "Como competir com uma multinacional com uma cooperativa voltada apenas para o seu município? Como uma cooperativa pode progredir se ela volta para o sistema artesanal?". E afirmou: "A cooperativa tem de se extravar das suas fronteiras municipais, das suas fronteiras estaduais e das fronteiras nacionais. Ela tem que ser no mundo moderno, também multinacional, sob pena de não ter condições de competir com as multinacionais. E fez quase que um apelo: "Hoje mais do que nunca, ou as multinacionais desaparecem ou as cooperativas também devem ser multinacionais".

Afora as palestras e debates que deram o tom político, o IV Seminário Gaúcho de Cooperativismo também reservou uma parte para a discussão e aprovação de teses e proposições que serão encaminhadas para o próximo Congresso Brasileiro de Cooperativismo (14 a 17 de setembro em Fortaleza). De todas as teses e proposições, apenas uma tese não encontrou apoio entre os cooperativistas participantes do encontro. Foi a da militância das cooperativas nos partidos políticos, nas assembleias legislativas e no Congresso Nacional. Aqui os assuntos de cada uma das teses e proposições:

Desvinculação do Banco Nacional de Crédito Cooperativo do Ministério da Agricultura, transformando-o em Banco Nacional de Cooperativas S/A (FECOERGS). Esta tese não recebeu total aprovação, sendo formada uma comissão para estudar com mais tempo a sua viabilidade.

Uma ampla, criteriosa e permanente campanha de divulgação do cooperativismo no Brasil, a ser desenvolvida em conjunto pelas entidades máximas do cooperativismo nacional, usando-se para isso todos os meios de comunicação possíveis (Coojornal).

Que os órgãos do cooperativismo incentivem a criação no Brasil de cooperativas de trabalho e que se defina uma política social e trabalhista diferente da convencional para as mesmas (Coojornal).

Estímulos creditícios às cooperativas de eletrificação rural (Certel).

A eletrificação rural como fator de fixação do homem ao campo e do desenvolvimento e segurança nacional (FECOERGS).

Proteção do cooperativismo a nível constitucional (Cooperativa Tritícola Mista do Alto Jacuí). Implantação de um departamento de Comunicação e Educação Cooperativista em cada cooperativa (OCERGS). Lea-

sing Imobiliário através de programas habitacionais cooperativos e do programa habitacional empresa (Vergílio Perius). Proposição solicitando apoio das autoridades federais e estaduais ao processo de fusão entre as cooperativas vinícolas do Estado (Fecovinho).

Proposição solicitando ao Conselho Nacional de Cooperativismo que baixe resolução regulamentando o cálculo e recolhimento do imposto sobre circulação de mercadorias e imposto sobre renda pelas cooperativas

Uma outra parte do IV Seminário Gaúcho de Cooperativismo foi dedicada ao intercâmbio de experiência com cooperativas de outros Estados. Deste intercâmbio participaram as Cooperativas de Consumo Rhodia e da Volkswagen de São Paulo e as centrais de leite do RGS e do Rio de Janeiro. O intercâmbio que despertou mais interesse, sem dúvida foi com as cooperativas de consumo. Evaldo Borges, diretor comercial da Cooperativa de Consumo da Volkswagen, colocou de forma clara e objetiva todos os problemas que este tipo de cooperativa vem enfrentando, tanto em relação ao comércio — as grandes cadeias de supermercados — como em relação às próprias cooperativas de produção.

— Nós sempre fomos procurados pelas indústrias. As cooperativas de produção parecem ignorar que, apoiando as de consumo, estarão cumprindo integralmente o objetivo maior do cooperativismo: sua finalidade social. Até agora, elas só criam benefícios para trás, para seus próprios associados produtores, esquecendo do benefício que devem prestar em todas as etapas da comercialização, inclusive ao comprador final da mercadoria. Será que as cooperativas de produção não podem oferecer melhores preços às de consumo que as grandes cadeias de supermercados?

Segundo Evaldo Borges, a Cooperativa de Consumo da Volkswagen conseguiu crescer assustadoramente em relação às suas similares em todo o País, graças a uma sofisticação empresarial, nos mesmos moldes das cadeias de supermercados, sem por nenhum momento abandonar o espírito cooperativista.

Sua palestra repercutiu, principalmente entre os cooperativistas ligados às cooperativas de consumo, que mesmo no seminário, organizaram um "comitê de compras", seguindo uma sugestão apresentada por ele: criar uma central de compras para abastecer as cooperativas de consumo.



**FLORESTA É VIDA
FLORESTA É SAÚDE
AJUDE À PRESERVÁ-LA**

PÃO SERÁ ENRIQUECIDO COM FARINHA DE SOJA

A partir de julho do corrente ano toda a farinha de trigo industrializada no País deverá conter 5% de farinha de soja. Essa informação foi prestada em Curitiba pelo presidente do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN), sr. Bertoldo Kruse de Arruda, esclarecendo que "a medida é definitiva e já foi tomada pelo Governo". Ainda conforme a declaração de Bertoldo Kruse de Arruda, a mistura com a farinha de soja não será feita no produto a ser comercializado no mercado externo, uma vez que representa uma porcentagem muito pequena na produção nacional da farinha de trigo.

O presidente do INAN, que permaneceu três dias em Curitiba para acertar com a Secretaria da Saúde do Paraná pormenores do programa de nutrição no Estado, apontou a necessidade de se realizar pesquisas para criar alternativas alimentares à base de soja. Mas também assinalou a necessidade de se desenvolverem outras culturas regionais e a produção de alimentos tradicionais para a população brasileira.

Algumas das pesquisas já realizadas pelo INAN revelaram, porém, a possibilidade de "adicionar soja a alimentos tradicionais e, com isso, aumentar o valor desses alimentos". Bertoldo Arruda citou, como exemplo de bons resultados, "a mistura que vem sendo testada na Universidade de Campinas, de 30 a 35% de grãos de soja aos grãos de feijão". Segundo o presidente

do INAN, não houve alteração de sabor e cresceu muito o valor do alimento, além da redução nos preços. O mesmo resultado vem sendo atingido pela equipe que está pesquisando as possibilidades de misturar farinha de soja à farinha de mandioca.

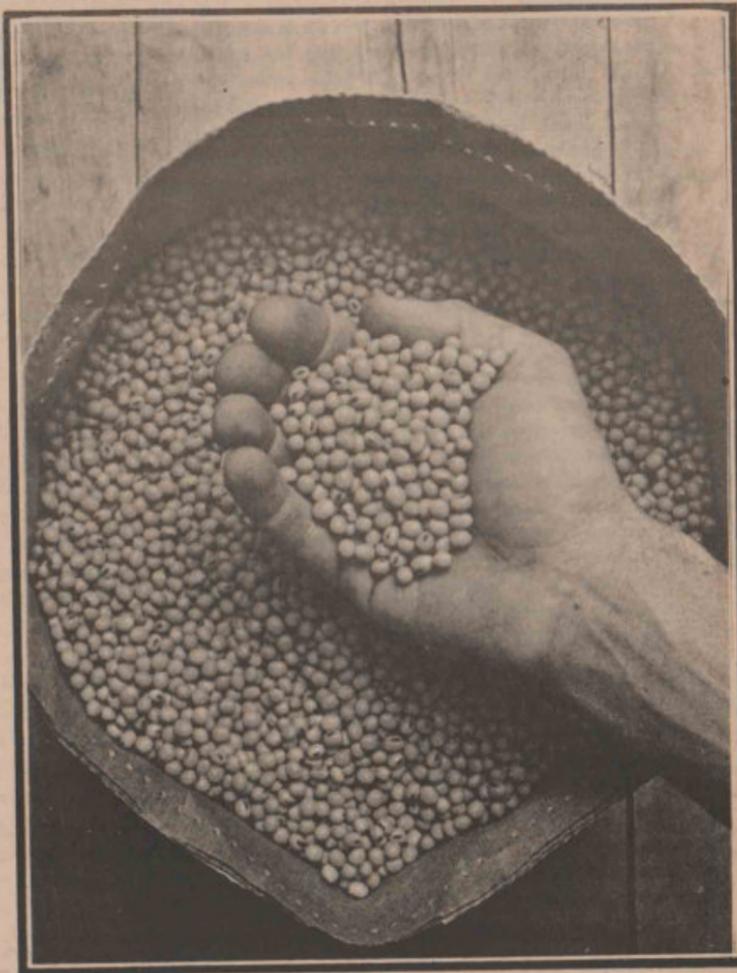
O presidente do INAN explicou que, "apesar de a farinha de mandioca ser muito barata, a adição de soja aumenta o valor alimentar da farinha". O presidente do INAN acha que essa medida seria muito importante porque a farinha de mandioca é a base da alimentação de várias faixas da população, principalmente no Norte e Nordeste.

Enquanto não existem resultados definitivos para essas pesquisas, o INAN vem utilizando alimentos tradicionais para atender a chamada faixa vulnerável, que abrange gestantes, lactentes, nutrízes e pré-escolares até seis anos de idade. Até agora a alimentação à base de leite tem predominado nos programas do INAN. É por isso que o Instituto tem-se preocupado, segundo seu presidente, como o estímulo ao rebanho de gado leiteiro, a fim de evitar as crises periódicas, com a falta quase total do produto. O próprio secretário da Saúde do Paraná, Arnaldo Buzzato, revelou que é impossível encontrar leite em pó no Estado, "mesmo ao preço de 30 cruzeiros o quilo".

A falta de alimentos tradicionais, "que não podem ser substituídos a curto prazo por derivados da soja, porque é preciso criar um novo hábito ali-

mentar no brasileiro, e isto leva muito tempo", deverá ser preenchida pelos pequenos produtores, que vêm recebendo incentivos especiais do INAN. Bertoldo Arruda acredita que o atendimento dado aos produtores agrícolas de baixa renda poderá aumentar a quantidade de alimentos procurados no mercado interno. Por meio de convênio entre a Embrater e o Ministério da Agricultura, o INAN espera incentivar a produção de alimentos já tradicionalmente produzidos em cada região. Mediante facilidades creditícias e de assistência técnica ao pequeno produtor, o INAN pretende aumentar a renda dessa faixa da população e, ao mesmo tempo, aumentar a produtividade das culturas regionais.

Toda a produção será comprada pela Cobal, a fim de neutralizar a intermediação, que encarece o produto. A primeira experiência com o programa para os produtores de baixa renda já foi iniciada em Pernambuco, em fevereiro de 1976. Mas somente este ano serão iniciados os trabalhos de preparo da terra e cultivo. Todas as experiências deste programa estarão concentradas nas zonas consideradas carentes, como o Nordeste, Norte e Centro-Oeste. A zona de influência da hidrelétrica de Itaipu, por suas características especiais, está sendo definida também como área prioritária de atendimento do INAN. Bertoldo Arruda explicou que "o levantamento realizado pelo Ministério da Saúde, que vai im-



plantar um programa integrado na região, revelou uma situação de carência, ainda sem a gravidade do Nordeste, mas onde os problemas tendem a aumentar com o crescimento desordenado da população da área".

Para a realização do Programa de Nutrição em Saúde na região de Itaipu, o Ministé-

rio da Saúde deverá contar com a participação do governo do Estado e das empresas construtoras da hidrelétrica, a binacional Itaipu e a Unicon, a fim de atingir os 19 municípios compreendidos pelo programa. O objetivo do INAN é atingir, ainda este ano, sete mil pessoas entre gestantes, nutrízes, lactentes, além da faixa pré-escolar.

LEITE DE SOJA PRODUZIDO EM ESCALA INDUSTRIAL

Informou a imprensa de São Paulo que um anteprojeto para a instalação de uma usina de extrato calórico-proteico de soja (leite de soja), na Cooperativa Agropecuária Central de Campinas, será elaborado pelo Instituto de Tecnologia de Alimentos (ITAL), órgão subordinado à Secretaria da Agricultura, conforme convênio assinado no começo de abril.

A primeira unidade produtora de leite de soja, em escala industrial, será

projetada e construída em 18 meses, segundo informação do diretor do Itai, Agide Gorgatti Neto. Operará, no início, com capacidade para 50 mil litros diários, destinados principalmente a escolas, fábricas, hospitais e núcleos das Forças Armadas. Depois de definir um público consumidor, todo o mercado será atingido pelo produto.

Durante três anos, os técnicos do Itai efetuaram pesquisas sobre o leite de soja. Nesse período, o ins-

tituto chegou a produzir seis mil litros em diferentes sabores, que foram encaminhados, para teste, a escolas do município de Montemor, a 20 quilômetros de Campinas, e ao restaurante da Cooperativa Central. Estudos de viabilidade econômica demonstraram que a comercialização do leite de soja pode ser feita a um preço 40% inferior ao do leite "C".

ACEITAÇÃO

Nos testes realizados até agora, o "Vital" — nome

escolhido pelos técnicos do Itai para o leite de soja — alcançou um índice de 90% com sabor natural e, por isso, deverá ser produzido em menor escala nos sabores de laranja, morango e chocolate. Mas o secretário da Agricultura de São Paulo prevê uma lenta substituição do leite comum pelo de soja.

Outra vantagem do produto, destacada por Pedro Tassinari, é a possibilidade de se diminuir a importação de leite em pó.

a longo prazo, pois a Itai tem condições de fabricar o produto tanto na forma líquida como em pó. A elaboração do anteprojeto custará Cr\$ 120 mil para a cooperativa, que adquiriu a tecnologia do instituto. Assim, ela passará a se responsabilizar pelo recolhimento de matéria-prima junto aos agricultores — por intermédio de núcleos e associadas — e até pela padronização industrialização e distribuição do produto final no mercado interno e externo.

COOPERATIVAS AGRÍCOLAS NA FRANÇA

(FINAL)

Jean-Pierre BERLAN
Jean-Pierre BERTRAND
Cândido GRZYBOWSKI

A cooperação agrícola na França teve um primeiro impulso de desenvolvimento ainda no final do século XIX e início do século XX. As dificuldades encontradas pelos agricultores nas suas relações com o comércio e a indústria atuaram como causas.

Naquela época foram propostas duas modalidades de solução aos problemas do campo, em termos gerais aos interesses dos grupos sociais que lutavam então pelo poder econômico dos grupos sociais que lutavam então pelo poder.

A Sociedade dos Agricultores da França, criada em 1867, sob o controle dos grandes proprietários — a sociedade dos "duques e marqueses" — beneficiou-se da lei de 1884 para desenvolver sob a forma sindical uma organização econômica da agricultura. Formaram-se assim os "sindicatos comerciais" e as caixas locais de crédito, que não aceitavam a ajuda do Estado.

A sociedade Nacional de Apoio à Agricultura, criada por Gambetta, em 1880, apoiou-se nas classes médias urbanas e estimulou o desenvolvimento da solidariedade no campo, sob diferentes formas: crédito, cooperativa, organismo de seguro mútuo. Esta sociedade, porém, lutou pela distinção entre atividades sindicais e atividades comerciais. Além disso, foi a responsável pelo desenvolvimento do *Crédit Agricole Mutuel*, com o apoio do Estado.

Estes dois projetos, motivados basicamente pela preocupação de garantir a dominação eleitoral dos agricultores, se diferenciavam quanto à questão das formas de associação (sindicato ou cooperativa). A oposição entre elas e suas associações persistiu até a década de 1920, época em que um primeiro estatuto da cooperação foi definido (marcando aparentemente a vitória das idéias radicais que distinguem o econômico e o sindical). Mas, no fundo, tanto um como outro dos projetos reconheciam como base das associações os princípios solidaristas da gestão democrática (1 homem = 1 voto) e da repartição igualitária dos resultados.

Durante todo este período, o aparecimento de cada novo setor de atividades para as cooperativas correspondeu a graves crises da agricultura ou da sociedade em seu conjunto. Os problemas causados pela filoxera na região de Charantes (sudoeste da França), no fim do século XIX, provocaram a substituição da viticultura pela produção de leite e impulsionaram um desenvolvimento rápido das leiteiras cooperativas nessa região. Os problemas de comercialização do vinho, na região *Hérault* (sul da França), entre 1905 e 1910, criaram as condições para o desenvolvimento de cooperativas vinícolas no sul. Os mesmos problemas de comercialização em relação ao trigo, na década de 1930, favoreceram o desenvolvimento de cooperativas para a estocagem de cereais (neste mesmo período foi criado o *Escritório Interprofissional de Cereais*).

O regime de Vichy, sob a ocupação alemã, procurou impor uma solução "cooperativista" para a agricultura, tendo como base de apoio o sistema sindical corporativo obrigatório, proposto em 1937 pela "rue d'Athènes". (a "rue d'Athènes" era a sede social do escritório central das cooperativas conservadoras). Essa política foi executada pelas associações especializadas (como a Associação Geral dos Produtores de Trigo), criadas alguns anos antes. Depois da II Guerra Mundial, a aceleração do desenvolvimento industrial da França modificou sensivelmente o tipo de problemas a serem enfrentados pela agricultura e, em consequência, pelas cooperativas. As novas palavras de ordem passaram a ser: industrialização e rentabilidade.

Entre 1965 e 1972, o número de organizações cooperativas diminuiu em termos absolutos, na França, passando de 5.717 a aproximadamente 5.000. O grupo das 350 maiores cooperativas, em torno de 7% do número, em 1965 foi responsável por 45% do movimento bruto total; em 1972, a participação deste grupo já atingia 60%.

Quanto maior é o crescimento em termos geográficos e diversificação de atividades de uma cooperativa, tanto mais ela se encontra em relação comercial e em concorrência com o setor privado ou outras cooperativas. Este movimento, que favoreceu a emergência do grupo de grandes cooperativas, submete não somente o movimento cooperativo mas o conjunto da agricultura às regras da concorrência tendo por objetivo o lucro.

Destacam-se, sobretudo, as novas formas de concentração nas cooperativas, próprias ao processo de desenvolvimento dos últimos anos.

Uma destas formas é a participação acionária das cooperativas nas firmas privadas: a *Union Laitière Normande* (cooperati-

va) na Amieux. Outra forma é a participação do capital industrial privado e do capital cooperativo na criação de sociedades "mistas", chamadas sociedades de participação: a *Société Centrale S.O.C.O.P.A.* resultado da fusão da *Société Centrale de Viandes* (atividades comerciais) e da *Sica-Maine Viande S.O.C.O.P.A.*, em que participam, por sua vez, cooperativas, o fundo *Unigrain* (da União Nacional de Cooperativas Agrícolas) e sociedades industriais; a associação da *U.L.N.* (cooperativa) com a *Société Pien et Glasson* (um dos principais grupos privados de transformação de produtos de carne, na França).

No conjunto, o quadro das interações entre cooperativas, de um lado, e entre cooperativas e empresas privadas, de outro, complicou-se e se enriqueceu consideravelmente nos últimos anos. Esta ampliação da interpenetração do capital cooperativo e do capital privado, simultânea à sua centralização crescente colocam, sem dúvida, o problema do papel das cooperativas hoje, especialmente em relação aos próprios agricultores.

Este processo tem suas origens ainda na década de 1950, quando um certo número de cooperativas conheceu um crescimento evidente, em parte graças ao apoio direto ou indireto do Estado (ajuda do Estado ao investimento e estocagem, preços de sustentação, regime fiscal), mas também graças ao seu dinamismo próprio, associando frequentemente o crescimento horizontal (ampliação do quadro de sócios, absorção de outras cooperativas, conquista de novas áreas) com o crescimento vertical (novas funções, penetração na agro-indústria).

Neste processo, as cooperativas passam a fazer, cada vez mais, concorrência ao comércio ou às indústrias atuantes no sistema de abastecimento dos agricultores e comercialização de seus produtos. Esta concorrência tem como contrapartida uma acentuada concentração no próprio setor cooperativo e a implantação de novas relações com os agricultores associados.

Assim, a partir do começo da década de 1960, quando as grandes empresas privadas (especialmente americanas) já haviam mostrado o caminho, as cooperativas começaram a desenvolver a produção agrícola sob a forma de contratos, inicialmente na produção de aves e porcos, depois na produção bovina.

Deve ser salientado o fato de que as cooperativas nesta etapa de seu desenvolvimento, frequentemente, assumem as atividades consideradas pouco interessantes pelos grandes grupos privados nacionais ou internacionais, como foi o caso de frutas e legumes.

Disto resulta um paradoxo. O imperativo de intensificação do trabalho agrícola que se impõe ao conjunto da agricultura no quadro das cooperativas, tende a ser administrado pelos próprios agricultores. Diversos são os instrumentos desta gestão cooperativa com vistas à intensificação do trabalho exigida pelo processo da economia francesa: os contratos de produção com a necessária "seleção" dos agricultores que eles implicam, bonificação (preço conforme a quantidade produzida e entregue à cooperativa, por exemplo), penalidades diversas, etc. O Estado e o sistema de financiamento agrícola, pelas subvenções e empréstimos, contribuem para acelerar o processo gerador de novas tensões, que os próprios dirigentes de cooperativas reconhecem.

Um dupla tendência, a nível das cooperativas, caracteriza a atual situação. De um lado, a necessidade da participação democrática dos agricultores nas decisões e a especificidade da ação cooperativista adquirem maior importância e significado, dada a relativa imobilidade do capital empregado (uma cooperativa é sempre ligada à sua região). De outro lado, conjugam-se esforços para tornar mais flexível o funcionamento das cooperativas (Decreto de 1967 e Lei *Lelong*), num sentido mais conforme à lógica capitalista. Este aspecto da tendência atual se concretiza pela possibilidade de participação dos agricultores em função do capital integralizado (abandono do princípio 1 homem 1 voto), possibilidade de participação do capital cooperativo nas empresas privadas e na criação de empresas "mistas", entrada do *Crédit Agricole Mutuel* nos conselhos de administração das cooperativas, desenvolvimento das relações interregionais entre as cooperativas, práticas seletivas em relação aos associados.

A "seleção", por exemplo, e sua importância como forma de solapar as bases democráticas das cooperativas, permite distinguir três categorias de associados: os que se engajam completamente (tudo vendem e tudo compram na cooperativa) e

que, por isto, teriam um direito de gestão sobre a cooperativa; os que se engajam parcialmente e que, assim, teriam um direito de voz (e não voto) e de serem informados sobre as decisões; enfim, os agricultores de "passagem" que não teriam nenhum direito.

Mas esta tendência interna não passa de um aspecto das contribuições geradas pelo desenvolvimento rápido da cooperação, numa sociedade capitalista. Hoje aparecem novos conflitos no setor agrícola, que não poupam nem mesmo as cooperativas. Assim, impõe-se aos dirigentes das cooperativas a necessidade de soluções cada vez mais globais e coordenadas. E eles, na prática, estão tentando encontrá-las.

A imagem acima criada do desenvolvimento das cooperativas é extremamente esquemática e deveria ser corrigida para, especialmente, poder incluir as pequenas cooperativas (que ainda formam um conjunto numericamente importante) e as reações dos diferentes grupos de agricultores diante de suas cooperativas, de acordo com os períodos e as regiões. Assim mesmo, ela possibilita definir as grandes tendências que podem prevalecer no futuro, numa conjuntura que se anuncia difícil.

A penetração e a rápida concentração dos grandes grupos industriais, comerciais e bancários nos domínios tradicionais de ação da cooperação (abastecimento em meios de produção, estocagem e primeira transformação dos produtos agrícolas), através de operações mais complexas e integradas de fornecimento e industrialização, faz com que as cooperativas, ao menos uma parte importante delas, se engajem numa concorrência muito viva para ganhar as fases de transformação dos produtos agrícolas os mais elaborados.

A centralização e a concentração do capital cooperativo respondem, assim, à concentração e à centralização do capital privado.

As cooperativas se defrontam com os problemas decorrentes da evolução econômica e da concorrência: dificuldade de informação, separação associados-quadrados dirigentes, falta de fidelidade dos associados, concorrência com as firmas privadas, industriais e comerciais (desejada por muitos agricultores que não querem um monopólio das cooperativas). Face a estes problemas, é grande a tentação tanto das cooperativas de se distanciar do princípio democrático 1 homem = 1 voto, como dos associados de abandonar o exclusivismo de ação através das cooperativas. Se os associados consideram que a cooperativa deve pagar o mesmo preço a todos os agricultores, independentemente tanto das quantidades entregues ou compradas como de sua exploração agrícola, eles consideram também que a fidelidade à cooperativa deve ser compensada. De fato, as cooperativas tendem cada vez mais a implantar complexos sistemas de tarifação, em função da qualidade, da quantidade, das despesas de transporte, medidas estas que beneficiam os mais modernos agricultores, penalizando os mais fracos. Este processo é mais claro e importante nas grandes cooperativas, pois, como foi visto, são elas que mais sofrem o forte impacto da concorrência.

No seu desenvolvimento, é a própria cooperação que caminha para a perda de sua especificidade. Atuam como fatores de mudança a adoção pela cooperativa de tais regras de jogo, em matéria de tarifas, de divisão de mercados, de relações com os associados e seu engajamento numa política de diferenciação e seleção dos agricultores.

Semelhantes transformações encontram resistências. Enquanto que muitos produtores continuam a sustentar as suas cooperativas nas suas políticas de desenvolvimento, outros, as vendo escapar de seu controle, procuram se munir de meios de defesa no próprio seio das cooperativas: comissões especiais (para discussão dos problemas por área de atividade, por exemplo), núcleos de produtores (para se informar e melhor atuar nas assembleias), comissões de defesas, etc. Esta reação se constata sobretudo nas regiões em que a agricultura repousa em bases familiares e onde o capital cooperativo foi formado de maneira solidária pelos próprios agricultores.

Diante desta situação e numa conjuntura mundial em mudança, os dirigentes das cooperativas buscam novas alianças, capazes de reforçar a capacidade de negociação dos aparelhos que eles controlam, e propõem novos objetivos para a cooperação. Um destes objetivos se configura clara e fortemente: ação a nível do mercado externo!

Mas o movimento cooperativo, para continuar a se desenvolver, deverá conseguir manter a sua originalidade. As cooperativas serão os interlocutores privilegiados do Estado na sua política agrícola, especialmente através dos planos de desenvolvimento? (Nestes planos as cooperativas estão sendo estimuladas a assumir a tarefa principal com vistas à modernização da estrutura de produção agrícola francesa). O Estado sustentará as iniciativas que seriam tomadas pelas cooperativas francesas em matéria de importação, como por exemplo, contratos diretos com as cooperativas brasileiras de soja?

FUMANTE, UM PERIGO QUANDO NO VOLANTE

Os acidentes de trânsito, nas cidades e nas estradas, constituem-se hoje numa das principais causas de morte e lesões graves incapacitantes. As causas que contribuem para que ocorram os acidentes são diversas. Excesso de velocidade, ultrapassagens mal feitas, dormir na direção. A todas essas sobejamente conhecidas, acrescenta-se mais uma causa. O cigarro.

Os cigarros, condenados por várias autoridades sanitárias, podem ferir ou matar, rapidamente, se fumados durante uma viagem de automóvel, principalmente se quem os utiliza é o próprio motorista. E no Brasil, onde o consumo de fumo "per capita" é um dos maiores do mundo, é muito comum as pessoas fumarem enquanto dirigem.

O motorista, com um cigarro entre os dedos, não pode utilizar completamente uma das mãos. Em uma emergência, o cigarro pode ser fator adicional do perigo. Sempre há possibilidade de uma brasa cair no colo, provocando reação inesperada e súbita, que desviará a atenção da estrada, causando um grande acidente. No entanto, essas ameaças não são as maiores, nem as mais frequentes.

PROBLEMAS FÍSICOS

Uma pessoa que fume dois maços de cigarros por dia, submete seu organismo a uma situação semelhante à dos habitantes de uma cidade a 2.400 metros de altitude, como Cochabamba, Bolívia, onde todos os esforços físicos implicam em grande desgaste para o aparelho circulatório e respiratório pela falta de oxigênio. A nicotina também agrava a hipoglicemia que é a baixa de glicose no sangue, podendo causar também sonolência e alterações de reflexos.

No entanto, para o motorista, o maior problema causado pelo fumo é a grande redução da

visão. Nos cigarros, há uma concentração de 2% de monóxido de carbono. Se o motorista tiver bebido, o problema é agravado pelo cigarro porque o fumo, diminuindo o suprimento de oxigênio, mantém uma quantidade mais elevada de álcool no sangue, por mais tempo.

PARA-BRISAS SUJOS

Com o cigarro, a visibilidade interna também diminui bastante. A fumaça do cigarro é mais quente que o ar interior dos veículos e, além disso é gordurosa, aderindo fácil e firmemente ao para-brisa. Com a chuva ou frio, o fenômeno é mais intenso porque, quase sempre, as vidraças dos carros ficam fechadas.

A fumaça, presa ao para-brisa, age de duas formas: como obstáculo à visão e como filtro de imagem a luz. Ele forma uma película que, em qualquer condição, diminui a visibilidade através do para-brisa. Com chuva, agindo como filtro, cria imagens-fantasmas que tendem a levar o motorista a reações perigosas.

VIAGENS LONGAS

Em viagens longas, com poucas escaladas, o cigarro torna-se ainda mais perigoso. Os fumantes tendem a fumar mais à medida em que ficam cansados ou nervosos, e os dois estados são quase inevitáveis em longos trajetos. Ao mesmo tempo, o cansaço físico e mental pode levar ao "stress" (esgotamento).

A combinação de "stress" com fumo provoca uma falha do subendocárdio, que reveste internamente o coração e exige altos níveis de oxigenação sanguínea, bastante reduzida nos fumantes. E os problemas subendocardionais são os principais responsáveis pelas mortes, devido a crises e ao conseqüente acidente rodoviário.

PREVENÇÃO DE ACIDENTES

Tendo em vista o elevado número de acidentes ocorridos no lar, a Secretaria de Higiene e Saúde do Estado de São Paulo desenvolveu há pouco uma campanha de prevenção destes acidentes. A campanha, que se prolongou por uma semana, deu ênfase à prevenção dos seguintes acidentes, que parecem ser os mais comuns:

- 1 - Os pisos dos assoalhos, escadas e banheiros, devem ser antiderrapantes;
- 2 - As janelas devem ser protegidas com grades ou anteparos solidamente fixados, se em edifícios ou prédios altos;
- 3 - Em casas onde residem crianças, as escadarias devem ser fechadas com portões;
- 4 - Armas de fogo e objetos cortantes ou perfurantes de-

vem ser guardados à chave;

5 - Tomadas elétricas devem ser protegidas e os fios devem estar completamente isolados;

6 - Vidros grandes de portas, janelas ou separação devem ter alguma sinalização, para que sejam facilmente percebidos;

7 - Aquecedores de tubulações de gás não devem apresentar defeitos e não devem ser manuseados por crianças;

8 - Os banheiros devem ter boa ventilação;

9 - Todas as substâncias tóxicas devem ser guardadas à chave e nos seus recipientes originais;

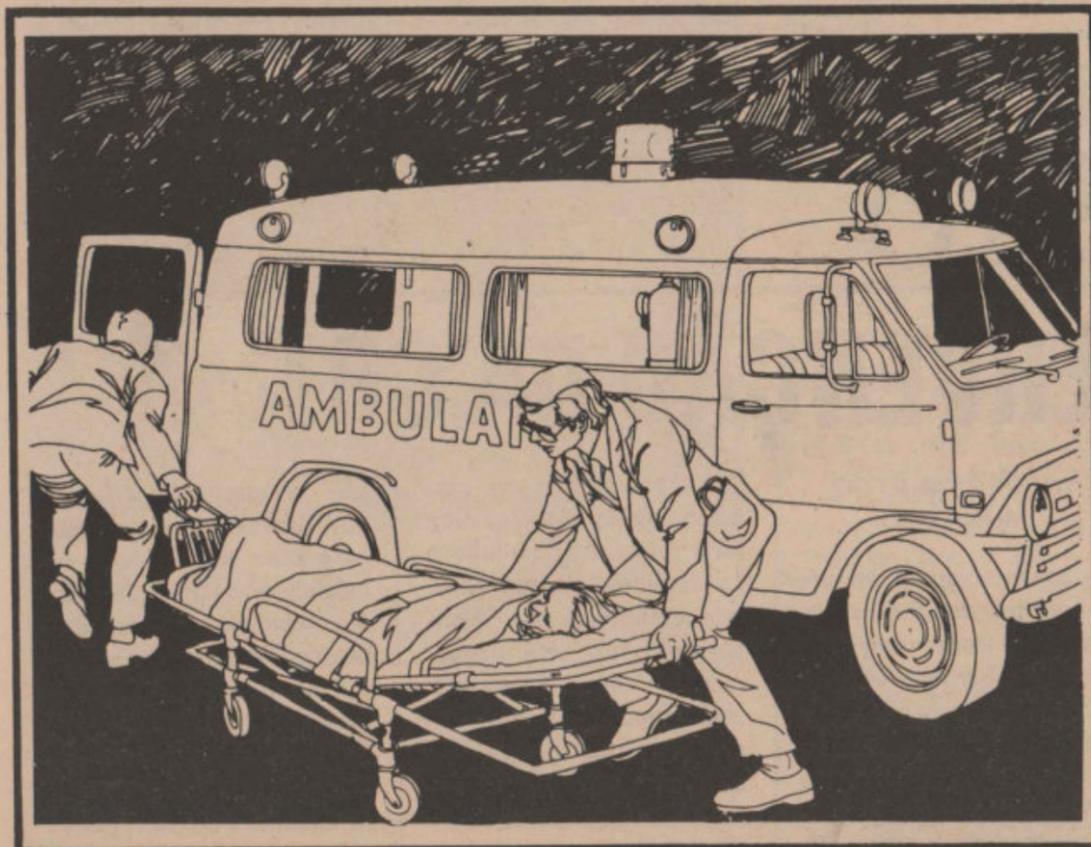
10 - Os medicamentos também devem ser guardados à chave e em seus recipientes originais.

ENVENENAR RIOS É CRIME

"Envenenar água de curso comum ou particular, potável ou não, bem como substância alimentícia ou medicinal destinada ao consumo, é crime contra a saúde pública", segundo afirmou em Santo Augusto o bacharel Sérgio Antonio Chemale Madeira, quando tratava de denúncia sobre envenenamento de riachos e sangas na área de sua jurisdição. A notícia foi veiculada pelo jor-

nal "Atualidades", que se edita no município de Santo Augusto.

O bacharel Sérgio Chemale Madeira é promotor público no referido município, com jurisdição ainda nos municípios de São Martinho, Coronel Bicaco e Chiapetta. Aquela autoridade acrescentou que o crime é passível de pena de reclusão de cinco a 15 anos, segundo o artigo 270 do Código Penal Brasileiro.



O mais importante de um seguro é a certeza de que ele nunca vai falhar. A União faz um seguro tranquilo. Pergunte ao seu corretor.

Quando você faz um seguro, quer, em primeiro lugar, ter a certeza de que este seguro nunca vai falhar. A Companhia União de Seguros Gerais lhe proporciona isto, pelo mesmo motivo que tem cumprido seus compromissos durante 85 anos: solidez.

Deixe a União cuidar de sua segurança e fique realmente tranquilo. Chame a Corretora de sua Cooperativa. Ela estudará a fórmula perfeita para sua necessidade.



Cia. **UNIÃO**
de Seguros Gerais



85 anos de Segurança
Matriz: Porto Alegre
Empresa do Grupo Banrisul

DOM PEDRITO

CAMPANHA ESTÁ INTEGRANDO PECUÁRIA COM AGRICULTURA



Localizada no quilômetro 253 da BR-293, que liga o município de Dom Pedrito a Livramento, a propriedade do sr. Walter Germano Peter, é tida hoje como exemplo da integração lavoura/pecuária, tanto pela maneira como é conduzida quanto pelos lucros que apresenta. Diante desse testemunho a reportagem do COTRIJORNAL, acom-

panhada do técnico agrícola Nery Malmann, foi até a estância para ouvir um dos responsáveis por tal sucesso, tendo ouvido o médico veterinário Walter José Peter, filho do iniciador que hoje se dedica ao beneficiamento de arroz em outra propriedade.

Da maneira simples como aprendeu as lides, Walter José

sentiu a necessidade de ampliar conhecimentos para auxiliar o pai a gerir os negócios. Cursou medicina veterinária em Santa Maria, e hoje o que aprendeu aplica na própria fazenda. Jovem, dinâmico, vai falando ao reporter e ao técnico, que até há 4 anos o forte da estância ainda residia na produção de reprodutores bovinos. Daí para cá, gra-

ças as boas experiências com pastagens artificiais, sentiu que seria mais rentável dedicar-se à engorda de animais, comprados de outros criadores. Assim, em períodos de 3 a 4 meses os lotes são revendidos para abate, deixando boa margem de lucro.

Dos 3 mil hectares de que dispõe a estância dos Peter em Dom Pedrito, área que margeia estrada federal a 10 km da cidade, a maior parte é ocupada para cultivo de pastagens artificiais, para engorda de gado. Nessa área — que são 1.200 ha. — obedecendo um programa anual, são semeadas junto com a lavoura de trigo consorciações de avevém anual, trevo branco e comichão, com o objetivo de reduzir os custos de formação das pastagens. Com este procedimento, em novembro, após a colheita do trigo, a pastagem está formada e pronta para receber o gado. Para soja, a família tem reserva anual de 300 a 350 ha, que poderá aumentar, devido a assistência técnica que a COTRIJUI já está dispensando aos produtores da área. Possuindo baragem própria, os Peter cultivam 170 hectares com arroz, lavoura tradicional da zona de campanha e uma das maiores fontes de arrecadação para o município de Dom Pedrito.

Em termos de pecuária, a produção média anual tem atingido a 3.500 animais, nesta ordem: 1.200 de engorde, mil ventres em cria, 200 touros em recria, 400 vaquilonas e 800/900 tremeiros. É importante

salientar que este estabelecimento tem como uma de suas metas, preparar animais para o abate na entressafra, o que se torna possível graças a um correto programa de forrageamento.

Graças ao bom nível zootécnico, os touros Hereford produzidos na estância são bem aceitos, e a média de vendas tem alcançado a 100 exemplares/ano. A propriedade é dotada de processo de coleta e congelamento de semen, e inseminação artificial. Hoje, fruto dessa integração, nos galpões da então Fazenda, são encontradas automotrizas, tratores, enfim, maquinário vastamente conhecido em zonas de produção de grãos. Um campo de pouso atravessa a propriedade, e isto foi necessário não só para aumento da comodidade familiar, mas sim porque se chegou a conclusão que a pulverização aérea é mais rentável.

Passado o tempo de estudo de viabilização dos resultados com a integração lavoura/pecuária, pois os Peter plantam soja já há sete anos, agora aumentam as perspectivas para dar continuidade a esta soma. Ao chegar a Dom Pedrito, a COTRIJUI passou a oferecer a todos os produtores uma estrutura já testada, conhecimentos solidamente adquiridos. Por isso causa satisfação ver que, tanto fazendeiros tradicionais, quanto produtores, a exemplo dos Peter, procuram a cooperativa para o diálogo, auxiliando assim a estender os horizontes de uma região nobre, diante do raiar de uma nova era.

SANTO AUGUSTO

PEDIDA INTERVENÇÃO DA CRT

O município de Santo Augusto — a exemplo do que ocorre com todos os centros em crescimento — começa a pagar tributo ao progresso. Os serviços telefônicos, explorados pela própria municipalidade, estão deixando a desejar, seja pelo material obsoleto, seja pela baixa qualidade das linhas. Em recente

sessão da Câmara de Vereadores, edis santoaugustenses sugeriram estar na hora de a Companhia Rio-grandense de Telecomunicações — CRT, encampar os serviços telefônicos do município. Como está, afirmaram, além de não funcionar a contento, causa prejuízos aos cofres da municipalidade.

ANIVERSÁRIO DO MUNICÍPIO

Santo Augusto, através da chefia do Executivo, que tem a frente o prefeito Alecrides Santana de Moraes, bem como as classes empresariais, demais autoridades e imprensa, prepara-se para comemorar festivamente a passagem do

18º aniversário de sua emancipação política. Uma série de atos assinalarão o acontecimento, que ocorrerá a 30 do corrente. Dentre esses atos, será inaugurado o Ginásio Estadual e será lançada a pedra fundamental do ginásio de esportes coberto, com a presença do secretário da Educação, professor Ayr-

ton Vargas. Na mesma oportunidade será inaugurada uma nova escola na localidade de Pinhalzinho. A solenidade especial será desenvolvida na praça central da cidade, com a instalação de um bronze em homenagem ao emancipador do município, o saudoso cidadão Pompilio Silva.

RIO GRANDE

PROVEITOSA A SEMANA SINDICAL

Com a presença do jornalista Celito De Grande, delegado regional do Trabalho, que proferiu uma palestra, foi encerrada aqui a 28 que passou, a Semana Sindical. Foi uma promoção organizada pela Secretaria Municipal do Trabalho e Ação Social.

A programação foi inicia-

da no dia 23, com a abertura do primeiro campeonato de ciclismo, seguindo-se após um jantar de confraternização dos dirigentes sindicais na sede do Sindicato dos Conferentes de Carga.

Em homenagem aos trabalhadores, a Câmara Municipal de Vereadores de Rio Grande re-

solveu suspender os trabalhos da reunião daquele dia, para que os representantes do povo pudessem confraternizar com os operários da cidade.

No dia 1º de maio, data consagrada ao trabalhador, foi realizada uma rústica em disputa do Troféu Câmara Muni-

cipal de Vereadores. E a tarde o Jockey Clube de Rio Grande promoveu o Grande Prêmio "Semana Sindical", oferecendo o troféu "Carlos Alberto Monteiro Bedejo", atual secretário do Trabalho e Ação Social do município. O torneio de futebol de salão intersocial, realiza-

do entre os dias 25 e 27 de abril, premiou o vencedor com o troféu "Carlos Alberto Gomes Chiarelli, secretário do Trabalho e Ação Social do Estado. Com jogos disputados na categoria futebol de campo, dia 29, foi disputado o troféu "Rubens Emil Corrêa", prefeito municipal

IJUÍ

RS-155, A GRANDE REIVINDICAÇÃO

O prefeito municipal de Ijuí, Wilson Mânica, um dos responsáveis pela mobilização de autoridades com vistas a necessidade de dar continuidade as obras da

RS-155, estrada Ijuí-Tres Passos, voltou ao assunto no último mês. Através de ofícios que enviou ao vice-governador do Estado, Amaral de Souza, deputa-

dos estaduais e federais e senadores gauchos, o prefeito ijuiense solicita providências com vistas a liberação da verba de Cr\$ 300 milhões para custeio das

obras de continuidade e conclusão da estrada, importância esta prometida pelo Presidente da República quando de sua estada em Palmeira das Missões, por

ocasião do início da colheita da soja. A propósito da estrada Ijuí-Tres Passos, LEIA EDITORIAL À PAG. 2.

ENCONTRO DE LIDERES SINDICAIS



Ao despedirem-se para a viagem de retorno aos municípios de origem, os líderes sindicais participantes do Encontro foram fotografados pela reportagem do COTRIJORNAL, portando embalagens de óleo de soja Mucama (uma marca COTRIJUI), com que foram obsequiados.

Realizou-se em Ijuí, tendo por local a sede da Associação dos Funcionários da COTRIJUI, dias 19 e 20 de abril, um encontro de lideranças sindicais rurais, que contou com representações das regionais de Caxias, Camaquã, Veranópolis e Lajeado, além de Ijuí. De todos os encontros similares promovidos pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul - FETAG, foi este o mais concorrido, tendo contado com a participação de mais de 50 líderes sindicais.

Na abertura do encontro falaram aos ruralistas o vice-presidente da FETAG, Orgênio Rott, e o vice-presidente da COTRIJUI, Arnaldo Drews. O líder cooperativista analteceu o bom relacionamento entre a COTRIJUI e os sindicatos rurais, e aplaudiu a FETAG por proporcionar que lideranças de outras regiões viessem tomar contato com a região das Missões e Alto Uruguai. O temário do encontro constou de enfoques gerais sobre sindicalismo, sob a direção do assessor sindical da FETAG, Edwino Werlang; legislação cooperativista, a cargo do professor João Luiz Pavão Martins, do INCRA. No segundo dia, os assuntos da reunião ficaram a cargo da COTRIJUI, tendo falado na parte da manhã o seu diretor-presidente, Dr. Ruben I. da Silva, que abordou comercialização e aspectos afins.

Na parte da tarde, os setores técnicos e de crédito discutiram sobre suas técnicas,

como assistência, repasse e outras.

MULTIPLANTA IMASA



Já está no mercado nacional e com grande sucesso a MULTIPLANTA IMASA. MULTIPLANTA IMASA, apresenta 3 opções para sulcar o solo, de acordo com as variações do mesmo: DISCOS HORIZONTAIS com menor diâmetro, com revolvimento de terra localizado. Sistema de sulcadores (PÉ-DE-PATO) conforme foto, para abertura de sulco em maior profundidade e DISCOS VERTICAIS, para terrenos com incidência de raízes e pedregulhos. E com a MULTIPLANTA IMASA os agricultores terão maior nº de linhas de plantio na semeadura de trigo e arroz. MULTIPLANTA IMASA, além do plantio convencional, faz também o PLANTIO DIRETO, em resteva de trigo.

VAMOS APROVEITAR MELHOR AS CARNES NA ALIMENTAÇÃO?

Bem mais baratos que as carnes em geral, miúdos e vísceras oferecem valor nutritivo quase sempre superior. Mas ainda não existe o hábito de consumi-los regularmente.

Miúdos são os órgãos internos de animais pequenos e das aves, como fígado, moela e coração. Nos animais de grande porte, como boi, porco ou carneiro, esses órgãos são conhecidos como vísceras.

Tantos os miúdos como as vísceras oferecem alto valor nutritivo, sendo ricos em proteínas. Cada 100 gramas oferecem em média 20 gramas de proteínas, o que é muito significativo, levando-se em conta que um adulto de 70 kg necessita mais ou menos 70 gramas de proteínas por dia. Esses órgãos são igualmente ricos em sais minerais e vitaminas. O fígado, principalmente, oferece boa quantidade de ferro e vitaminas do complexo B, enquanto que a língua, além desses nutrientes, apresenta alto teor de fósforo e cálcio.

TIPOS E FORMAS DE PREPARO

Dobradinha: Conhecida também como tripa, bucho ou mondongo, é o forro interno do estômago do gado bovino, rico em proteínas e calorias. Para guardar, deve-se antes limpar a dobradinha, deixando-a de molho em água com limão durante uma hora. Depois, lavar bem, es-

fregar suco de limão em todos os sentidos e aferventar. Mesmo pré-cozida, a dobradinha requer cozimento adicional para ser servida.

Rim: Pode ser servido sozinho ou com outras carnes. Para guardar, convém deixar o rim de molho em água com limão, por duas horas, trocando a água por 3 ou 4 vezes. Em seguida, colocá-lo numa vasilha com suco de limão e guardar em geladeira, por um dia no máximo. Seu preparo básico consiste em retirar a pele e o excesso de gordura com uma faca ou tesoura pequena. A seguir, deixar o rim de molho em água gelada durante 15 minutos, antes de cozinhar.

Língua: O preparo básico consiste em: lavar em água morna e depois escovar bem em água corrente, com escovas de cerdas duras. A seguir, deixar a língua de molho em água com limão durante meia hora. Colocar numa panela, cobrir com água e acrescentar 1 colher (de chá) de sal por 1/2 kg de língua, 1 folha de louro pequena e 1 colher (chá) de pimenta em grão. Quando, a língua estiver macia, tirar da água do cozimento e mergulhar rapidamente em água fria. Isto facilita bastante a retirada da pele e das raízes. Preparar de acordo com a receita.

Coração: Como o coração é o músculo mais exercitado do animal, é também o menos tenro. Para limpar o coração, deve-se usar uma faca afiada

abrindo-o a metade. Depois cortar as artérias e as veias de cima, assim como as fibras e as membranas divisórias do meio, a fim de deixar uma cavidade limpa. Lavar bem em bastante água morna e deixar de molho em lugar frio, numa solução de água e vinagre em partes iguais por algumas horas, antes de cozinhar.

Fígado: É a víscera que mais alto valor nutritivo oferece. Fácil de ser digerido, pode ser dado a crianças e pessoas de aparelho digestivo delicado. Graças ao seu elevado teor de ferro, recomenda-se nos casos de anemia, para convalescentes, gestantes e lactentes.

Deve-se dar preferência ao fígado de cor clara. A cor escura é sinal de textura mais dura. Seu preparo básico é feito retirando as veias, se houver. Cortar em fatias finas, salpicar com farinha misturada com sal e pimenta. Dourar rapidamente dos dois lados em um pouco de gordura quente, acrescentar 1/3 de xíc. de água ou caldo de carne e cozinhar lentamente em panela tampada.

De uma maneira geral, as vísceras e os miúdos são de difícil conservação e não devem ser guardados durante muito tempo, mesmo na geladeira ou no congelador. O ideal é aproveitá-los logo após a compra.



BIFE DE FÍGADO ACEBOLADO

PREPARO: 15 minutos
COZIMENTO: 20 minutos
Para 6 pessoas
USO: almoços ou jantares

INGREDIENTES: 6 bifes de fígado, sal, suco de 2 limões, pimenta do reino, 2 Colheres (de sopa) de manteiga, 3 cebolas médias em rodela, 1 ovo batido, 1 colher (de chá) de sal, 2 xíc. (de chá) de farinha de rosca, 1/2 xíc. (de chá) de óleo, 2 colheres (de sopa) de man-

teiga, 1/2 xícara (de chá) de queijo ralado.

MODO DE FAZER: Tempere os bifes com sal, pimenta e o suco de limão. Coloque a manteiga na frigideira e frite os bifes. Retire e reserve em lugar quente. Passe as rodela de cebola no ovo batido com sal e depois na farinha de rosca. Frite-as na mistura de óleo e manteiga. Polvilhe-as com o queijo ralado. Sirva com os bifes de fígado.

Assado de vitela à camponesa

INGREDIENTES: 1 Kg de vitela, 50g de margarina, azeite, sal, pimenta-do-reino, 1 copo de caldo, 6 cebolas grandes 1 limão, 1 colher (sopa) de açúcar, 1/2 folha de louro, 6 batatas-inglesa.
COMO PREPARAR: * Tempere o peso de vitela. Leve ao fogo uma panela com manteiga e azeite em partes iguais, deixe esquentar bem. Junte o peso da carne.

refogue bem virando dos dois lados.
* Descasque as cebolas, deixando-as inteiras. Junte ao cozimento da vitela e tampe a panela.
* Deixe dourar e coloque uma pitada de açúcar. Regue com o caldo, junte o suco de limão, o louro, prove os temperos, tampe a panela e deixe cozinhar em fogo brando.
* Regue os tomates com azeite e

coloque-os no forno, durante 20 minutos. Descasque as Batatas e cozinhe-as no vapor.
* Para servir, corte o peso da vitela em fatias e coloque-as em uma travessa aquecida.
* Guarneça com as cebolas, os tomates e as batatas e regue com o molho.

ALIMENTE-SE BEM

Nos dias atuais, a alimentação é uma das grandes preocupações do mundo. E cabe a nós donas de casa melhorar as carências nutricionais de nossa família, introduzindo nos cardápios diários de café, almoço e janta, alimentos de todos os grupos. Quer dizer, pelo menos um prato com hortaliça, um com frutas, um com leite e seus derivados, um com cereais, um com carnes ou ovos e gorduras.

Comendo um alimento de todos estes grupos em todas as refeições, estaremos nos alimentando corretamente. Como consequência de uma boa alimentação estaremos nos prevenindo contra certas doenças, como anemias, gripes, resfriados, etc. Sugerimos uma boa alimentação, introduzindo em seu cardápio pratos novos, variados, fáceis, baratos e sobretudo nutritivos.

JARDINEIRA DE VERDURAS

Ingredientes: 4 cenouras, 3 beterrabas, 2 batatas, 1 maço de agrião, ervilhas.

MODO DE FAZER: Limpe e prepare as verduras; cozinhe

as que for preciso. Tempere com sal, óleo, pimenta e vinagre a cada uma em separado, deixe repousar. Arranje o prato de forma atrativa.

PUDIM DE LEITE

INGREDIENTES: 6 ovos, 2 xíc. de açúcar, 2 Colheres (de sopa) de maizena, 1 litro de leite, raspa de um limão.

MODO DE FAZER: Ferva o leite com o açúcar e a raspa do

limão durante meia hora. Bata os ovos com a maizena. Misture tudo e leve ao banho maria durante 1 hora, em forma caramela-da. Tire da forma e sirva gelado.

Hoje é um dia favorável para as pessoas nascidas entre 1.º de janeiro e 31 de dezembro ficarem clientes de um banco só: Itaú.



Não importa o seu signo. O dia é sempre favorável para quem tem conta só no Itaú. Cliente só do Itaú recebe o melhor tratamento, mais opções de financiamentos, serviços e investimentos. E controla sua vida financeira com mais facilidade. Quem tem conta no Itaú não precisa de outro banco. O Itaú combina com clientes de qualquer signo.

Itaú

O CAMPUS DA FIDENE SERÁ EM BREVE UMA REALIDADE

Texto de Valmir Beck da ROSA

Reportagem a página 17 do COTRIJORNAL, edição de janeiro deste ano, mostrou um pouco do histórico da FIDENE, e dos anos que a antecederam, até se completar neste 1977 o vigésimo aniversário e existência do ensino superior em Ijuí. No texto, se fez menção a um arrojado passo que aquela Fundação está se propondo a dar, não simplesmente para comemorar a data significativa, mas também para atender aos apelos inadiáveis de seu crescimento, objetivando cada vez prestar maiores serviços à comunidade que ela abrange. Trata-se da construção de seu campus, em área de 37,4 ha entre as Linhas 3 e 4 Oeste. Desta vez, mostramos um pouco do que virá a ser o complexo educacional, nos atendo em aspectos da obra cuja implantação é tida como urgente, isto é, prioritária. Os dados foram fornecidos pelo professor Paulo Afonso Frizzo, presidente da FIDENE, e engenheiro Jorge Falkembach, responsável pelo projeto.

PROJETO ECONÔMICO FINS HUMANITÁRIOS

Ao se deparar com as plantas dos diversos blocos em que deverá se constituir esta primeira etapa do campus da FIDENE, erroneamente se conclui que os estudantes estarão confinados, escondidos em meio ao

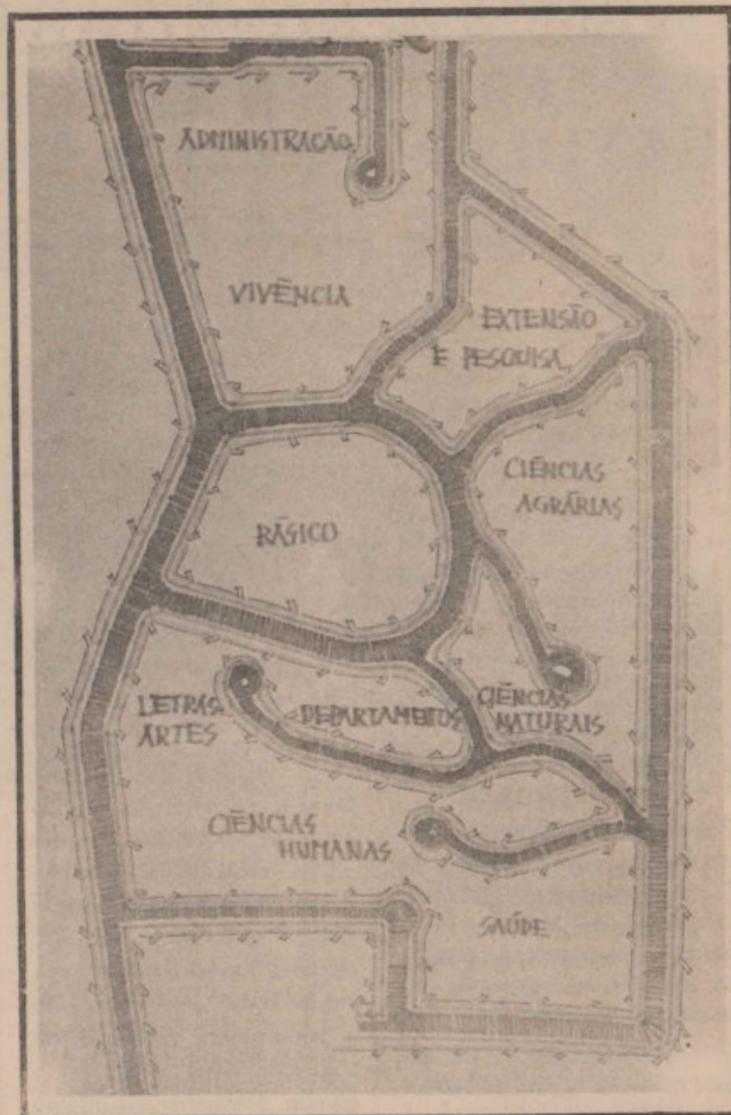
concreto. A suposição é apressada, pois acompanha o plano global projeto de arborização completa da área livre, além da conservação de toda a vegetação ali existente, inclusive do pequeno córrego que atravessa a área. Na distribuição dos blocos, como se pode ver na foto, preocupou-se o engenheiro em seguir as linhas diretrizes da interdependência de cada um dos setores entre si. Assim o básico, também chamado de apoio, é o ponto central do complexo. Os diversos departamentos situar-se-ão em prédios próximos, reservando-se para o setor da saúde a área mais afastada do movimento viário.

A primeira etapa, que do início ao final demandará 18 meses de trabalho ininterrupto para sua conclusão, terá um total de 12.340 metros quadrados de área construída, e se constituirá dos seguintes prédios: O básico, ou de apoio, compreendendo biblioteca, auditório e as salas de aula. Para que se tenha idéia do padrão desses prédios, vale dizer que a biblioteca multiplicará por quatro vezes em espaço a atual da FIDENE, incluindo 24 gabinetes para estudo em grupo. O auditório com capacidade para 525 pessoas sentadas, contará também com sala de projeção (36 mm), palco, sete camarins, gabinetes de som e luz, além de dois hall de entrada. Dos prédios que compõem a primeira etapa

do campus, os dois citados são os que demandarão mais tempo para sua conclusão. A biblioteca, 18 meses, e o auditório, 17. Se considerarmos, por suposição que os serviços de terraplenagem comecem em julho/agosto deste ano, no início das atividades letivas de 1979 os alunos do básico já frequentarão aulas no campus. Constarão ainda desta fase os prédios dos departamentos (5) e os das oficinas, sempre se tendo em conta o projeto global, com implantação desde o início das vias de circulação interna, banheiros, cantina, etc. Algo que enfatiza o lado econômico do arrojado plano, é que será implantado todo com tijolo a vista e concreto armado.

PROJETO TRAMITA NO MEC

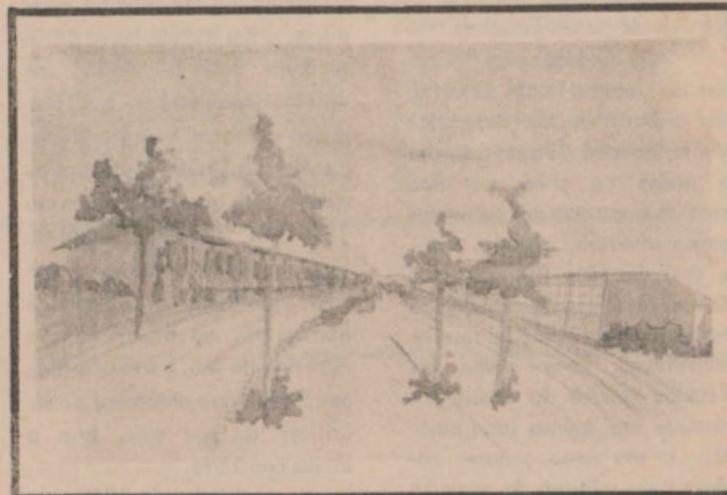
Para a construção do campus, a FIDENE contratou empréstimo de Cr\$ 33 milhões junto ao FAS-Fundo de Apoio Social do MEC e Caixa Econômica Federal. O projeto de ocupação da área, cujo prazo de entrega ao Ministério de Educação expirava a 16 de abril, foi entregue dia 14 daquele mes. Agora tramita, aguardando-se para daqui a alguns meses seu despacho, com o que o engenheiro Jorge Falkembach e mais seu colega Vinicius T. Galeazzi, terão condições de dar início aos trabalhos. Para a terraplenagem, a direção da FIDENE irá solicitar a colabo-



A planta baixa, mostrando os diversos setores com as vias para a perfeita interligação.

ração da Prefeitura Municipal. Paralelamente ao serviço, os 20 anos do ensino superior de Ijuí continuarão sendo assinalados

com programas culturais, como a Feira do Livro, em julho e um fórum sócio-econômico sobre Ijuí, em Outubro.



Perspectiva de uma parcial do campus.

O cooperativismo é a sua força.



GETULIO VARGAS, O NAPOLEÃO QUE NÃO GUERREOU

"Tudo nele é mediano, medíocre. Jamais teve o pitoresco dum Flores da Cunha, o brilho dum Osvaldo Aranha, a eloquência dum João Neves da Fontoura. Não se lhe conhece nenhum gesto despreendido, nenhum impulso apaixonado. É homem frio, reservado, cauteloso, impessoal. Seu estilo literário é vago e característico. Seu físico não impressiona".

"Mas, escuta! Escutem todos vocês. Antes de mais nada o biógrafo de Getúlio Vargas terá de levar em conta certos traços do seu caráter que o tornam figura singular neste País, dando-lhe vantagens muito grandes sobre os outros políticos. É um homem calmo numa terra de esquentados. Um disciplinado numa terra de indisciplinados. Um prudente numa terra de imprudentes. Um sóbrio numa terra de esbanjadores. Um silencioso numa terra de papagaios. Domina seus impulsos, o que não acontece com o Flores da Cunha. Controla sua fantasia, coisa que o Osvaldo Aranha não sabe fazer. Se o João Neves usa da sua palavra privilegiada para dizer coisas (e coisas que as vezes o comprometem), Getúlio é o mestre da arte de estrear e falar sem dizer nada".

Essa interpretação de Vargas pertence a Érico Veríssimo. Foi exposta no capítulo III de O Arquipélago (Trilogia Tempo e o Vento). Foi, portanto, um raciocínio firmado cerca de dez anos antes do trágico fim do presidente.

Hoje, passados quase 23 anos do 24 de agosto de 1954, nos parece cedo ainda para um veredito desapassionado de sua obra. No entanto, por mais rigoroso que venha a ser o analista em sua conclusão, no devido tempo, pode-se antecipar que este não deixará de ver em Getúlio Dornelles Vargas a figura vivida de um estadista.

Se regredirmos numa análise mesmo que sucinta, aos pródromos da República Velha, quando Getúlio assumiu o poder na crista de uma revolução nascida nos gabinetes governamentais, porém, com o aval das ruas, não podemos deixar de reconhecer que o espólio conquistado e que se identificava pelo nome de Estados Unidos do Brasil, em verdade era apenas uma colônia. E era uma simples colônia pelo mínimo de respeito que gozava no concerto das nações do universo; colônia porque permitia a existência de "Estados Confederados", com seus pequenos exércitos locais, seus coronéis e caudilhos de toda ordem que marcavam sua presença a ferro e fogo numa política que ficou na história batizada como o "voto de cabresto".

Getúlio teve três fases distintas como chefe do Governo: delegado supremo da revolução, ditador com poderes discricionários e governo constitucional eleito pelo povo. É importante destacar também as

três fases distintas do mundo de então, que foram mais ou menos coincidentes com os períodos de governo do próprio Getúlio Vargas. A década de 30 mostrou o nascedouro e a expansão do nazi-facismo, com a consequente formação do eixo Roma-Berlim, que fez o mundo descambar no inferno da II Guerra Mundial. De 1935 a 1945, período em que o mundo viu a expansão e queda consequente de ditaduras em todos os continentes, Getúlio foi um dos ditadores. E, tanto quanto aquelas ditaduras, o seu Estado Novo cairia também sob o efeito dos ventos democráticos que passaram a soprar, sob inspiração das Nações Unidas vitoriosas na guerra. Sua queda do poder em 1945 foi, portanto, natural. Mas se sua queda nesta ocasião significou um apelo à democracia no maior País da América do Sul, a trama urdida em 1954 e que redundou no sacrifício da sua vida, teve o efeito contrário.

O ditador de 1945 caiu (como, aliás, devem cair as ditaduras) em silêncio, só e sem "proclamas" às massas, recolheu-se à sua estância em São Borja. Ao contrário desta queda, quem foi coagido a apertar o poder em 1954, foi o governo ungido pelas massas através do voto popular. Daí, o desfecho desta última crise ter sido diferente. As ditaduras submetem-se a atos de força porque elas próprias são atos de força; as democracias são sensíveis à força bruta porque, em essência, creem apenas na força do direito. Getúlio imolou-se na crença dessa força.

Do democrata suicida de 1954, há muito a dizer da sua brasilidade e nacionalismo, cuja ação em prol dos legítimos interesses nacionais em várias ocasiões levaram a contrariedade ao colosso da América do Norte.

A apreciação literária de Érico Veríssimo sobre Getúlio Vargas (no começo deste comentário), focalizando os gestos teatrais de Neves da Fontoura, Flores e Osvaldo Aranha, deixou de assinalar que estes, desde as tribunas dos parlamentos ou dos coretos da praça pública nos comícios partidários, falavam e expunham suas próprias pessoas. Mas o Getúlio — "frio e calculista" — na ditadura ou na democracia, foi o chefe de Estado; foi o estadista. E, como tal, tinha o dever de comportar-se.

Um ilustre advogado do Rio de Janeiro, o bacharel Thomas Leonardos, em palestra proferida na Escola Superior de Guerra, a 9 de junho de 1964, assim referiu-se a Getúlio Vargas: "Gostaria de compará-lo a Napoleão Bonaparte. Um Napoleão caboclo agindo muito além da sua Côrsega nativa (no caso a São Borja fronteira); espalhando seu caudilhismo missionário da longínqua fronteira do sul a todo este Brasil de proporções continentais; invadindo essas pacatas terras da conquista lusa com uma inquietação índio-hispânica desconhecida no Brasil até 1930, num trolpe de cavalos pampeiros e homens de voz cantante e acento arrastado. Como Bonaparte, que sonhou unificar a Europa reeditando o Império de Carlos Magno, Vargas apertou as rédeas da Federação que a República armara frouxamente. Regionalismos arrogantes, Estados se-



A rusticidade exterior do gaúcho, na finura de um aristocrata.

mi-confederados com seus pequenos exércitos locais, seus Senados nos moldes dos Estados da União (Guerra da Secessão) norte-americana; seus baronatos coronelícios de estilo feudal, tudo isso ruiu ante o magnetismo unificador de Vargas, oportuno "profiteur" da Revolução (como, aliás, Napoleão o fora da francesa). Como o Pequeno Corso que passou de soldado a Cônsul e de Cônsul a Imperador, Vargas

foi candidato democrata pela Aliança Liberal; chefe da Revolução, chefe do Governo Provisório de 1930 a 1934, Presidente Constitucional até 1937; ditador de 1937 a 1945 e novamente Presidente Constitucional anos após. Deposto em 1945, fez da Fazenda do Itu sua ilha de Elba. De lá voltou para seus Cem Dias que duraram alguns anos mais, para seu Waterloo final no Palácio do Catete (Raul Quevedo).

SOJA

OS EXCELENTE RESULTADOS DESTE ANO COMPROVAM:



+



+

OU



+

MISTURA COMPROVADA PARA O SUCESSO DA SOJA.

As aplicações de herbicida Laco mais Sencor® ou Lexone®, na superfície, após o plantio da soja e sem incorporar, resultam nos melhores controles de ervas e nas mais altas produções.



UM HERBICIDA

Comercialização e Serviços Técnicos no Brasil, pela Divisão Agrícola de Indústrias Monsanto S.A.
01301 Rua da Consolação, 881 - 1º andar
C. Postal 8341 - Tel. 257-7966
Telex 011-21883 - São Paulo - SP
LACO® é marca registrada de Monsanto Co.



CAVALLERIA RUSTICANA, A GLÓRIA DE MASCAGNI

Registros históricos assinalam que quando o Quinto Exército Norte-Americano entrou em Roma ao final da primavera de 1944, um dos primeiros telegramas dava um quadro bastante triste de Pietro Mascagni. O compositor, glória dos palcos operísticos em todo o mundo durante os 50 anos precedentes, e a esposa, viviam na miséria. Ele tinha muito dinheiro a receber de várias partes do mundo, mas a guerra complicou tudo. Só para citar a Cavalleria Rusticana, ela chegou a ser representada simulta-

neamente em 96 teatros de ópera através do mundo.

E que ironia na tristeza do quadro: naquela mesma Roma devastada pela guerra, na noite de 17 de maio de 1890, Mascagni, com a idade de 27 anos, tinha irrompido com uma chama luminosa para o renome mundial quando a "Cavalleria" fôra apresentada ali pela primeira vez. E a partir de então o mundo extasiou-se com a beleza sonora do drama siciliano. A "Cavalleria" é não só a obra máxima de Mascagni mas talvez a obra-prima de todos

os dramas líricos já levados à cena no mundo, em todas as épocas.

E o genial compositor, que nasceu pobre (era filho de um padeiro), alcançou a glória de enriquecer moço graças apenas ao seu talento e vigor musicais. Mas fatalmente, tinha que empobrecer. Em certo sentido, e como a maioria dos artistas, foi um temperamental. Foi também polêmico e esbanjador. Tanto esbanjava dinheiro como talento rico na inspiração lírica de um criador de maravilhas.

Sua obra é ampla, porém, pouco conhecida fora da Itália, tal o êxito sem precedentes da Cavalleria Rusticana. Esta, pode-se dizer, projetou-se tanto, e tanto projetou seu cria-

dor, que o restante da obra é praticamente anônimo. Outras obras de Mascagni são: Amigo Fritz, de 1891; Ratzan, em 1892; Il Silvano e Guglielmo, Ratcliff, em 1895; Zanetto, estreada em 1896; Iris, em 1898; Le Maschere, representada simultaneamente na mesma noite (17 de janeiro de 1901) em sete cidades diferentes da Itália; Amica, estreada em 1905, em Montecarlo. Isabeau, com "première" sob direção do próprio Mascagni, no teatro Coliseu de Buenos Aires, em 1911. Seguiram-se Parisina, estreada no Scala de Milão em 1913; Landoletta, em 1917; a opereta Si, em 1919; Il Piccolo Marat, em 1921. A última ópera de Mascagni foi Nerone, cuja estréia no Scala significou

um retumbante sucesso para o já então maduro compositor e maestro. Estava com 72 anos.

A maior parte dessa produção é pouco conhecida fora da Itália. Cremos, sinceramente, que seu vôo de gênio foi alto demais em sua estréia com a Cavalleria. Pode-se dizer que do ponto-de-vista da musicalidade, não mais se repetiu o milagre da Rusticana. Posto que, embora Mascagni progredisse em técnica e em experiência dramática, a verdade é que sua inspiração não voltou a atingir a altura que deu-lhe a imortalidade com o drama siciliano. É possível até que sua projeção e glória no prosênio da música houvesse sido o mesmo com a criação, apenas, da Cavalleria Rusticana.

POESIA

VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA

Manuel BANDEIRA

Manoel Bandeira nasceu no Recife, em 1886 e morreu no Rio de Janeiro em 1968, cidade onde viveu desde menino. Sua obra poética inicial foi reunida em livro, sob o título A Cinza das Horas, e publicada em 1917. Vieram de-

pois, Carnaval, Ritmo Dissoluto, Libertinagem, Estrela da Manhã, A Lira dos 50 Anos, e outras. Foi membro da Academia Brasileira de Letras.

Publicamos no espaço, Vou-me Embora pra Pasárgada, um de seus

poemas mais apreciados:

*Vou-me embora pra Pasárgada!
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada!*

Vou-me embora pra Pasárgada!
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana — a louca — de Espanha

Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

*E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei um burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio.*

Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada!

*Em Pasárgada tem de tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcaóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar.*

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
—Lá sou amigo do rei
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada!

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS DÁ PRÊMIO AO AUTOR

Com o encerramento do XI Encontro Nacional de Escritores, realizado há duas semanas no Distrito Federal, uma grata revelação para o jovem contista catarinense, Deonísio da Silva, professor da FIDENE. Seu livro, *Exposição de Motivos* (vide COTRIJORNAL, edição Junho-76, pág. 18), conquistou o "Prêmio Brasília", para obra publicada de autor nacional.

Os critérios de julgamento e escolha fizeram do "Prêmio Brasília" um dos mais importantes do País, não obstante ter alcançado agora o seu terceiro ano de realização. Em 1975, foi premiada a escritora Clarice Lispector e no ano passado o "Prêmio Brasília" destacou obra lançada pelo conhecido poeta e cronista Carlos Drummond de Andrade.

Natural de Siderópolis, Santa Catarina, Deonísio se iniciou na arte de escrever no jornal "O Estado do Pa-

raná". Além de *Exposição de Motivos*, é autor de *Estudos Sobre a Carne Humana e Cenas Indecorosas*. Bastante novo, vem recebendo a atenção dos críticos, como no caso recente do "Prêmio Brasília", ao ser citado juntamente com nomes como os de Ledo Ivo, Dinah Silveira de Queiroz, Josué Montello e outros.

Antes de alcançar a distinção com o "Prêmio Brasília de Literatura", o nome de Deonísio da Silva já chamara a atenção da crítica literária, caso da *Revista Veja*, além de outras publicações.

Diante da distinção, projeta-se o nome do escritor, que aos 28 anos já alcança recompensa pelo seu trabalho, realizado paralelamente às funções que exerce como professor responsável pelo Departamento de Letras e Artes da FIDENE, em Ijuí, e aos estudos que realiza em Porto Alegre.



MOZART
RUSSOMANO
FOI LANÇADO
NA ESPANHA

Acaba de ser publicada, em Madrid, pela Editora de Estudos Políticos, a obra "Princípios Generales de Derecho Sindical", de autoria do brasileiro Mozart Victor Russomano, professor da Universidade Federal de Pelotas.

Trata-se da tradução do livro "Direito Sindical - Princípios Gerais", publicado no Brasil, em 1975, pelo editor Konfino, do Rio de Janeiro.

A obra de Russomano foi impressa na Espanha por um dos mais prestigiosos editores locais, especialistas em trabalhos do gênero. A tradução coube ao dr. Enrique Alonso Garcia e está prologada em termos altamente elogiosos, pelo prof. Enrique Olea, um dos principais juristas do mundo ocidental.

Ao longo das suas 330 páginas, Russomano faz uma análise crítica e sistemática do Sindicalismo, abrangendo todos os seus aspectos históricos e contemporâneos mais relevantes.

O ENCONTRO MARCADO

A Editora Record editou a 18ª edição do livro de Fernando Sabino, *O Encontro Marcado*, que a Sulina distribui no Rio Grande do Sul. Este foi o primeiro romance do autor, que começou no distante ano de 1948 com uma novela (*A Marca*), seguido de *A Cidade Vazia* (crônicas), em 1952 e novamente uma novela intitulada *A Vida Real*.

Com *O Encontro Marcado*, o escritor mineiro abriu à sua carreira um caminho novo e amplo dentro da literatura nacional. Suas obras posteriores (*O Homem Nu*, *A Mulher do Vizinho*, *A Companheira de Viagem* e *a Inglesa Deslumbrada*) vieram confirmar suas qualidades de prosador, capaz de explorar com fino senso de humor o lado pitoresco ou o poético do dia-a-dia.

Sobre *O Encontro Marcado*, disse Tristão de

Athayde: *O Encontro Marcado* é a história de Fernando Sabino? Sim, mas não se trata de uma autobiografia. É a história atormentada de uma geração, naquilo que ela tem de essencialmente dramático. No meio das confusões da vida, procura-se um valor que dê sentido à desconcertante experiência pessoal de quem trava um duelo de morte com a vocação furtiva.

DICIONÁRIO DE SOCIEDADES ANÔNIMAS

De autoria de Carlos O. Crusios, a Livraria e Editora Sulina acaba de lançar *Dicionário das Sociedades Anônimas*, que apesar de recente já circula em segunda edição. A obra é atualizada, de acordo com a Lei nº 6.404, incluindo suas comparações, complementada por esclarecimentos e cata-

logada em ordem alfabética por assuntos.

LASTRO DE CHUMBO

O nome de Leopoldo Heitor é sobejamente conhecido do público leitor brasileiro. Não necessariamente como escritor, mas como a personagem principal de um crime que ficou na crônica policial primeiramente do Rio de Janeiro, depois de todo o País, como "O Caso Dana de Tefé".

A vítima era esposa de Leopoldo Heitor, que foi acusado e preso como o assassino, sendo solto anos depois sob liberdade condicional.

Lastro de Chumbo, segundo o próprio autor, é mera ficção, "mesmo quando alguns dos episódios que o compõem tenham realmente acontecido aqui e acolá, segundo narrativas que ouvi, ao tempo".

Pague pra não ver.

Não existe nada mais triste do que um trigo contaminado por fungos. E nada que dê mais prejuízos. Se você ainda não passou por isso, não espere pra ver. Use Manzate D + Benlate e pague para ter sua lavoura protegida contra as doenças do trigo. E pague pouco. Manzate D + Benlate protegem o seu trigo contra todas as doenças. É a mistura que mais aumenta a sua produção e que tem menor custo por hectare. E quem garante isto não é apenas a Du Pont. Os próprios órgãos governamentais pesquisaram e obtiveram índices de produtividade de até 100% a mais com o uso de Manzate D + Benlate. A Du Pont e seus distribuidores fornecem a assistência técnica que você precisa. Siga a orientação de sua cooperativa. Aplique Manzate D + Benlate na sua lavoura de trigo. Na próxima colheita você vai ver como é bonito um trigo sadio. E como é lucrativo.

MANZATE® D + BENLATE® DU PONT

Aumente em até 100% sua colheita de trigo sem plantar nem um palmo a mais.

GENARO KREBS E A VIAGEM DE PANAFIEL À SALAMANCA

Recebemos, assinada pelo advogado e líder cooperativista, professor Genaro G. Krebs. Agradecemos as referências ao preclaro missivista e damos a seguir, uma síntese da citada correspondência.

Prezado redator: Falar sobre o "Cotrijornal" nº 40, seria totalmente desnecessário, eis que indiscutivelmente, o jornal é o que de melhor se publica e se divulga dentro da área do cooperativismo em todo o País.

Mas precisamente o de nº 40 — permita-me o redator que o diga — sem confete — veio mais qualificado ainda e, em razão disso, não poderia deixar passar em brancas nuvens o que mais me sensibilizou dentro de todo o conteúdo do jornal.

Refirmo-me especificamente ao editorial 2.

Da viagem empreendida pelos dois estudantes de Panafiel à Salamanca, dentro da belíssima narrativa de Le Sage.

É claro que a atenção de um deles e a reação de ambos, de forma dicotômica ante a mensagem encontrada e inscrita na laje nos obriga a uma ampla reflexão, já que um deles quis saber o "por que" e o "para que" das

coisas; enquanto o outro, afoito, não quis se preocupar em detalhes. Desejava, isto sim, chegar o mais depressa possível ao seu destino.

Justa a colocação da narrativa, perfeita a relação com determinados "fatos da vida real".

O importante de tudo isso, caríssimo Quevedo, é posicionar bem as coisas, narrar os fatos com sobriedade, com maturidade, assim como foi escrito o editorial e, como também foi colocado na Carta de Gramado, que expressou, com rara oportunidade, uma posição ideal do cooperativismo gaúcho e que, infelizmente, ainda não atingimos, pois dentro da cosmovisão de nosso sistema, assistimos, com relativa constância, certas posições irrefletidas.

Será que não é chegado o momento de higienizar o sistema? Será que não é o momento de se providenciar na expulsão dos fariseus do templo?

Parece-me que a parábola bíblica tem sentido quando falsos profetas insistem e se jactam como preferidos dos deuses e tentam, do alto da montanha, interpretar o pensamento dos que estão no limbo. Atenciosamente,

Genaro G. Krebs, Santo Ângelo, 14 de abril de 1977.

IBRANTINO REBELLO FLORES — ERECHIM

Caríssimo senhor: Recebi o "Cotrijornal" nº 40, de abril, que me foi enviado por solicitação de meu amigo Luiz Erminio Berto. Realmente, eu já havia lido um. Gostei bastante e tirei muita coisa boa. Tem uma paginação perfeita e sua leitura é amena, sem deixar de ser culta e até bastante incisiva, o que demonstra a liberdade que tem nas suas manifestações sobre vários assuntos.

Agradeço imensamente a distinção que me foi dada e fico às ordens nem que seja para dar informações. Cordialmente, Ibrantino Rebello Flores — rua Aratiba, 75 — Erechim, RS.

TECNÓLOGOS EM COOPERATIVISMO

A segunda turma do Curso Superior de Tecnólogos em Administração Cooperativista da Universidade de Santa Maria, vem pela presente consultar V.S. sobre a possibilidade de receber um exemplar do COTRIJORNAL,

que será lido em rodizio pelos componentes do curso, pois o mesmo é de grande utilidade didática.

Atenciosamente, Hélio Luiz Marchioro, secretário cultural. U.F.S.M.

N. da R. — Passamos a remeter, via postal, o jornal solicitado.

NOVA DIRETORIA DA ASSOCEP

Em assembléia geral ordinária realizada em fevereiro, foi eleita e empossada a nova diretoria da Associação de Orientação às Cooperativas do Paraná, cuja nominata é a seguinte: diretor-presidente, Benjamin Hammerschmidt; vice-presidente, Roberto Wypych; secretário, Francisco dos Anjos. Diretores titulares, Manoel Henrique Pereira, Shiro Takakusa, José Cella, William Vriesmann. Conselho fiscal, Leopoldo Piotrowski, Guntolf Van Kaick, Fernando R. Repinaldo, João Costamagna, Joaquim G. de Lara e Adamastor Monteiro.

ENCONTRO DE MUSEUS EM BAGÉ

Continuam intensos os trabalhos preparatórios para o II Encontro Sul-Rio-Grandense de Museus. O encontro é patrocinado e tem como anfitrião o Museu Dom Diogo de Souza, da Fundação Átila Taborda. A data

da realização é de 17 a 21 de outubro na cidade Rainha da Fronteira, integrando o Projeto Cultural, tendo como apoio o Comitê de Membros Brasileiros do "International Council of Museums". Contará também com o prestígio do professor Hipólito Sanchés Quell, diretor-geral dos arquivos, bibliotecas e museus do Paraguai, designado especialmente pelo dr. Raul Peña, ministro da Educação daquele País.

REVISTA "EU SEI TUDO" E HIPÓLITO DA COSTA

A redação agradece a amável correspondência do dr. Clayr Lobo Rochefort, diretor do "Diário Popular" de Pelotas, juntamente com a pesquisa histórica inserida na extinta revista "Eu Sei Tudo" sobre Hipólito José da Costa, patrono do jornalismo brasileiro. Trata-se de um trabalho histórico de real valor.

COLÉGIO AGRÍCOLA PRESIDENTE VARGAS

Senhor editor: Venho por meio desta solicitar-lhe uma assinatura do COTRIJORNAL. Estudo no Colégio Agrícola "Presidente Getúlio Vargas" de Três de Maio. Caso seja atendido, já antecipo meus agradecimentos. Gilberto Leite de Oliveira, Colégio Agrícola "Presidente Getúlio Vargas", Três de Maio, RS.

CENTRO DE TREINAMENTO INDIGENA DONA "CLARA CAMARÃO"

Com a presença do general Ismarth de Araújo, presidente da Fundação Nacional do Índio, foi inaugurada a 18 de abril o Centro de Treinamento Profissional "Clara Camarão" junto ao Posto Indígena da Guarita, no município de Redentora.

Nesta primeira etapa, segundo informou a diretora do Centro, professora Zoraide Goulart dos Santos, a capacidade física é de 40 alunos, sendo 28 rapazes e 12 moças. Numa segunda fase serão construídos novos pavilhões para aumentar a capacidade de alunos residentes.

Anteriormente o Centro mantinha o curso de formação de monitores de ensino, muitos deles lecionando hoje no próprio local.

Os alunos, todos índios, são oriundos de quase todos os Toldos da Quarta Região, que compreende os estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina.

Agora, com as novas instalações, que compreendem 13 pavilhões, o Centro mantém um curso para formação de monitores em agricultura, que é de três anos.

Os pavilhões foram construídos com recursos da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, segundo informação dada pelo professor Svend Kongezslev.

HIPERGRAN

APRESENTA A SUA SUPERPRODUÇÃO

Aqui, a verdade provada: HIPERGRAN é superprodução no trigo. É menor custo de adubação por hectare. É mais dinheiro por safra. É lucro certo na mão. Fale com quem usa HIPERGRAN e compare o dinheiro gasto na adubação, com o resultado na boca da colheitadeira. Converse com o representante CRA de sua região e veja os argumentos dele, provados e comprovados. Seja um campeão na produção de Trigo.

COM HIPERGRAN A TERRA É BOA. HIPERGRAN É CRA.

companhia riograndense de adubos




Lavoura de trigo do Sr. LEO RODRIGUES NUNES - 94 ha - Passo Fundo - RS
Variedade: S - 31 - Adubação: 250 kg/ha de HIPERGRAN 9-30-10*
Produção: 1.980 kg/ha (33 sacos/ha) - Safra 1976
* HIPERGRAN 9-30-10 corresponde ao produto HIPERGRAN nº 93610
Reg. Min. Agricultura - RS - 1.397
Garantias: N - 9%; P₂O₅ sol. ác. c/ácido 2% 1-100 - 30%; K₂O sol. 10%; P₂O₅ sol. água - 22%.



PERSPECTIVAS DA AGRICULTURA NA REGIÃO DA CAMPANHA

O programa de integração lavoura-pecuária tem dois objetivos fundamentais. O primeiro busca trazer o engorde de bovinos para a região lavoureira do Planalto. O segundo busca levar a produção lavoureira para a região da fronteira. A COTRIJUI, ao se fazer presente em Dom Pedrito, passa a se integrar definitivamente dentro desta filosofia, qual seja, incentivar e assessorar uma agricultura diversificada. Basta dizer que a COTRIJUI já comercializa além de trigo/soja, arroz, milho, feijão, carne e lã.

Desde que a COTRIJUI se fez presente em Dom Pedrito, temos focalizado essa região. Os dados que são apresentados referem-se a região de programação 9 do INCRA, conforme ilustra o mapa, dentro da qual aparece Dom Pedrito e os municípios

que a compõem. Esta região é formada por 11 municípios e abrange uma área de aproximadamente 4.000.000 hectares, sendo que o município de Dom Pedrito ocupa uma área de 538.145 hectares. Ela é conhecida como a zona da pecuária extensiva, tendo mais de 90% de sua área ainda coberta por pastagens nativas. Mais de 39% da superfície da região se caracteriza por terras cultiváveis seguras e continuamente, com cultivos anuais adaptados (arroz, soja, sorgo, trigo, aveia, centeio, etc). Outra parte (26,2%) formada por solos planos, de razos a profundos, embora se adaptem aos cultivos anuais, são sujeitos a alagamento. Existem áreas formadas por solos pedregosos ou excessivamente ondulados, sendo que uma parte (33,1%) ainda não foi bem caracterizada.

A estrutura fundiária se caracteriza pela alta concentração de terra. Os estabelecimentos agrícolas com mais de 1.000 hectares ocupam mais de 50% da área da região e representam pouco mais de 5% do número de imóveis. A área média das propriedades é em torno de 214 hectares, o que torna fácil a mecanização racional da exploração.

Com relação ao clima, é importante salientar que é normal a ocorrência de secas no período que se estende de dezembro a fevereiro. Existem alguns locais onde não ocorrem períodos secos. A frequência de anos secos, em termos médios é de 30%, podendo ocorrer variações para mais, em direção ao município de Uruguaiana. As épocas de maiores precipitações ocorrem de abril a outubro. As ge-

das começam normalmente em abril e em alguns anos podem ocorrer até novembro, variando de 55 a 80 geadas por ano.

Os solos, em sua maioria, ainda cobertos com pastagens nativas, apresentam uma variação muito grande. As unidades mais representativas que ocorrem em Dom Pedrito e municípios vizinhos são: Aceguá, Bagé, Ponche Verde, Livramento, Santa Tecla, Santa Clara e Bexigoso.

Através do depoimento de técnicos que atuam nos municípios de Bagé e Dom Pedrito, pode se elaborar um esquema onde se observa o perfil de uma coxilha das unidades dos solos mais representativos (Aceguá, Bagé, Ponche Verde, Livramento, etc), com as respectivas recomendações preferenciais de utilização em função do relevo (ver gráfico do relevo). As partes planas, geralmente de difícil drenagem, são preferencialmente recomendadas para o cultivo do arroz, irrigado e pastagens (trevos, cornichão e azevém). Outros cultivos como soja, sorgo, também podem ser cultivados nestas áreas, entretanto o produtor deve ter cuidados com relação a drenagem. Os produtores mais experientes ainda consideram que não é recomendável o cultivo de lavoura de seco nestas áreas.

Nos solos de encosta podem ser utilizados os cultivos de seco como soja, sorgo, milho, cereais de inverno e pastagens. O único risco destas lavouras são os períodos secos que podem ocorrer de dezembro a fevereiro. Entretanto nos últimos três anos, de acordo com os técnicos da

região, estes períodos não têm comprometido o rendimento dos cultivos.

Na parte mais alta das coxilhas não é recomendável os cultivos de verão (soja, milho e sorgo) devido ao fácil dessecação destas áreas no verão. Preferencialmente eles devem ser utilizados com cereais de inverno e pastagens.

Com relação a acidez, de um modo geral, não há maiores problemas. Na maioria das unidades não há acidez nociva e, por isso, as recomendações de calagem raramente atingem a duas toneladas. Nos solos Bagé e Aceguá, por exemplo, pastagens de trevo, cornichão e azevém são estabelecidos somente com aplicações de fósforo, a menos que o pH seja inferior a 5,5. Enfim, solos como o Aceguá e Bagé, se comparados aos solos do Planalto, são significativamente melhores em fertilidade natural, além de não terem acidez nociva.

Oportunamente daremos continuidade a este artigo, no sentido de informar nosso quadro social sobre as potencialidades da agricultura na região da fronteira.

Os dados técnicos foram extraídos das seguintes publicações: Levantamento e Avaliação de Recursos Naturais, Sócio-Econômicos e Institucionais do Rio Grande do Sul. INCRA, Brasília 1973 - Levantamento e Reconhecimento dos Solos do Estado do Rio Grande do Sul. Ministério da Agricultura. Boletim técnico nº 30. Recife 1973. Texto do eng. agr. Renato Borges de Medeiros.

ESQUEMA DO PERFIL DE UMA COXILHA DOS SOLOS SUAVEMENTE ONDULADOS DA REGIÃO DA CAMPANHA.



VISITA À NOVA FÁBRICA DE TRIFLURALINA TÉCNICA



Por ocasião da última reunião do Departamento de Vendas da NORTOX em Arapongas, PR, os Senhores José Kuhnem e Ivo Nogueira (na foto), respectivamente gerente e chefe de Vendas da filial da empresa, em Carazinho, no Rio Grande do Sul, visitaram a nova fábrica de TRIFLURALINA TÉCNICA em plena produção. A fabricação da NORTOX, destinada a atender a todo consumo nacional do herbicida, determinará o cancelamento de qualquer importação da TRIFLURALINA TÉCNICA de agora em diante.



NORTOX AGRO QUÍMICA S/A

MATRIZ: ROD. MELD. PEIXOTO Km 197
TELEFONE (0432) 52-0122
86700 - ARAPONGAS - PARANÁ

FILIAL
Rua João Adolfo, 118 - Conjunto 801
Fones (011) 356948 e 321792
01050 - SÃO PAULO - Capital

FILIAL
Avenida Flores da Cunha, 5100
Caixa Postal, 60 - Fone 8505
99500 - Carazinho - RS

FILIAL
Avenida Brasil, 36
Caixa Postal 1043 - Fone (0166) 344713
14100 - RIBEIRÃO PRETO - SP.

O Interior

COTRIJUI INCENTIVA A FRUTICULTURA

Eng. Agr. Lauro KOHLKAMP



A fruticultura nos últimos anos vem recebendo consideráveis incrementos em diversas regiões do Estado e do País, com a implantação de grandes pomares das mais variadas espécies, que se destinam ao abastecimento dos grandes centros urbanos, a industrialização e a exportação, seja na forma de frutas frescas, enlatados, suco concentrado congelado e outros sub-produtos.

O mercado para a fruticultura está em franca expansão, principalmente nos países desenvolvidos, onde a população está cada vez mais convicta da necessidade de incluir frutas na sua dieta para conseguir uma alimentação rica e equilibrada, indispensável à saúde.

As frutas constituem alimentos de grande valor. Possuem substâncias nutritivas, especialmente sais minerais e vitaminas essenciais ao bom desenvolvimento e ao perfeito desempenho das diversas funções do nosso organismo. Tanto as crianças como os adultos devem consumir frutas à vontade.

Nesta região tem-se notado que diversos agricultores estão destruindo os seus pomares caseiros, na avidez de em seu lugar plantar alguns metros quadrados de soja a mais. Não se dão conta, no entanto, do que estão perdendo em qualidade e quantidade de alimentos para a sua família, pois a partir deste momento toda a fruta terá de ser adquirida no comércio a preços exorbitantes e muitas vezes de quantidade inferior, devido ao transporte e ao período de armazenamento. É óbvio que nestas condições o consumo será mínimo.

Todo o agricultor deve produzir quantidade e variedade de frutas necessárias ao consumo da família nas diversas épocas do ano, sempre frescas, à vontade e por um custo praticamente insignificante. Há que considerar ain-

da o fator ornamental que o arvoredo faculta à residência. Por isso torna-se necessário a instalação de um pomar doméstico bem planejado. O que plantar?

Podem ser cultivadas nesta região, sem maiores dificuldades, as seguintes espécies frutíferas:

Laranjeiras — Podendo-se contar com diversas variedades, sendo a mais precoce a laranja do céu, que pode ser consumida ainda verde. Em seguida vem as laranjas de umbigo, tais como a Bahia, a Baianinha e a Monte Parnaso. As mais tardias são a Pera e a Valência.

Bergamoteiras — Satsuma (a mais precoce), Comum Pankam, Murcott e Montenergrina. Esta última inicia a maturação depois que as outras já terminaram.

Limoeiros — Tahiti e Siciliano, sendo que o siciliano é o mais recomendado para esta região por ser mais tolerante ao frio.

Pessegueiros, Nectarinas e Ameixeiras — Existe uma série de variedades destas espécies que se adaptam bem ao nosso clima.

Exigem tratamento contra algumas pragas e moléstias.

Pereira e Macieira — São duas espécies que não se adaptam bem ao nosso clima. Ressentem-se da falta de frio. Além disso, principalmente na macieira, se fazem necessários muitos tratamentos com fungicidas e inseticidas, caso contrário não se obterá frutas sadias. O calor, aliado à alta umidade do ar facultam condições para a proliferação de diversas moléstias.

Caquizeiros — Existem três tipos: branco taninoso, branco não taninoso e o chocolate.

Videiras — O nosso clima não é indicado para a viticultura por ser muito quente e úmido no período de maturação, mas isto não impede que se cultive algumas parreiras para o consumo caseiro. Nogueira Pecan — Não há restrições ao seu cultivo.

Quanto ao cultivo do abacateiro, abacaxizeiro, mamoeiro, bananeiras e goiabeira, que são frutíferas de clima tropical e subtropical, é praticamente inviável nesta região, por serem muito suscetíveis à geada.

COMO PLANTAR

Espaçamento — Tratando-se de um pomar doméstico, pode-se adotar os seguintes espaçamentos: 6m x 8m ou 7m x 7m para laranjeiras, bergamoteiras, limoeiros, caquizeiros e pereiras; 6m x 4m ou 6m x 5m para pessegueiros, nectarinas, ameixa e macieira; 3m x 2m para videira; 2,5m x 2,5m até 3m x 3m para a figueira; e 10m x 10m para a noqueira pecã.

Preparo das covas — As co-

vas deverão ser abertas e adubadas com no mínimo um mês de antecedência, para que o adubo esteja solubilizado por ocasião do plantio.

Principalmente se o esterco usado não for curtido. Deverá ser incorporado em cada cova cerca de 20 a 40 quilos de esterco ou composto, 1 kg de calcário e adubos fosforados e potássicos de acordo com as recomendações abaixo.

	P ₂ O ₅	K ₂ O
Citrus	100 g	120 a 200 g
Pessegueiro	100 g	120 g

Nectarina	100 g	120 g
Ameixeira	100 g	120 g
Macieira	200 a 300 g	120 a 240 g
Pereira	200 g	150 g
Caquizeiro	100 g	60 g
Videira	100 g	60 g
Figueira	100 g	30 g

Esta adubação deverá ser bem misturada com a terra dentro da cova. Para facilitar esta operação e garantir uma boa mistura, pode-se agir da seguinte maneira: ao abrir a cova, colocar a terra retirada em redor da mesma. A seguir, espalhar o esterco,

o calcário e a adubação química sobre esta terra. Feito isto, puxar tudo para dentro da cova com uma enxada. Deixar assim a cova até a hora de plantar, quando então se abre novamente o suficiente para acomodar bem o sistema radicular da muda.

TERRAS ou APLICAÇÃO EM LETRAS DE CÂMBIO CREFISUL? VOCÊ SABE POR QUE APLICAR EM LETRAS DE CÂMBIO CREFISUL É O MELHOR NEGÓCIO?

CREFISUL



- 1 — Porque as LETRAS DE CÂMBIO CREFISUL, rendem juros e correção monetária PRÉ-FIXADA a partir do primeiro dia de sua aplicação.
- 2 — Porque as LETRAS DE CÂMBIO CREFISUL podem ser resgatadas em qualquer época, sem prejuízo dos juros e da correção monetária pré-fixada.
- 3 — Para aplicar em LETRAS DE CÂMBIO CREFISUL, você não precisa esperar por datas ou por trimestres, nem para aplicar e nem tão pouco para resgatar seu investimento.
- 4 — Porque as LETRAS DE CÂMBIO CREFISUL, lhe proporcionam uma renda espetacular, são extremamente seguras, e o que é muito importante, você resgata na hora em que quiser.

ISSO NÃO É UMA BOA?

Então, enquanto você espera para comprar a terra de seus sonhos, não permita que o seu dinheiro diminua, aplique-o logo, em LETRAS DE CÂMBIO CREFISUL e viva despreocupado.

CREFISUL S/A. Crédito, Financiamento e Investimentos — Rua XV de Novembro, 481, na sobre-loja, junto ao escritório de contabilidade de WALDEMO NOLL — IJUÍ — RS, Fones: 2604 e 2879.

TREINAMENTO PARA OS PRODUTORES DE LEITE

Na pecuária leiteira, como em qualquer tipo de exploração agropecuária, o resultado final do processo produtivo é consequência da interação existente entre os diversos fatores de produção. Desta forma o uso de técnicas isoladas, ainda que bem conduzidas, tenderá a não produzir modificações significativas no processo produtivo se todos os fatores, como alimentação, manejo, qualidade do rebanho, cuidados sanitários e instalações não forem igualmente assistidos. É necessário, portanto, que a assistência técnica seja programada, objetivando a evolução equilibrada dos diferentes fatores de produção. No entanto, para que a programação técnica obtenha resultados concretos, é indispensável a participação ativa e consciente do produtor, pois é ele que, em última análise, executará a programação a nível de propriedade. Daí a necessidade de capacitar o produtor para a utilização das técnicas recomenda-

das através de cursos de treinamento. O Departamento Técnico da COTRIJUI realizará cursos de treinamento para produtores interessados em estabelecer uma pecuária leiteira dentro dos novos padrões de produção que este tipo de exploração pecuária deverá atingir nesta região, como consequência da criação da CCGL. Estes cursos terão caráter eminentemente prático e através deles se procurará dar ao produtor uma visão global de todas as atividades técnicas preconizadas pelo programa de assistência que está sendo elaborado pelo departamento técnico.

Todas as áreas de atuação dentro da exploração leiteira, como implantação e manejo de forrageiras, cuidados sanitários, técnica de ordenha, manejo do rebanho, aplicação de medicamentos e vacinas, serão amplamente debatidos, de modo que o produtor leiteiro fique plenamente capacitado para conduzir corretamente o seu trabalho, contan-



do com o assessoramento constante do departamento técnico.

Oportunamente será feita a seleção dos produtores interes-

sados em participar do programa de produção leiteira.

PASTAGENS DE INVERNO

- 1) 70 kg/ha de aveia + 15 kg/ha de azevém Anual.
- 2) 60 kg/ha de Centeio + 15 kg/ha de azevém Anual.
- Se o produtor desejar pode ainda semear junto trevo vermelho ou trevo "Yuchi", ou ainda ervilhaca.
- 3) 10 kg/ha de Festuca K-31 + 2 kg/ha de trevo branco yi.

— A pensacola pode ser semeada junto com o trigo.

Para maiores informações procure o Departamento Técnico da COTRIJUI.

CONSORCIAÇÕES RECOMENDADAS

Procure formar pastagens de acordo com as recomendações do Departamento Técnico.

Espécie Forrageira	Época de Semeadura	Densidade kg/ha
aveia Coronado	maio a junho	90
aveia Suregrain	maio a junho	90
aveia Ipecoen	maio a junho	90
aveia Preta	maio a junho	80
avevém Anual	maio a junho	20
centeio	maio a junho	70
trevo "Yuchi"	maio a junho	8
trevo branco yi	maio a junho	2
festuca K-31	maio a junho	15
pensacola	maio a outubro	25
alfafa Crioula	maio a junho	15

CEVADA CERVEJEIRA

A cevada cervejeira, muito cultivada a anos atrás, com os incentivos da cultura do trigo e as facilidades na importação de malte, deixou de ser cultivada em nossa região.

Com as restrições de importações imposta pelo Governo, visando um melhor equilíbrio na balança de pagamento, o malte também foi atingido. Daí o novo incentivo à produção de cevada.

Em convênio com a Cia. Antártica Paulista, a COTRIJUI, vem estimulando a produção junto aos associados, há dois anos, com bons rendimentos. Para a presente safra, a COTRIJUI dispõe de uma boa quantidade de semente da variedade Antártica 01, para ser distribuída aos associados que tenham interesse em produzir cevada.

Solo — A cevada cervejeira deve ser cultivada em solos férteis e corrigidos. Ela é muito sensível a acidez do solo.

Época de sementeira — A época de sementeira da cevada é a mesma indicada para o trigo, ou seja, de 2ª quinzena de maio até julho.

Adubação — A adubação é a mesma recomendada para o trigo, ou seja, 270 a 300 kg/ha das fórmulas 9-33-12; 6-30-12 ou 6-33-12.

Colheita — Para produzir o malte, a cevada deve ter mais de 95% de germinação. Para possuir essa germinação a cevada deve ser colhida seca, no máximo com 13% de umidade.

A COTRIJUI somente receberá cevada seca e ensacada

em sacaria nova. A sacaria será fornecida ao produtor.

Quando você pensar em plantar não comece sem ter MANAH.

MANAH é lucro certo. É seu aberto para quem plantar. Maior qualidade. Maior produtividade. Viva só vai ganhar com MANAH.

Com MANAH adubando da



PASTAGENS PARA REGIÃO DA CAMPANHA

De acordo com informações colhidas junto à Estação Experimental Cinco Cruzes da EMBRAPA as consorciações forrageiras mais recomendadas para a campanha são:

Espécies	Épocas de Semeadura	Sementes kg/ha
	Mais Indicada	
1) - Cornichão S. Gabriel	março a maio	8
- Trevo branco cultivares		
Yi, Bayucuí ou Bagé	março a maio	2
- Azevém anual	março a maio	10
2) - Cornichão S. Gabriel	março a maio	10
- Trevo branco cultivares		
Yi, Bayucuí ou Bagé	março a maio	2
3) - Cornichão S. Gabriel	março a maio	6
- Trevo branco cultivares		
Yi, Bayucuí ou Bagé	março a maio	1
- Trevo vermelho	março a maio	6
- Azevém anual	março a maio	10
4) - Aveia coronado	abril a maio	80
- Azevém anual	abril a maio	15

- As consorciações 1, 2 e 3 podem ser estabelecidas com semeaduras diretas sobre o campo nativo a partir de maio. Estas consorciações também podem ser estabelecidas em semeaduras simultâneas com a lavoura de trigo.

- Para maiores informações procure o Departamento Técnico.

ANDA TERÁ ESCRITÓRIO REGIONAL NO SUL

Ainda para este ano, a ANDA - Associação Nacional para a Difusão de Adubos - terá escritório regional em nosso estado. Isto é gratificante, pois a Região Sul (pela divisão da ANDA, Rio Grande do Sul mais Santa Catarina), representa 30% no consumo nacional de fertilizantes, o que coloca esta região na categoria de 2º maior mercado de adubos de todo o território nacional.

Com sua matriz em São Paulo, a ANDA tem por finalidade difundir o uso de fertilizantes,

orientando o agricultor nas modernas técnicas de adubação, para uma maior produtividade. Para isto se utiliza de áreas demonstrativas, programas de pesquisa nacional e nas culturas de maior significação na economia brasileira. Constantemente, também promove seminários, palestras e edita boletins e folhetos técnicos.

A abertura do escritório regional do sul foi estabelecida em assembléia geral, dia 31 de março. Na oportunidade foram escolhidos os novos integrantes das

diretorias em todo o país.

Para representar o sul, na diretoria executiva da ANDA, foi eleito o sr. Erich Pudler - Superintendente da Companhia Rio-grandense de Adubos. A presidência da ANDA será representada pelo sr. Péricles Nestor Lochi (Quimbrasil). Nas outras áreas passarão a atuar: Na Diretoria Executiva do Centro, os srs. Clóvis Galante (KAP) Marcos Lisboa (Copebrás), Aurilio Fernandes Lima (Ultrafertil) e Luiz Bocalato (Copas).

O CULTIVO DA ERVA-MATE

(RESUMO)

Maria Tereza Tarragó

A erva-mate pertence à família AQUIFOLIACEAE, gênero Ilex, do qual a Ilex paraguayensis St. Hill é a espécie indicada para a obtenção de mate de superior qualidade.

O preparo de suas folhas resulta na bebida conhecida, dependendo da região, por: mate, chimarrão, chá do Paraguai, chá das missões, chá do Paraná, chá Argentino, e primitivamente, chá dos jesuítas.

A erva-mate é uma árvore que se encontra vegetando em estado silvestre numa extensa região de clima temperado quente, da América do Sul.

Ainda não foram determinados os limites ecológicos desta planta, entretanto, pode-se acompanhar, a grosso modo, os pontos onde ela situa-se no Rio Grande do Sul. Ela aparece nativa na região do Alto Uruguai, alcança as Missões, atinge todo o Planalto, inclui a Serra do Nordeste e parte da Depressão Central. As erva-mates podem se adensar em consorciação e formar ervais nativos, ou ainda serem cultivadas em locais que tenham temperatura elevada, porém nunca além do coeficiente ótimo para o desenvolvimento desta planta, entre 17 e 20°C.

Estendendo-se além do Rio Grande do Sul, são encontrados bosques naturais de erva mate em grande parte de Santa Catarina. Subindo para o Paraná, depois de transposta a zona de terras roxas, iniciam as erva-mates nas terras de pinheirais e espalham-se por todo o Estado, excetuando o litoral e continuam infiltrando-se em alguns pontos do Mato Grosso.

A propagação da erva-mate é feita por sementes extraídas de frutos que amadurecem de fevereiro a março. A separação das sementes é feita esmagando-se os frutos previamente macerados em água durante várias horas. Examinando-se as sementes limpas da erva-mate, verifica-se que elas entram na categoria das "Sementes Duras", assim chamadas

porque seu tegumento endurece de tal modo que se torna quase impermeável à água e, portanto, não podem germinar com a presença das sementes comuns. O obstáculo à germinação desaparece com o lento amolecimento dos grãos em contato com a terra, levemente umedecida durante vários meses. A este processo chama-se estratificação.

FEIRAS DO TERNEIRO

Feiras	Período de Inscrição	Data de realização
	- compradores -	
Pelotas	Encerradas	9, 10 e 11/05
J. de Castilhos	Encerradas	13, 14 e 15/05
Erexim	Encerradas	19, 20 e 21/05
Bagé	Encerradas	25, 26 e 27/05
Santa Maria	Encerradas	30, 31/05 e 01/06
Ijuí	20/02 a 24/05	9, 10 e 11/06
Palmeira das M.	20/02 a 24/05	13, 14 e 15/06
Santa Rosa	20/02 a 24/05	22, 23 e 24/06
Carazinho	20/02 a 24/05	28, 29 e 30/06

DEFENSIVOS PARA HORTALIÇAS

Antes de aplicar defensivos em sua horta, lembre-se que na COTRIJUI você encontra os produtos adequados.

Para hortaliças FUNGICIDAS	Adicionar por 100 lt. água
Batasan	75 g
Brema	170 g
Brassicol	300 g
Melprex	60 g
Preposan	400 g
INSETICIDA	
Unden Em 20	200 g
SEMENTES DE HORTALIÇAS	
Cebola-Baia Periforme	Beterraba
Repolho Híbrido	Couve-Flor
Alface	Cenoura
Rabanete	Rúcula

Organize sua horta com assistência do Departamento Técnico da COTRIJUI.

Use Adubos Trevo. Quem lida com fertilizantes há 46 anos, sabe muito bem como dar a você a terra prometida.

Pudera, todo esse tempo em que os Adubos Trevo vêm fertilizando terras pelo Brasil afora, sempre se soube que Trevo é marca de fé. Garantia de colheitas fartas. Certeza do pão na mesa.

Afinal, toda a tecnologia desenvolvida em suas fábricas está voltada inteiramente para o aperfeiçoamento de fertilizantes e calcários adequados às terras brasileiras, de maneira a suprir suas deficiências.

Inclusive agora, o complexo industrial da Trevo, no Superporto de Rio Grande, lança no mercado, também, Supertrevo, o NPK Granulado,

numa composição única de Nitrogênio, Fósforo e Potássio. Sem contar a constante produção de outras formulações NPK, para os mais diversos tipos de culturas.

Por isso, quando chegar a hora de adubar, acredite nos Adubos Trevo, antes de tudo.

Prá deixar sua terra santa.

ADUBOS TREVO

Indústrias Luchsinger Madörin S.A.
Av. Júlio de Castilhos, 435
Fone 25-5455 - Porto Alegre - RS



BANDA MUNICIPAL "CARLOS GOMES" UM PATRIMÔNIO CULTURAL DE IJUÍ



O maestro e as crianças.



A banda a postos.

No regimento interno da Banda Municipal "Carlos Gomes", de Ijuí, no capítulo referente as finalidades, lê-se: incentivar o culto ao belo, elevar o bom nome de Ijuí, levar a alegria . . . , incrementar e aprimorar a arte da música em nosso município. Nesse e nos demais capítulos do RI, é notável, marcante mesmo, o tom humanitário, organizado, abnegado, de um elemento que hoje é o próprio retrato da banda. O seu maestro, professor Olivio Hermes. Natural de Não Me Toque, e isso faz questão de frisar, tendo a frente farto documentário fotográfico, jornalístico e outros, foi percorrendo para a reportagem do COTRIJORNAL a caminhada da garbosa "Carlos Gomes".

A FUNDAÇÃO E A REORGANIZAÇÃO

A Banda foi organizada no ano de 1937 pelo então maestro tenente Aparício Assis de Quadros, sendo prefeito de Ijuí o coronel Antonio Soares de Barros. Dois anos depois, 1939, viria a ser oficializada como Banda Municipal "Carlos Gomes", estando na chefia do executivo o dr. Emilio Martins Bühler. Cada músico, e isto consta nos documentos hoje conservados pelo professor Olivio, passou a perceber 10 mil réis por mês. O falecimento do então dirigente dispersou o grupo musical, ficando ausente do cenário municipal por cerca de 5 anos.

A reorganização da Carlos Gomes viria acontecer no dia 21 de abril de 1954, quando da nomeação do professor Olivio, como maestro, pelo sr. Ruben Kessler da Silva, prefeito municipal e desde então, um dos maiores incentivadores do grupo. Naquela data, à noite, a Banda deu retreta em praça pública, interpretando dentre outros, o Dobrado Ruben K. da Silva, numa homenagem ao seu reorganizador.

COM AS DIFICULDADES, O CÔMICO

Após a reorganização, os ensaios passaram a ser semanais. Já então, os integrantes da banda cumpriam longas caminhadas, muitos a pé, como

era o caso dos moradores da vila de Alto da União. A par dessas dificuldades costumeiras, o maestro Olivio Hermes lembra com saudades uma viagem da Carlos Gomes a Itapiranga, por ocasião da inauguração de um colégio e da rede elétrica da cidade. Em meio aos atos inaugurais, o padre local interrompia os oradores (deputados, prefeito, autoridades), e em altos brados pedia ao povo que desse vivas a Itapiranga, ao palestrante, e etc. Na viagem de retorno a Ijuí, que durou dois dias devido a intensa chuva, a lembrança das atitudes do padre fazia com que os cansados músicos esquecessem as agruras da jornada. Muitas alegrias a Carlos Gomes viveu ao longo destes 23 anos de sua reorganização. Sem falhar um só ano, participou dos desfiles de 7 de setembro e de outros festejos cívicos e comemorativos, como a data do município, inauguração da Sociedade Ginástica, congressos tradicionalistas, concursos de bandas, tendo se sagrado vencedora do certame realizado em Cruz Alta no ano de 1968. Tradicional e esperada sempre é a alvorada musical que a banda "Carlos Gomes" realiza no dia 1º de janeiro de cada ano. Acomodados na carroceria de um caminhão, os músicos percorrem centro e bairros, desejando a todos um bom ano. No Natal, acontece uma verdadeira festa em família. Músicos, familiares, autoridades

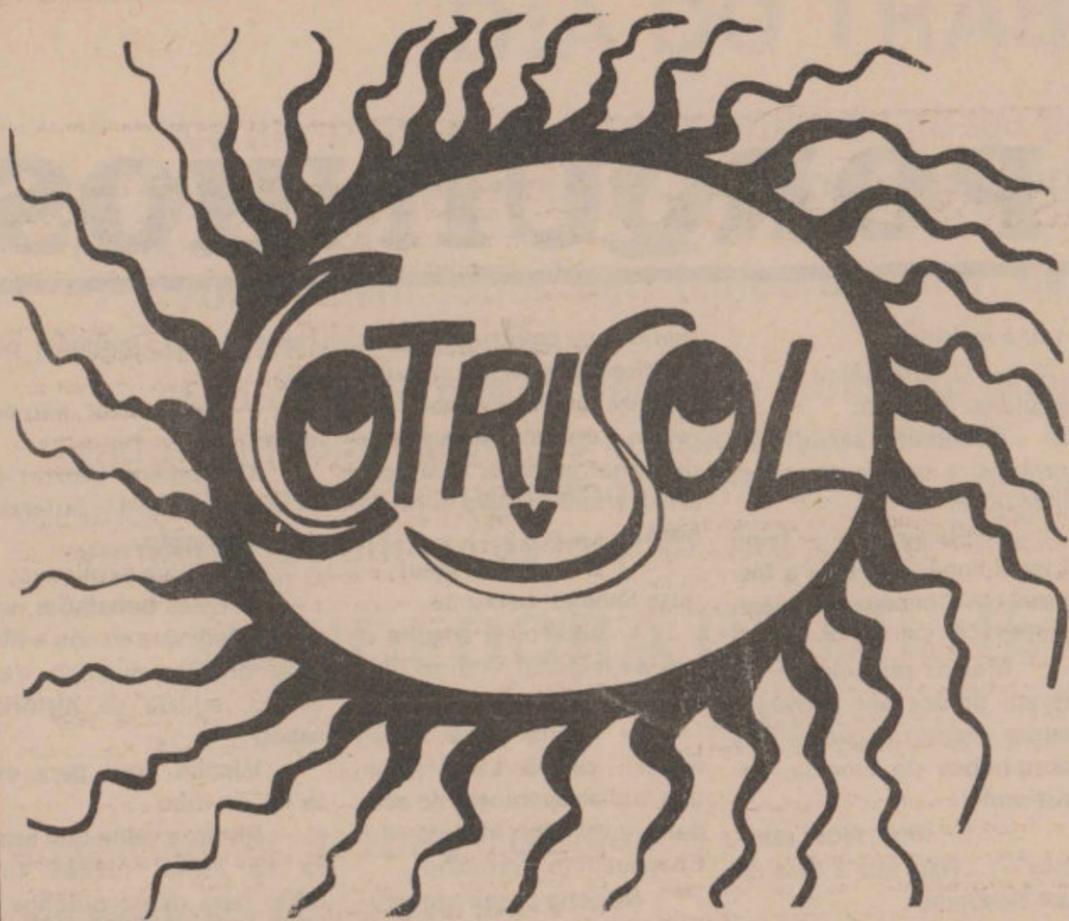


e convidados confraternizam no chamado Natal da Banda. E esta não deixa de alegrar os presentes com a interpretação de músicas apropriadas.

APÊLO À RENOVAÇÃO

Dos quase 40 músicos que participaram da banda na sua reorganização, 14 continuam fazendo parte. Dos 37 atuais componentes, 12 são agricultores e por isso se sacrificam muitas vezes, para não faltar a ensaios e apresentações. Há os que, por força de compromissos, até mesmo com outros grupos musicais, ficam as vezes impossibilitados de tocar na banda. Daí porque, explica Olivio Hermes, nem sempre é possível apresentar ao público a totalidade dos integrantes. Prevenido que não é de uma para outra hora que se renova o efetivo de uma banda, ou mesmo parte dele, é que o maestro Olivio e alguns dos músicos têm dedicado tempo em ministrar ensinamentos a principiantes, que em momento oportuno poderão passar a integrar o grupo, em substituição a músico que se transfira ou pela avançada idade deixe de tocar, ou mesmo para reforçar as fileiras da "garbosa". A propósito, os que tiverem interesse em obter informações a esse respeito, deverão tomar contato com o maestro. Segundo o professor Olivio, é motivo de orgulho envergar o uniforme da Banda Municipal "Carlos Gomes", e tanto é assim que alguns músicos estão vindo de Cruz Alta, procurando sempre adiar o momento de seu afastamento do grupo.

No ano que vem, Ijuí será sede do VI Festival de Bandas da Região Sul (RS e SC), tendo a "Carlos Gomes" como anfitriã. Desde já o maestro Olivio, responsável pela organização do Festival, manifesta confiança em que mais uma vez não faltará o apoio das autoridades e comunidade ijuíenses, para que a banda cumpra seu papel, sempre voltada para os seus objetivos nobres: incentivar o culto ao belo, elevar o bom nome de Ijuí e incrementar a arte musical. Sem vaidades pessoais, co-irmãos numa obra meritória, os músicos da "Carlos Gomes" exemplificam o que seria uma cooperativa musical, voltada em proporcionar bem estar a todos. Em troca, somente a gratidão de um povo reconhecido pelo trabalho feito.



SUPLEMENTO INFANTIL

ESCOLINHA
DE
ARTE DA

FIDENE
Maio-1977

Elaboração: Iselda S. Marita K. Viro Frantz

Alô, amiguinhos!

Neste mês de maio, provavelmente, te suas professoras, falarão sobre os dias: das Mães, do Trabalho, e dos Escravos. Nós também queremos lembrar estas datas, porque as pessoas homenageadas, foram e são fundamentais para entender e fazermos nossa história.

Esperamos que a presente edição deixe alguma mensagem a todos.

A CANÇÃO DO AFRICANO

CASTRO ALVES

Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades de seu torrão . . .

De um lado, uma negra escrava
Os olhos no filho crava,
Que tem no colo a embalar . . .
E a meia voz lá responde
Ao canto, e o tilinho esconde,
Talvez p'ra não o escutar!

"Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é bonita,
Mas a outra eu quero bem"

"Aqueles terras tão grandes,
Tão compridas como o mar,
Com suas poucas palmeiras
Dão vontade de pensar . . .

"Lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende
Como aqui, só por dinheiro."

O escravo calou a fala,
Porque na úmida sala
O fogo estava a apagar;
E a escrava acabou seu canto,
P'ra não acordar com o pranto
O seu filhinho a sonhar!

O escravo então foi deitar-se.
Pois tinha de levantar-se
Bem antes do sol nascer,
E se tardasse, cortado,
Teria de ser surrado,
Pois bastava escravo ser.

E a cativa desgraçada
Deita seu filho, calada,
E põe-se triste a beijá-lo,
Talvez temendo que o dono
Não viesse, em meio do sono,
De seus braços arrancá-lo!

Recife, 1863

APROVEITO O DIA DA
MÃE PARA SAUDAR TODAS
AS "MAMÃS"!!



... E PARA LEMBRAR A ALGUMAS
SACRIFICADAS QUE ESFREGAR,
PASSAR A FERRO, COZINHAR E
TUDO ISSO...



... NÃO QUER DIZER ESFREGAR A
VIDA, PASSAR A FERRO AS INQUIETAÇÕES,
TRITAR A PERSONALIDADE E TUDO
ISSO, COMPREENDEM?



OS TRES PORQUINHOS

A meia noite chegaram ao centro da floresta. Viram um clarão. Ouviram barulho de música. Aproximaram-se. Ficaram de boca aberta. Era uma festa de cobras. Cobras de todas as espécies, de todos os tamanhos, de todos os feitios, de todas as cores.

Os vaga-lumes, trepados em galhos de árvores, faziam o papel de lâmpadas elétricas para iluminar a festa. A orquestra era muito original. Cinco cobras pretas assobiavam e cinco cascavéis sacudiam os guizos e faziam o acompanhamento de tambor. Bem no centro dum círculo formado pelos espectadores, umas doze cobrinhas vermelhas e pretas dançavam, vestidas como bailarinas.

— Acho melhor a gente ir embora . . . — disse Sabugo.

Os outros concordaram. E se foram.

Encontraram depois uma festa de sapos. Era mais bonita do que a festa das cobras. Um banhado enorme, cheio de flores graúdas. Em cima de cada flor estava um sapo verde. Bem no centro, em cima da flor maior, via-se acororado o sapo mais gordo, que era maestro. Tinha uma batuta na mão e com ela marcava o compasso. Os outros cantavam, segurando nas mãos o livro onde estava escrita a música e a letra.

Os porquinhos ficaram encantados. Nunca tinham ouvido em toda a sua vida vozes mais bonitas. As sapos cantavam fino. Os sapos cantavam grosso. Havia um sapo barrigudo que era o baixo. Quando dava uma nota grossa, o papo dele descia e subia. E as árvores estremeciam.

O maestro fez um sinal. Os sapos se calaram. Então o sapo baixo começou a cantar sozinho, muito convencido. Enchia a barriga de vento para dar as notas mais fortes. Mas num momento engoliu tanto vento que a

barriga arrebentou com um estouro. Que susto! Os sapos saltaram todos ao mesmo tempo e afundaram na água do banhado.

Os porquinhos seguiram o seu caminho.

Tiveram a sorte de encontrar em cima duma pedra um ovo de avestruz.

— Vamos fazer uma gemada? — propôs Salsicha.

Os outros concordaram. Quebraram o ovo e despejaram a clara e a gema no chapéu de Salsicha, quero dizer: na caçarola.

— Falta açúcar! — disse Sabugo.

Lingüicinha tirou o funil da cabeça e olhou para a Lua e pediu:

— Vizinha Lua, a senhora pode nos emprestar meio quilo de açúcar?

A Lua foi à sua despesa ver se tinha ou não tinha açúcar em casa. Tinha.

— Tome! — disse ela, despejando lá do alto a sua lata de açúcar.

Salsicha ergueu o funil. O açúcar da Lua caiu no funil e escorreu para a caçarola. Com a enxada, Sabugo bateu a gemada e os três mataram a fome que já estava fazendo a barriga deles roncar.

Deitaram-se e dormiram.

No dia seguinte continuaram a caminhar.

Encontraram na estrada uma menina que estava colhendo flores, muito contente. Levava no braço um balaio e tinha na cabeça uma carapuça verde.

Os três porquinhos bateram palmas.

— Olha a Menina do Chapéuzinho Vermelho! — gritou Salsicha, que não sabia distinguir direito as cores.

— É mesmo! — disse Lingüicinha.

— É mesmo! — repetiu Sabugo.

Aproximaram-se dela.

— Cuidado com o lobo! — disse-lhe Sabugo.

— Que lobo? — pergun-

tou a menina.

— O Lobo Mau . . . — explicou Salsicha.

A menina sacudiu os ombros e continuou a colher flores.

— Eu sei . . . — falou Lingüicinha. — Tu és a Menina do Chapéuzinho Vermelho.

Mas os porquinhos estavam doidos por entrarem numa aventura igual à dos porquinhos do cinema. Insistiram:

— É sim! Nós sabemos . . . Não vais à casa da tua avozinha?

— Vou — respondeu a menina.

— Pois é — continuaram os porquinhos. — O lobo comeu a tua vovó. Nós somos os três irmãos valentes e vamos salvar a tua vida e a de tua vovó.

A menina desatou a rir e disse:

— Nunca vi três porquinhos mais bobos em toda a minha vida! Ai! Ai! Vocês prestam assadinhos no forno, enfeitados com salsa e rodelinhas de limão! Ai! Ai!

Saiu pulando e cantando.

Os porquinhos ficaram muito desiludidos. Mas resolveram seguir a menina de carapuça verde.

Viram que ela entrava numa casa de telhado vermelho. Espiaram pela janela. Ficaram muito assustados, porque em cima da cama,

metida nas cobertas, só com a cabeça de fora, estava uma criatura horrível. Olhos fezzos. Cara enrugada. Mãos de unhas grandes. Dentuças afiadas saindo para fora da boca.

— É o Lobo Mau! — disse Sabugo, baixinho.

— Decerto já engoliu a avó da menina! — disse Salsicha.

— Vamos salvar a pequena! — propôs Lingüicinha que tinha esperanças de acabar noivo da Menina do Chapéuzinho Vermelho.

Salsicha pegou um pau. Lingüicinha agarrou duas pedras. Sabugo segurou firme a sua enxada. Entraram na casa.

Chapeuzinho Verde estava conversando com o lobo. A voz do lobo era assustadora.

Os três irmãos avançaram. Um levantou a enxada. O outro ergueu o porrete. O mais moço fez pontaria com uma das pedras . . .

E, de repente, saiu do canto da sala um homem muito grande, armado dum rebenque:

— Corja de vagabundos! Que é que vocês estão fazendo na minha casa?

E começou a surrar os irmãos. Lept! Lept! Lept!

Os três porquinhos romperam a gritar e a correr. Queriam fugir, mas a porta estava fechada com o trinco. Ficaram os três num canto, de joelhos, tremendo de

mãos juntas, pedindo perdão:

— Seu Doutor, não nos mate!

O homem cruzou os braços. Estava bufando, muito zangado.

A menina explicou:

— Esses bobalhões, você, pensam que eu sou a Menina do Chapeuzinho Vermelho, aquela da história, sabes?

Vieram aqui para me salvar do lobo . . .

Então a velha que estava na cama, fuzilou um olhar para os porquinhos e disse:

— Seus marotos! Então me acharam parecida com o lobo, hem?

Os três porquinhos choravam. O homem do rebenque prometeu que não lhes faria nada se eles prometessem ficar morando direitinhos e comportados no seu chiqueiro. Os três irmãos prometeram.

E hoje lá vivem eles, sem pensar mais em aventura. A Menina do Chapeuzinho Verde sempre vai ler-lhes histórias de heróis e exploradores.

Sabugo, Salsicha e Lingüicinha estão muito satisfeitos.

Sentem-se felizes.

E eu mesmo acho que a vida que eles levam agora no novo chiqueiro é mesmo muito boa.

Pelo menos enquanto não chegar o Natal . . .



DIA DO TRABALHO

No dia 1º de maio, todo mundo dirige seu pensamento para o trabalhador. Doutores, comerciantes, industriais, operários . . . todos são homenageados neste dia.

Porém nem todos têm tempo de parar, de se emocionar frente às homenagens recebidas neste dia.

É o caso do pobre, porque o tempo do pobre é escasso; ele precisa aproveitar todos os momentos para conseguir sobreviver. É o caso de algumas profissões, esquecidas durante todo ano, e, muitas vezes desprezadas pelas pessoas. É o caso do vendedor de bilhete de loteria.

VENDEDORA DE BILHETES DE LOTERIA

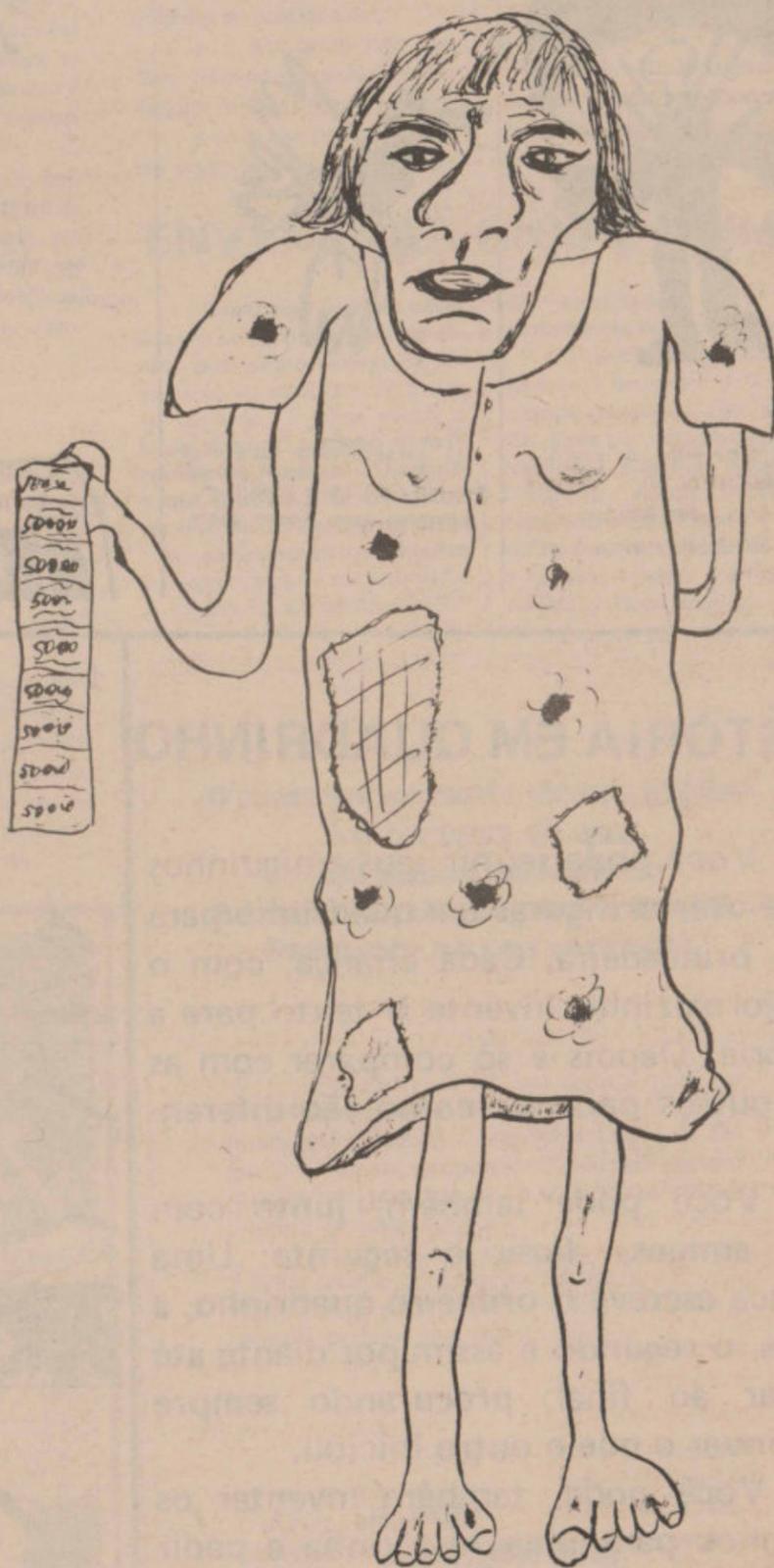
Raul Machado

Aquela mulher, de olhos tristonhos
que vende sortes de loteria,
fala em riqueza, promete sonhos,
com o "prêmio grande" que tem na mão . . .
E assim, (contraste feito ironia!)
numa indigência, que mal encobre,
fala em riqueza quem é tão pobre!
Promete ouro quem não tem pão!

De rua em rua, na amarga luta,
com o olhar sumido, que o pranto molha,
e a voz tão baixa, como uma prece . . .
Passa um banqueiro, que não a olha;
passa um soldado, que não a escuta;
passa um poeta, que ela entristece.

Se a chuva cai, não lhe importa a roupa
que até se lava com a chuva forte.
Só os bilhetes é que ela poupa!
Nem a doença lhe dá cuidados,
pois a pobreza não teme a morte . . .

A noite chega. E ela, vencida
do ingrato ofício na luta em vão,
retorna à casa, desiludida,
depois de haver, por um dia inteiro
vendido aos outros tanta ilusão!





Aqui foi uma corrida de lancha.

A que ganhou foi a nr 2.



Este homem estava torcendo para a numero 2.



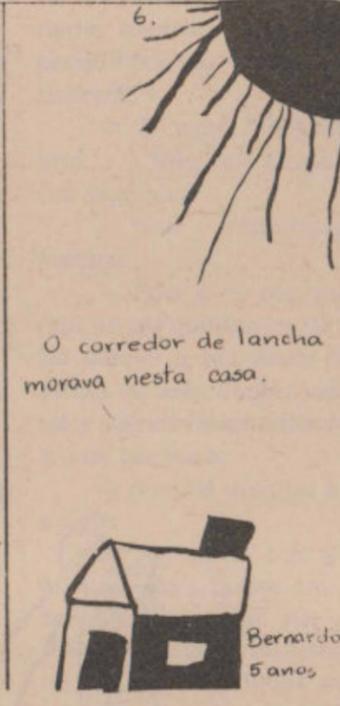
Aí, veio o avião e saltou o paraquedista.



Foi abrindo o para-queda e saltou!



O passarinho tava voando no céu, viu aquilo e pensou que fosse avião.



O corredor de lancha morava nesta casa.

Bernardo 5 anos

CANÇÃO DE NINAR DO JOÃOZINHO PESTANA

Silêncio! É noite! Dormem as flores e sobre as hastes tombam as corolas, como cabeças de crianças sondentas! A brisa agita a árvore, que murmura: Dorme, dorme, minha criança, meu benzinho, adormeça!

Joãozinho Pestana vem devagarinho espiar se a criança está acordada para pingargotas mágicas de sono e trazer belos sonhos à meninada. Dorme, dorme, minha criança, meu benzinho, adormeça!

Os pássaros procuram os ninhos, o grilo na seara canta ainda, parece uma orquestra de sininhos, enchendo o ar com sua melodia: Dorme, dorme, minha criança, meu benzinho adormeça!

HISTÓRIA EM QUADRINHO

Você pode reunir seus amiguinhos e até usar as figuras em quadrinho para uma brincadeira. Cada criança, com o seu jornalzinho inventa o texto para a história. Depois é só comparar com as dos outros para ver como são diferentes.

Você pode também, junto com seus amigos, fazer o seguinte: Uma criança escreve o primeiro quadrinho, a outra, o segundo e assim por diante até chegar ao final, procurando sempre continuar o que o outro iniciou.

Você pode, também inventar os desenhos para uma historinha e pedir para um amiguinho escrever os quadrinhos...

